



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU

INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA - ILEEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

MESTRADO ACADÊMICO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

QUESIA FERREIRA DA SILVA

**LIMA BARRETO E SEU DUPLO PROVÁVEL EM *RECORDAÇÕES DO
ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA***

UBERLÂNDIA - MG
2017

QUESIA FERREIRA DA SILVA

**LIMA BARRETO E SEU DUPLO PROVÁVEL EM *RECORDAÇÕES DO
ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Literários

Área de concentração: Estudos Literários

Linha de Pesquisa: Literatura, memória e identidade

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Suzana Moreira do Carmo

UBERLÂNDIA - MG
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586L Silva, Quesia Ferreira da, 1980-
2017 Lima Barreto e seu duplo provável em Recordações do escrivo
Isaiás Caminha / Quesia Ferreira da Silva. - 2017.
102 f. : il.

Orientadora: Maria Suzana Moreira do Carmo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.953>
Inclui bibliografia.

1. Literatura - Teses. 2. Literatura brasileira - História e crítica -
Teses. 3. Barreto, Lima, 1881-1922 - Crítica e interpretação - Teses. I.
Carmo, Maria Suzana Moreira do. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. III.
Título.

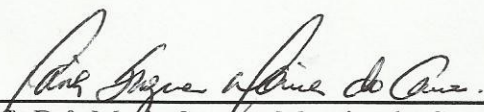
CDU: 82

QUESIA FERREIRA DA SILVA

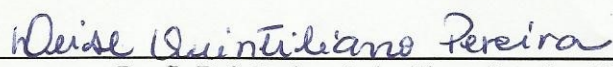
LIMA BARRETO E SEU DUPLO PROVÁVEL EM *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIÁS CAMINHA*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Literários

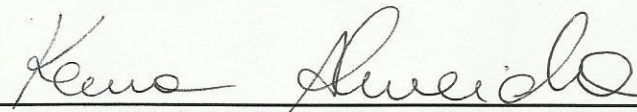
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Maria Suzana Moreira do Carmo (UFU)
Orientadora/Presidente



Prof.ª Dr.ª Deise Quintiliano Pereira (UERJ)
Examinadora



Kênia Maria de Almeida Pereira (UFU)
Examinadora

Uberlândia, __ de _____ de 2017.

Resultado: _____.

À minha amada mamãe, Dalma Olívia, que durante esse meu trabalho enfrentou um câncer de mama, forte e lutadora como ela sempre foi e me ensinou a ser. Que enfrentou a perda do pai tão querido, Geraldo, e, ainda, a perda do irmão Paulo. Mesmo com todas essas perdas ela continua sendo uma verdadeira guerreira, uma vencedora. Mostrou-se firme e amparou a mim e os meus todos os dias. Dedico a ela, que é meu porto seguro, meu melhor abraço, o colo quentinho. A ela que está sempre presente e que Deus escolheu para ser a guardiã do amor incondicional e distribuir esse amor a nossa família todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por não me permitir desistir, por fortalecer minha fé diariamente, mesmo diante de tantos incrédulos. Por guiar meu caminho e me amparar diante das dificuldades e consolar meu coração quando este esteve em frangalhos. Por me fazer forte quando minha mãe mais precisou. A Ele, toda a minha devoção e agradecimento.

À minha querida orientadora professora Maria Suzana Moreira do Carmo, pela partilha, paciência, persistência e excelência, que me conduziram a uma escrita melhor a cada orientação. Minha admiração por seu conhecimento e pela sua maneira como exercer sua docência.

Ao professor Fábio Figueiredo Camargo por aprimorar meu entendimento acerca do mundo e das pessoas com suas aulas.

À professora Marisa Martins Gama Khalil pelo apoio, compreensão, afeto e entrega no exercício do magistério, pelas aulas esclarecedoras e ricas para a continuação do trabalho.

À professora Joana Luiza Muylaert de Araújo por me apresentar Marcel Proust e sua *madelaine*, que tanto me encantou em “*À la Recherche du Temps Perdu*”.

À Secretaria do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – Níveis de Mestrado e Doutorado - PPLET/ ILEEL/ UFU, em especial Maiza Maria Pereira e Guilherme Gomes pelo apoio e solicitude.

À Secretaria Municipal de Educação de Nova Ponte, aos colegas da Escola Municipal São Miguel pelo ambiente institucional que possibilitou a conclusão dessa pesquisa.

Aos meus queridos alunos, que me alimentam diariamente de alegria e energia. Que me permitem estar sempre jovem e interessada na vida e no ser humano.

Aos amigos que o Mestrado me trouxe: Antônio Machado, por sempre ter uma palavra de carinho; Gabriel Jodas, por sua mente inquietante e o carinho distribuído; Edson, pela doçura das palavras; Lilliân Borges, por estar sempre disposta a tirar as dúvidas da turma; Lucellia Lima, pelo carinho para comigo, por me acolher e me abraçar sempre que precisei; Juliana França, por trazer alegria e vida as nossas aulas; Alessandra Lara, por ser uma mulher forte, guerreira e determinada, uma sobrevivente; Nayara e Ângela pelas longas conversas em casa e pela troca de experiências; Maria Flávia, por dividirmos ideais e sonhos; Angélica, minha doce menina, tão jovem, tão madura, tão inteligente, obrigada por estar sempre ao meu lado desde o primeiro momento desse caminho acadêmico, por dividirmos as alegrias e as angústias, pelo vínculo que ficará pela vida.

Aos meus primos queridos Izabel Fernandes, Misael Fernandes e Lígia Gundim, por fazer a vida ser mais leve a cada encontro, pelas risadas descontroladas e os jantares regados a um bom vinho.

À minha amiga Emanuelle, por estar sempre ao meu lado, me encorajando a continuar, mesmo quando minha vontade era desistir, por trazer ao mundo a linda Monalisa, que alegra os meus dias e por confiá-la a mim.

À minha amiga Professora Mestre Eloize Lemos Davi que me ajudou, incentivou e amadrinhou durante todo esse período acadêmico.

À minha família, em especial meu pai Edson Modesto pelo amor e carinho, mesmo estando longe. À minha Irmã Querem Pricila por cuidar de nossa mãe nos momentos que estive ausente. Ao meu padrasto Antônio pelo carinho e dedicação. À minha bela sobrinha Lara Godói que divide comigo meus sonhos e acredita em minha competência.

Ao meu avô Geraldo (*in memoriam*) que infelizmente não pode estar presente nesse momento da minha vida, mas que sempre será meu exemplo de fé, força e honra.

À minha tia Olívia por me amar como uma filha.

À minha amada mãe Dalma Olívia, por seu amor incondicional e sua crença em mim me leva além do que sonho, por me ensinar a ser forte, a levantar a cabeça, a acreditar em Deus acima de todas as coisas, a ver sempre o lado bom das coisas, mesmo quando tudo indica o contrário. Por me ensinar a me resignar diante daquilo que não posso mudar e a me reconciliar comigo, me livrando da culpa e abrindo o coração para que novas coisas, diferente daquelas que planejei para mim, aconteçam.

Ao meu noivo Lucas Naresse Falcetti, meu príncipe, meu companheiro, meu amor, meu amigo, por estar sempre ao meu lado nos melhores momentos e, principalmente, nos momentos mais difíceis, por secar minhas lágrimas, que foram muitas durante esse processo, por ler meu texto mesmo não entendendo nada desse assunto, por embarcar nos meus sonhos encantados, por patrocinar meus desejos mais pueris. Por me amar, me acalmar e encher minha vida de alegria.

É o meu hábito e, também, é o meu ofício. Durante muito tempo tomei minha pena por uma espada: agora, conheço nossa impotência. Não importa: faço e farei livros; são necessários; sempre servem apesar de tudo. A cultura não salva nada nem ninguém, ela não justifica. Mas é um produto do homem: ele se projeta, se reconhece nela; só esse espelho crítico lhe oferece a própria imagem. De resto, esse velho edifício ruinoso, minha impostura, é também meu caráter: a gente se desfaz de uma neurose, mas não se cura de si próprio.

(SARTRE, 1984, p. 182).

RESUMO

Esta dissertação compreende a análise literária de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, romance inaugural de Afonso Henriques de Lima Barreto, publicado integralmente em 1909. Com uma linguagem pré-modernista, a obra evidencia a crítica de Lima Barreto à hipocrisia da sociedade brasileira, precisamente à cidade do Rio de Janeiro, que passava por um processo de reurbanização à francesa e limitava declaradamente a participação de negros e mulatos em todos os segmentos sociais. Lima Barreto, assim como seu personagem Isaías Caminha, era mulato, sofreu preconceitos e buscou denunciá-los em sua escrita. O caráter “personalíssimo” atribuído pelo crítico José Veríssimo à obra, caracteriza-a como um romance autobiográfico por traçar paralelos entre as lembranças do narrador-personagem e a biografia do autor. Partindo dos conceitos referentes ao *pacto autobiográfico* e à *escrita de si*, desenvolvidos, respectivamente, por Philippe Lejeune e Michel Foucault, este trabalho visa redimensionar as correspondências que foram até então estabelecidas entre os dados biográficos do autor e as peculiaridades que conformam a personagem. A análise evidencia, portanto, os elos existentes entre ambos – centrados, a priori, em suas trajetórias pessoais e no ativismo contra as denúncias das discriminações de ordem econômica, social e étnica, próprias do início da Primeira República – e enfatiza as rupturas que apartam o cunho autobiográfico e faz prevalecer a ficção, levando-nos a reunir elementos significativos que corroboram com a relativização da assertiva que propõe Isaías Caminha como um duplo de Lima Barreto.

Palavras-chave: *Recordações*; Lima Barreto; romance autobiográfico; escrita de si.

ABSTRACT

Recordações do Escrivão Isaías Caminha, the first novel of Alfonso Enriques de Lima Barreto, integrally published in 1909, bases the literary analysis on this study. Lima Barreto's novel, with a pre-modernist language, evidences criticism to Brazilian society hypocrisy, especially in Rio de Janeiro, which were in a reurbanization process inspired in French; therefore, black people and mulattoes were clearly restricted in all social segments. Lima Barreto as the character Isaías Caminha, was mulatto, suffered prejudices and denounced them in his writing. José Veríssimo stated the novel has a "very intimate" character and classified it as an autobiographical novel because of similarities between the narrator-character's memories and the author's biography. This paper aims to resize correspondences between the author's biographical data and peculiarities that make up the main character; based on the concepts of Philippe Lejeune, the autobiographical pact and Michel Foucault, the self-writing. Thus, the analysis shows links between Lima Barreto and Isaías Caminha – first, centered on their personal trajectories and activism, denouncing economic, social and ethnic discriminations in the beginning of First Brazilian Republic – and then emphasizes ruptures, which separate the autobiographical character and makes prevail fiction, leading to join significant elements for the proposition of Isaías Caminha as Lima Barreto's double.

Keywords: Memories; Lima Barreto; Autobiographical novel; Self-writing.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Capa da primeira edição de *Recordações*, publicada em 1909;

Imagem 02 – Capa da primeira publicação do periódico “Floreal”, fundado por Lima Barreto em 1907;

Imagem 03 – Casa onde Lima Barreto viveu por nove anos, na Ilha do Governador, município do Rio de Janeiro;

Imagem 04 – Foto de entrada de Lima Barreto no Hospital Nacional dos Alienados, em 1914;

Imagem 05 – Rio de Janeiro durante a Reforma Pereira Passos (1902-1906);

Imagem 06 – Rua do Ouvidor, centro do Rio, em 1899;

Imagem 07 – Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, em 1941;

Imagem 08 – Avenida Rio Branco, no centro do Rio, em 1908.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - VIDA DE PRECONCEITOS, LITERATURA ENGAJADA	21
1.1 Literatura engajada e militante contra o preconceito racial.....	22
1.2 O mulato pobre que denuncia: rastros de denúncia nas produções barretianas.....	36
1.3 Ecos da <i>Belle Époque</i> no Brasil e no Rio de Janeiro.....	46
CAPÍTULO 2 - REALIDADE E FICÇÃO, VIDA E OBRA.....	62
2.1 <i>Recordações</i> : literatura e engajamento.....	63
2.2 Aproximações entre autor e narrador em <i>Recordações</i>	66
2.3 Duplo provável: literatura e subjetividade.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	96

INTRODUÇÃO

“[...] Onde queres família, sou maluco
 E onde queres romântico, burguês
 Onde queres Leblon, sou Pernambuco
 E onde queres eunuco, garanhão
 Onde queres o sim e o não, talvez
 E onde vês, eu não vislumbro razão
 Onde o queres o lobo, eu sou o irmão
 E onde queres cowboy, eu sou chinês [...]”
 (VELOSO, 1984).

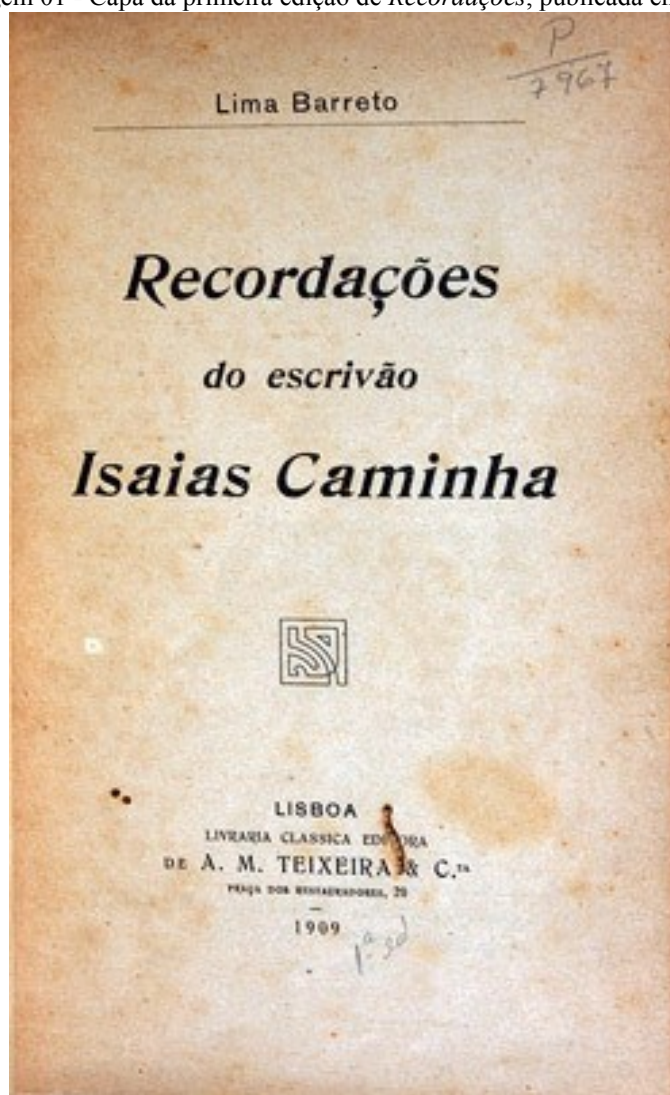
Esta pesquisa nasce de duas pulsões individuais que revelam muito de mim, quais sejam: o deslumbramento pela cidade do Rio de Janeiro e a sua dinâmica e a polêmica causada por uma obra literária sempre que discutida em sala de aula, *Recordações do escritor Isaiás Caminha* provoca o exercício imaginativo acerca da dinâmica carioca: as ruas, as praças, as confeitarias, a vida boêmia, o pulsar de uma capital. Antes mesmo de conhecer o Rio de Janeiro, conseguia vislumbrar, do alto de meus pensamentos, aromas, cores, formas e sotaque da cidade que foi a primeira capital brasileira e, até os dias atuais, apresenta-se como centro comercial, cultural, político e econômico do Brasil. A admiração pelo Rio, aliada ao desejo de provocar o debate acerca de temáticas polêmicas, fez-me levar para dentro da sala de aula a obra de Lima Barreto, o que ocasionara debates sobre preconceito racial, mobilidade social, engajamento político, dentre outros aspectos socioculturais.

Diante deste cenário, em processo de seleção para o Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia, decidi que proporia uma análise da obra literária barretiana já conhecida por mim e compartilhada entre os meus alunos. Poderíamos dizer que a problemática central desta proposta investigativa seja o reconhecimento de que Lima Barreto fez refletir em sua obra uma sociedade plural, hipócrita e preconceituosa que constituía, na época, a cidade do Rio de Janeiro e buscou, através do ofício de escritor e jornalista, expor as mazelas sócio-políticas dessa capital, assim como os seus traços identitários. O autor possuía a coragem e as características que a sociedade elitizada desprezava: era mulato e pobre.

O Brasil foi palco de grandes transformações socioeconômicas e culturais no início do século XX. Em uma época de transição, alguns intelectuais inauguravam no país uma série de inovações culturais, sociais, políticas e ideológicas. Lima Barreto, ao publicar *Recordações do Escritor Isaiás Caminha*, instituiu uma ruptura dos paradigmas vigentes na época. Seu objetivo era chocar e escandalizar a elite aristocrática e os críticos literários, como ele mesmo explica em carta a um colega das letras em 1911: “Mande as Recordações do Escritor Isaiás Caminha [...] Espero muito nele para escandalizar e desagradar, e temo, não que ele te escandalize, mas que te desagrade”. Segundo Francisco de Assis Barbosa (2010, p. 43), Lima

Barreto “há de ser sempre o autor de um romance de escândalo”. Em 1907, o autor funda o periódico “Floreal” e publica os primeiros capítulos do romance, conforme esclarece Carmem Lydia de Souza Dias em texto que compõe a segunda edição do livro em questão. Lima Barreto não foi o primeiro, não foi quem inaugurou a ênfase dada aos pobres, excluídos e marginalizados na literatura brasileira, como demonstra Schwarz (1983), mas o fez com intensidade e afinco.

Imagem 01 - Capa da primeira edição de *Recordações*, publicada em 1909



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural (<https://goo.gl/XDaiXP>)

É certo que uma obra que pretende escandalizar e desagradar uma sociedade com preconceitos arraigados e históricos seria capaz de gerar um denso problema de pesquisa. Carregando a amargura e o sentimento de injustiça vivido por ele, o mesmo atribuía seus infortúnios ao fato ser mulato e pobre, e disso decorre ser, provavelmente, alvo de injustiças pela imprensa pretérita. Em várias obras nos deparamos com coincidências de traços

equivalentes entre o caráter, tristezas, amorosidades do autor com suas personagens. Ser um sujeito constantemente submetido às discriminações e condições desumanas fizeram com que Lima Barreto atuasse com empenho na militância, voltada para os embates acirrados sobre um país desigual. O romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* trouxe não só um caráter ideológico defensável pelo autor, mas, também reproduziu alguns pontos semelhantes entre Isaías Caminha e Lima Barreto.

No romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto destaca o espaço urbano do Rio de Janeiro, símbolo da modernidade da época, buscando abordar questões acerca da sociedade brasileira. Sob os olhos de Isaías Caminha, Lima Barreto constrói a cidade do ponto de vista do excluído, do mestiço que idealiza a cidade como espaço de conhecimento e saber.

Isaías Caminha é um jovem mulato que sai do interior em direção à capital em busca de sucesso, acreditando que sua boa reputação nos estudos lhe garantiria reconhecimento e uma vida mais digna. Desde pequeno teve “anseios de inteligência”, sempre fora bom aluno e tirara boas notas e isso fez com que aumentasse sua vontade de ter um diploma. Admirava a inteligência do pai, a aptidão como falava sobre os assuntos e a forma como regia as questões da linguagem. Isaías queria ser assim, pois via nisso o caminho para a cidadania. O diploma de “doutor” lhe garantiria o respeito, o direito a voz: “Ah! Seria doutor! [...] Quantas prerrogativas, quantos direitos especiais, quantos privilégios esse título dava” (BARRETO, 2010, p.75-76).

A mudança para o Rio de Janeiro se dá com os conselhos de um tio e uma carta de recomendação do Coronel Belmiro direcionada ao deputado Castro, que certamente lhe conseguiria um bom emprego garantindo assim o sustento na capital e possibilitando meios para realizar o sonho de se tornar médico, reconhecido e respeitado. Para Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo (1998, p. 64), “nessa perspectiva vem à tona uma função da palavra, intermediária entre os círculos do poder e o indivíduo, a indicação formal de alguém a um cargo ou função, não por mérito, mas por favor”.

Entretanto, a vida de Isaías Caminha na cidade grande não foi tão fácil como ele imaginara, tendo sofrido com o preconceito, com a falta de um emprego que lhe garantisse o sustento, ele é até preso injustamente. Não tendo acesso aos privilégios da sociedade, vê-se cada vez mais desiludido e desencantado com a nova República e com a cidade do Rio de Janeiro. Já quase desistindo de sua luta, Isaías, ajudado por um jornalista estrangeiro, consegue um emprego de contínuo no jornal oposicionista “O Globo”, composto por jornalistas inescrupulosos e gramáticos puristas.

Já envolvido nesse ambiente, Isaías Caminha acompanha, de perto, o prestígio que cronistas e repórteres possuíam junto à população. Mesmo trabalhando e agora garantindo seu sustento, continua a ser “invisível” para os colegas do jornal. Sua situação começa a melhorar quando descobre que o editor-chefe do jornal teria uma amante. A partir daí, passa da condição de contínuo para a de repórter da Marinha brasileira, cargo de muita estima para os oficiais que pretendem emplacar notícias favoráveis na imprensa.

A reviravolta no destino de Isaías a princípio é satisfatória, chega a dizer que os primeiros dias como repórter foram os melhores em sua vida: “nos meus primeiros meses de reportagem foi quando amei mais ativamente a vida” (BARRETO, 2010, p. 288), no entanto, aquele ambiente não preenche os vazios que tinha na alma. Ele sentia-se diferente de todos, não se encaixava naquele lugar. Certo dia, envolvido por reflexões, Isaías compara o seu presente com os sonhos, as utopias de sua juventude. A comparação gera decepção, conforme pode ser observado a seguir:

Sentia-me desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser vulgar assecla e apaniguado de um outro qualquer. Tinha outros desgostos, mas esse era o principal. Por que o tinha sido? Um pouco devido aos outros e um pouco devido a mim (BARRETO, 2010, p. 302).

Como o próprio nome da obra indica, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*¹ é um romance composto pelas memórias da personagem Isaías, que recorda fatos vivenciados por ele desde sua infância. O ponto de partida que desencadeia essas lembranças e faz com que ele descida registrá-las é o fato de ter lido, por acaso, em um periódico nacional, um artigo que considerava as pessoas negras sem inteligência.

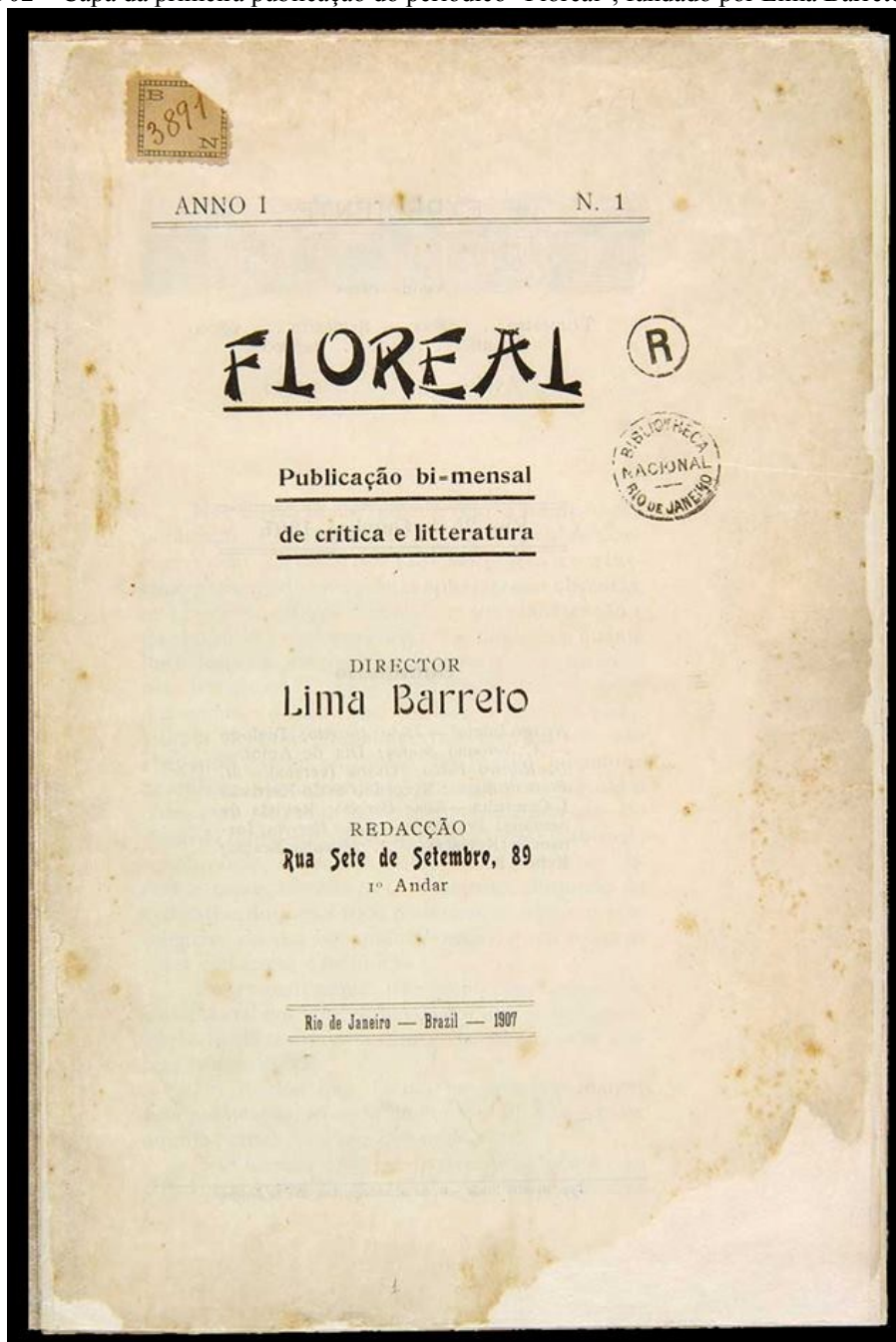
Antes de publicadas como livro, as *Recordações* saíram em folhetim na revista Floreal, que era um periódico de formato pequeno, com edições entre 39 e 56 páginas. Surgiu pela primeira vez a 25 de outubro de 1907, sob a direção de Lima Barreto e colaboração de outros escritores, amigos do literato. De acordo com Francisco de Assis Barbosa (1981, p. 54), “o plano da revista foi traçado, com certeza, numa das mesas do Jeremias, do Café Papagaio ou de qualquer outro café do Rio de Janeiro, onde se reuniam os literatos do tempo”.

A revista se classificava como “individualista”, sem grandes nomes literários. Tinha como objetivo publicar os textos daqueles que não tinham vez nos grandes jornais e revistas

¹ A partir daqui nos referiremos à obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, apenas como *Recordações*.

do momento. Era “um produto típico da nossa mentalidade artística e literária da época”.
(BARBOSA, 1981, p. 130)

Imagem 02 – Capa da primeira publicação do periódico “Floreal”, fundado por Lima Barreto em 1907



Fonte: Blog sobre Literatura Brasileira (<https://goo.gl/PNrYnu>)

Lima Barreto revelou-se mordaz logo no artigo de apresentação. Alertava os leitores que não encontrariam ali o que geralmente procuravam em revistas. O intelectual, acometido de um sentimento de missão, atribuía à Floreal, um espaço de divulgação do trabalho de

outros escritores que não se rendiam aos meios de comunicação vigentes. Assim escreve em seu artigo de estreia:

Faltam-lhe nomes, grandes nomes, desses que enchem o céu e a terra, vibram no ether imponderável, infelizmente não chegando a todos os cantos do Brasil; faltam-lhe desenhos, photogravuras, retumbantes páginas a cores com chapadas de vermelho – matéria tão do gosto da intelligencia econômica do leitor habitual; e, sobretudo, o que lhe há de faltar, será um director capaz, ultra-capaz, maneiroso, dispondo da sympathy do jornal todo poderoso, e sábio nas sete sciencias da rua Benjamin Constant e em todas as artes estheticas e technicas (FLOREAL, nº 1, p. 3).

Lima Barreto depositava na pequena revista a esperança de se firmar como escritor e a oportunidade de publicar sua grande obra: *Recordações*, esta que estava guardada há quatro anos. A revista foi uma tentativa de se criar um veículo de comunicação especializado em literatura. O grupo de colaboradores da Floreal estava comprometido com a crítica social e em trazer ensaios filosóficos, literários e científicos, debates sobre assuntos atuais, trechos de obras inéditas e ainda resenhas de livros. Enfim, “nomes dispostos a dizer abnegadamente as suas opiniões sobre tudo o que interessar a nossa sociedade, guardando as conveniências de quem quer ser respeitado” (FLOREAL, nº 1, p. 4).

Mesmo com conteúdos julgados por seus colaboradores essenciais à sociedade, a revista não foi adiante. Em 31 de dezembro de 1907 é lançado o quarto e último exemplar do periódico, sendo esse o maior deles, com 56 páginas. O seu insucesso pode ser atribuído às poucas vendas devido a uma distribuição relapsa e, também, à falta de atrativos gráficos.

Muitos estudos já foram realizados considerando a temática da autobiografia ficcional de Lima Barreto e Isaías Caminha, a saber os de Fantinati (1978), Florencio (2010) e Antonio (2014). Existem, ainda, trabalhos como os de Bezerra (2010), Lopes (2010), Moura (2010), Noronha (2013) e Sant’Anna (2008), que debatem acerca de temáticas como anarquismo, antipatriotismo, crítica educacional, intelectualidade, literatura militante e crônica política na obra barretiana, mas não dão respostas às questões que nortearam essa pesquisa. Ela busca encontrar os paralelos que ligam Lima Barreto a Isaías Caminha e, também, o que distancia os dois através da escrita. Sabe-se que Lima Barreto usou da escrita como arma de luta, mas e Isaías? Teria ele a mesma intenção? Quando observamos Isaías, no início de suas recordações, vemos um jovem pobre, mulato, admirador do pai, que é branco e inteligente, e que sente pena da mãe negra, que se apresenta como serva. Essa atitude de Isaías seria semelhante a de Lima Barreto? Nesse primeiro momento já podemos perceber um certo distanciamento de personagem/autor? Sabe-se que o meio familiar de Isaías deu-lhe motivos para estudar com afinco, com objetivo de ser instruído e galgar os louros do título de doutor. Isaías é um jovem

sonhador e esforçado nos estudos, pois acredita ser esse o meio de alcançar o respeito da sociedade que discriminava pobres e negros. Esse sentimento de Isaías pode ser observado em Lima Barreto, que também se esforçara nos estudos, primeiramente, por ser algo que seu pai muito queria e, depois, por ele mesmo. Porém, Lima Barreto muito criticava esse posicionamento da sociedade de que o título de doutor colocaria o indivíduo em um patamar superior. Em várias de suas crônicas, vimos um Lima Barreto atacar fervorosamente os diplomados. Esse posicionamento pode ser observado na crônica “A Universidade”, que compõe o livro “Feiras e Mafuás”, quando comenta sobre a intenção do governo em criar no Rio de Janeiro uma universidade:

Um estudo nesse sentido exigiria um trabalho minucioso de exame de textos de leis e regulamentos que está acima da minha paciência; mas era bom que alguém tentasse fazê-lo, para mostrar que a doutomania não foi criada pelo povo, nem pela avalanche de estudantes que enche as nossas escolas superiores; mas pelos dirigentes, às vezes secundários, que a fim de satisfazer preconceitos e imposições de amizade, foram pouco a pouco ampliando os direitos exclusivos do doutor (BARRETO, 1956, p. 24-25).

Isaías segue para a capital ciente dos desafios que enfrentaria, porém confiante que sua inteligência bastaria para posicionar-se na sociedade. Logo, percebe que não seria, tão fácil. Assim como para Lima Barreto o caminho não foi fácil. No entanto, vejo um Isaías que acaba se conformando com a situação, servindo-se dos favores que lhe garantissem melhores condições. Ao final, quando pensamos que Isaías, enfim, buscaria algo de grande em sua vida - quando abandona o serviço no jornal e busca um serviço de escrivão em uma cidadezinha do interior – nos é contado, por Lima Barreto, no prefácio de sua segunda edição em 1916, que passados dez anos, Isaías não era mais escrivão, não se importara mais com as recordações e nem com as letras e seria deputado. Para Lima Barreto, a política era algo que não apreciava e dizia jamais se meter. Então, questiono: Seria Isaías um duplo sombrio de Lima Barreto, que sonhou com um mundo melhor, mas foi convencido pelo sistema que isso não seria possível e o legitimou? Seria Isaías um covarde, negador de sua origem e raça? E Lima Barreto, o que buscou criando essa personagem?

O nosso objetivo geral foi, portanto, compreender a relação existente entre a vida de Lima Barreto e a obra *Recordações*. Mais especificamente, objetivamos a: a) contextualizar de modo histórico e literário a obra analisada, tecendo considerações sobre a produção literária pré-modernista e o Rio de Janeiro da Primeira República; b) compreender as questões em torno da escrita de si, relacionando a obra de Lima Barreto com ocorrências de sua própria

vida e c) tratar, de maneira sociológica, de questões culturais e sociais presentes tanto na obra quanto na vida de Lima Barreto, uma vez que o autor tratou sobre temas como o racismo, pobreza, nepotismo, apadrinhamento, ostentação intelectual, feminismo, futebol, economia, sociedade, política, corrupção, dentre outros. Os nossos objetivos partiram da premissa de que Lima Barreto utilizara a escrita como um instrumento para refletir esses assuntos e elevar a crítica a um nível produtivo e racional. Realizar esta interpretação exigiu do romancista compreender a moldura sociocultural da primeira fase do governo republicano. O reconhecimento literário das obras só apareceu anos mais tarde, após aprofundadas análises sobre a linguagem empregada pelo autor para narrar a nação dos excluídos.

Ambos, apesar de estarem, inevitavelmente, no interior de suas dinâmicas sociais, se rebelaram contra um *status quo* preconceituoso e excludente, que relegava o negro e o pobre à margem, em atitude amplamente respaldada pela teoria, ainda em vigor à época, do racialismo, ou racismo científico. A ideia que desenvolveremos neste trabalho consiste na apreensão de Isaías Caminha como um “duplo provável” de Lima Barreto a partir da análise dos percursos do indivíduo e da personagem, que alternam atuações de militância e alienação, reflexão e submissão, certeza e dúvida, e os papéis de jornalista e escrevinhador, refletindo pulsões, desejos, tal qual a citação de Caetano Veloso que inaugurou esta seção. “Duplo” porque estamos falando de autor e personagem, e de uma obra que coloca a história do autor em (des)encontro com a da personagem; “Provável” porque não podemos afirmar que a história da personagem seja a história de vida do autor, uma vez que Lima Barreto nunca afirmou serem as *Recordações* uma autobiografia, inexistindo o pacto autobiográfico explicitado por Lejeune (2014).

Em minha experiência pude observar reações a respeito da leitura de *Recordações*, que se dividiam entre os que condenavam Isaías e entre os que o defendiam. Certamente, na época em que vivia Lima Barreto, puseram as pessoas a se dividirem entre aqueles que endossavam e os que criticavam a sua engajada produção. Entre aqueles que o criticavam, estava o mais admirado e respeitado crítico literário da época, José Veríssimo, que, conforme elucidada Nogueira (2010), foi o responsável pelo insucesso da repercussão crítica do romance *Recordações*. Veríssimo teria dedicado apenas dois comentários – um público e outro privado (por meio de carta enviada à Lima Barreto) ao referido romance, e os demais críticos da época teriam seguido a sua decisão e publicado minguidas opiniões. Nesse sentido, podemos afirmar que a crítica não deu qualquer atenção à publicação de *Recordações*, o que esvaziou qualquer impacto que o conteúdo do romance poderia causar nos leitores. É válido salientar

que Lima Barreto buscava justamente tal impacto, pois abdicou dos direitos da publicação: deseja reconhecimento, não dinheiro. Em suas palavras:

O aparecimento de meu primeiro livro não me deu grande satisfação. Esperava que o atacassem, que me descompusessem e eu, por isso, tendo o dever de revidar, cobraria novas forças; mas tal não se deu; calaram-se uns e os que dele trataram o elogiaram. É inútil dizer que nada pedi (BARRETO, 1993, p. 94).

Esta dissertação está dividida em dois capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, traçamos uma linha de raciocínio que coloca em paralelo o autor, a literatura e o contexto, entendendo que estes são três pólos que complementam-se normativa e axiologicamente a partir de uma relação dialética e complexa. Torna-se impossível compreender uma obra literária desvinculada de seu autor e de um contexto social, cultural, político e econômico. Ainda no primeiro capítulo, discorreremos acerca da escrita de si, do limiar entre a realidade e a ficção. Nele, o nosso foco não é a obra de Lima Barreto em si, mas a práxis literária sob a perspectiva da fluidez entre escritor e personagem. No que se refere ao segundo capítulo, nele tratamos do “duplo provável” entre Lima Barreto e Isaías Caminha, a partir de análises de trechos da obra que indicam paralelismo entre autor e personagem, privilegiando um olhar sociológico sobre questões sociais e culturais brasileiras.

Capítulo 1

VIDA DE PRECONCEITOS, LITERATURA ENGAJADA

1.1 Literatura engajada e militante contra o preconceito racial

Os ideais da abolição da escravatura e da proclamação da República alimentavam o desejo por liberdade e igualdade. Podemos destacar fatos contextuais que influenciaram a produção literária no período que ficou conhecido como pré-modernismo: a Revolta de Canudos, a marginalização dos negros libertados, a substituição da mão-de-obra escrava pela de imigrantes europeus, as greves operárias em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, a Revolta do Contestado, o início da Primeira Guerra Mundial (1914) e a política do “café com leite”.

Certamente, não é possível definir uma estética pré-modernista, já que o pré-modernismo não se estabeleceu como corrente literária, mas como uma fase de transição para o período modernista. É possível, então, falar de um projeto literário a partir de princípios cronológicos. É considerada pré-modernista a literatura produzida entre 1902 – ano da publicação de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha – e 1922 – ano de advento da Semana de Arte Moderna, marco inaugural da chegada do Modernismo. As intenções que agrupavam os escritores pré-modernos apontavam para o exercício da revelação do Brasil real: o lema era olhar para o Brasil, produzir literatura sobre um Brasil para que o mesmo se tornasse mais conhecido pelos próprios brasileiros.

No que se refere às condições de produção literária daquela época, a ênfase gira em torno do interesse da população dos grandes centros urbanos pelas notícias diárias. Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Lima Barreto, por exemplo, escreviam para jornais denunciando problemas sociais. O desenvolvimento da técnica, neste contexto, propicia uma produção e uma circulação mais rápida e dinâmica dos textos, enquanto a fotografia emerge como estímulo à busca pelo real.

Em um cenário mais eficiente de produção e circulação de textos, torna-se natural que o público busque, também na literatura, produções mais conectadas ao seu cotidiano. Era o abandono da abordagem idealizada dos romances do século XIX: a nova classe de leitores, formada pela veiculação cotidiana de jornais e folhetins, queria ver-se retratada em um contexto permeado por conflitos de diferentes ordens. A consequência dessa aproximação entre literatura e realidade é uma considerável modificação da linguagem, que figura mais objetiva, mais direta, próxima do texto jornalístico. Segundo Barbosa (2010, p. 42), a obra de Lima Barreto não tem nada de arte desinteressada, pelo contrário:

Nada de arte desinteressada. Nada de artificios verbais. Literatura, sim, mas com objetivo certo e definido, estabelecendo entre o escritor e o público um compromisso, para ajudá-lo a conhecer não apenas o drama íntimo de cada

um, como também as competições, erros e misérias da sociedade em que vivemos. Literatura militante, como a que praticaram Lima Barreto no Brasil e Eça de Queirós em Portugal, seguindo a lição de Taine e Brunetière, tratando de tudo o que pertence ao destino de todos nós, uma vez que – justificaria o próprio escritor – “a solidariedade humana, mais do que nenhuma outra coisa, interessa o destino da humanidade” (BARBOSA, 2010, p. 42).

Mergulhado neste contexto literário, Lima Barreto fará um retrato dos subúrbios cariocas, articulando todas as temáticas associáveis a este tipo de ambiência. Vejamos, a seguir, dois excertos que comprovam a representação dos espaços suburbanos da cidade presente na literatura barretiana, especificamente na obra “Clara dos Anjos”. A descrição do autor é literária e, também, geográfica, contemplando – de maneira poética – os aspectos físicos e humanos da paisagem urbana:

O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central. Para os lados, não se aprofunda muito, sobretudo quando encontra colinas e montanhas que tenham a sua expansão; mas, assim mesmo, o subúrbio continua invadindo, com as suas azinhagas e trilhos, charnecas e morrotes. Passa-se por um lugar que supomos deserto, e olhamos, por acaso, o fundo de uma gruta, donde brotam ainda árvores de capoeira, lá damos com um casebre tosco, que, para ser alcançado, se torna preciso descer uma ladeira quase a prumo; andamos mais e levantamos o olhar para um canto do horizonte e lá vemos, em cima de uma elevação, um ou mais barracões, para os quais não topamos logo da primeira vista com a ladeira de acesso (BARRETO, 2011, p. 38).

O excerto supramencionado trata de aspectos físicos da paisagem do Rio. O autor estabelece uma referência antes de iniciar a sua descrição: a linha da Central seria o eixo de uma longa faixa de terra que iria de um aglomerado a outro. É possível imaginar as pequenas casas, barracões e ladeiras situadas nas sinuosas montanhas que compõem o relevo carioca.

Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam. Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais próxima; alguns, morando mais longe, em Inhaúma, em Cachambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. Esse movimento dura até às dez horas da manhã e há toda uma população de certo ponto da cidade no número dos que nele tomam parte. São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, do dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os

amparem, que lhes dêem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos
(BARRETO, 2011, p. 39).

O excerto acima dá conta de aspectos humanos: o subúrbio seria o refúgio dos infelizes, os quais se aninham por ali até o início da manhã, quando saem procurando ganhar a vida na grande metrópole. Nota-se o detalhamento na descrição, retratando os tipos pertencentes à topografia da cidade. Lima Barreto trouxe para o universo literário a realidade antagônica da capital, apresentando o subúrbio com todas as suas singularidades. O autor de *Marginalia* consegue fazer uma descrição que foge do distanciamento e une ponto de vista crítico, cartografia e humanidade.

Podemos afirmar, portanto, que a literatura produzida por ele reflete o *modus operandi* da sociedade em que estava inserido. A sua condição de mulato e pobre tornava-o alvo do preconceito, do julgamento injusto e da discriminação, oferecendo-lhe substrato para a uma produção literária de denúncia da marginalização e da exclusão.

Faz-se necessário explicar a maneira como compreendemos o papel social da literatura. Em outros termos, convém discorrer sobre o que entendemos por uma literatura engajada ou militante. Em sua forma dicionarizada, engajamento é o “empenho no serviço a uma causa, ideal, o envolvimento com questões políticas e sociais”; por sua vez, militância é “a atitude de pessoas que trabalham ativamente por uma causa ou organização”.

Sobre o engajamento, Santos (2005), em artigo intitulado “Modelos de engajamento”, faz um levantamento do que Albert Camus, Antoni Gramsci e Jean-Paul Sartre entendem por este conceito. Segundo ele, trata-se de formulações distintas mas que, juntas, oferecem um panorama vasto, embora não satisfatório, para o entendimento do fenômeno: o primeiro, falou do engajamento como uma revolta; o segundo, discorria sobre a questão do conformismo, antídoto para o engajamento; já o terceiro, estudou casos intermediários entre o conformismo e a revolta. O engajamento, caso queiramos uma síntese do pensamento de Santos só pode ser compreendido em níveis, em graus, levando-se em consideração um período, um espaço geográfico, um modo de produção e uma construção social antagônica. No que se refere à militância, Lowy (2000, p. 70) entende que na construção histórico-social não existe não-agentes: todos agiriam, ativa ou passivamente, contribuindo para os acontecimentos históricos. Em suas palavras: “no rio da história não há contempladores do rio: nós somos o rio”.

No que consistiria, então, uma literatura engajada, militante? Consistiria, justamente, naquela que está conectada a um modo de ver e pensar o mundo politicamente, a partir de uma consciência crítica. Em “Que é a literatura?” Jean-Paul Sartre indaga o prosador:

que aspecto do mundo você quer desvendar, que mudanças quer trazer ao mundo por esse desvendamento? O escritor “engajado” sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial as Sociedade e da condição humana. O homem é o ser em face de quem nenhum outro ser pode manter a imparcialidade, nem mesmo Deus (SARTRE, 1999, p. 21).

O escritor engajado, militante, conheceria o poder transformador da palavra, pelo qual pode agir sobre o mundo e impetrar mudanças a partir de tensionamentos, provocações, reflexões. Esta é a síntese na qual pode-se chegar a partir da provocação de Sartre. Toda produção literária está inscrita em um contexto social, político, econômico e cultural. Por esta razão, como um espelho, reflete a realidade de um determinado tempo. É certo que, também, influencia nos processos de ordem social que estiverem em curso. Nesse sentido, o poder de transformação da linguagem literária advém do processo de criação intrínseco ao autor do texto. A produção literária de Lima Barreto, é nítido, estampa a denúncia de uma sociedade encharcada de preconceitos de classe social e etnia, deixando a descoberto a intolerância da Primeira República com pretos e pobres. O autor de “Clara dos Anjos” tinha conhecimento que poderia elevar sua literatura em prol dos oprimidos, e assim o fez, certo de que a linguagem tinha um papel social a ser cumprido. A opção utilizada pelo romancista refletia a necessidade intelectual frente aos dilemas daquela cultura, e com os recursos da literatura quis afastar dos leitores a venda dos olhos, conforme afirma Figueiredo (1998, p. 61).

Cabe ressaltar que tal empreendimento de Lima Barreto situava-se em um contexto onde a literatura nacional e internacional estava voltada para outros temas, como o ego narcisista, o escapismo, o fantástico e o luxo da *Belle Époque* com um purismo linguístico exacerbado. Por outro lado, a linguagem social de Lima Barreto instigou uma crítica de base política e social. É importante reconhecer que a imprensa jornalística e os textos barretianos tornaram-se um aporte seguro para o estudo da militância e da identidade social de um povo, uma vez que difundem ideologias e representam o uso linguístico vigente.

Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo afirma uma concepção do que seria o papel social da literatura:

A trilha sugerida pela literatura permite a compreensão mais rica e profunda, embora moldada por um delicado e suspeito fio – a palavra – que intersecciona os caminhos da memória coletiva e da história. Como guia e intérprete desse percurso está o intelectual mergulhado na difícil tarefa de explicar “os males” do país, de encontrar um lugar para a cultura brasileira e, a partir daí, sua própria identificação como pensador e crítico (FIGUEIREDO, 1998, p. 17).

Observa-se que Lima Barreto estabeleceu, com propriedade e discernimento, uma visão panorâmica da injustiça no cenário brasileiro, pois havia uma segregação elitista que separava a população em ricos e pobres e negros, o que gerou críticas contundentes imanas pelo escritor. O autor tinha conhecimento de que a ordem política era totalmente corrupta, com um regime republicano falho que discriminava pessoas mestiças, que havia grande contingente da população que era vilipendiada e não podia participar do Brasil República, e esses fatos dificilmente preocupavam a sociedade e o governo.

As palavras são como grandes ferramentas propensas a operar mudanças externas e internas na sociedade. Isso ocorre porque os escritores visualizam e atingem, por meio das palavras e da linguagem, um número considerável de leitores e, nesse sentido, é possível influenciá-los a refletirem e questionarem o mundo em que vivenciam e interagem. Apesar do potencial transformador deste tipo de literatura, cabe dizer que a cultura da leitura e o acesso à alfabetização era um direito restrito à classe dominante naquela época.

No que diz respeito à literatura militante de Lima Barreto, é importante ter em mente que ela nos possibilita racionalizar o tormento social ao qual a classe excluída do subúrbio² submeteu-se na Velha República, para tanto observam-se os apontamentos de autores como Antônio Cândido (2006), Antonio Arnoni Prado (2012) e Luis Silva Cuti (2011), além das referências supracitadas, para suscitar o posicionamento do romancista. Com relação à função social que Lima Barreto desenvolveu em suas obras, Maria Zilda Pereira Cury afirma que:

[...] a “emissão de juízos francos” é um dos pontos centrais do que Lima considera seu fazer literário, independentemente de se escrever crônica ou romance. Em muitas das crônicas em que agudamente critica a política da época ou emite opiniões sobre economia e outros assuntos, Lima Barreto faz questão de “resguardar-se”, ambigualmente, dizendo que não é político nem se mete em política. Com esse “cuidado”, sintomaticamente tenta enfatizar sua posição avessa ao poder e aos seus mecanismos. Procura deixar clara sua posição de não pertencente à classe que detém o poder, colocando-se explicitamente fora do objeto ao qual faz a crítica, tendo como arma a palavra (CURY, 1981, p. 156).

Como expressamente dispõe em seus textos, Lima Barreto critica a política, as discriminações, o nepotismo, os apadrinhamentos e outros tantos problemas sociais que circundavam a República. No que se refere aos apadrinhamentos um trecho do romance *Recordações* pode exemplificar a afirmação: “A minha situação no Rio estava garantida.

² Em consequência dessa ligeira explanação deve-se utilizar a definição que Lima Barreto deu para subúrbio: refúgio dos infelizes, conforme afirma Lins (1976, p. 23).

Obteria um emprego. Um dia pelos outros iria às aulas, e todo fim de ano, durante seis, faria os exames, ao fim dos quais, seria doutor!” (BARRETO, 2010, p.75). A ajuda de seu tio em providenciar uma carta de apresentação a um deputado de nada adiantou para queimar etapas e tornar-se “doutor”, apenas fez perceber que estava sozinho e teria que correr atrás de suas realizações.

Com propriedade, o autor nos alerta sobre as inequívocas sequelas provocadas por uma sociedade paradoxal, omissa e preconceituosa. Em consequência dessa militância foi acusado à sua época, de ser um escritor de romances *à clef*, considerado um tipo inferior de literatura. Segundo Barbosa (1981, p. 181): “De todas as restrições da crítica ao seu livro de estréia, a que mais o magoou foi precisamente a de considerarem o Isaías Caminha só e unicamente um romance *à clef*, pertencente, por isso mesmo, a gênero inferior de literatura”. O autor acrescenta que Lima Barreto volta, anos mais tarde, ao assunto, para instituir a defesa desses tipos de romances *à clef* que, para ele, era uma forma de literatura militante (BARBOSA, 1981, p. 183).

Sabe-se que vários de seus críticos o consideravam superficial, pois, para eles, a utilização da ironia em suas obras era demasiadamente superficial e não aprofundava as questões sociais ali representadas³. Entretanto, a intenção do autor ao escrever com ironias e parábolas era muito clara: combater o purismo linguístico e tornar suas obras mais acessíveis. A voz consciente franqueada pelo autor causava certo desconforto nesses críticos, talvez, por isso, o tenham tratado com tamanha indiferença.

Segundo Lúcia Lippi: “Euclides da Cunha e Lima Barreto, com todas as diferenças que os separam, podem ser vistos como consciências críticas da vida literária e intelectual da época” (LIPPI, 1990, p. 116). As denúncias tornam-se frequentes nas suas narrativas e ressalta-se uma sociedade totalmente contraditória. Antonio Candido sobre a literatura e a vida social afirma que:

Se encararmos os fatores presentes em bloco na estrutura social, nos valores e nas técnicas de comunicação, veremos logo a necessidade de particularizar o seu campo de atuação. Tomemos os três elementos fundamentais da comunicação artística – autor, obra, público – e vejamos sucessivamente como a sociedade define a posição e o papel do artista; como a obra depende dos recursos técnicos para incorporar os valores propostos; como se configuram os públicos. Tudo isso interessa na medida em que esclarece a produção artística, e, embora nos ocupemos aqui principalmente com um dos

³ Artigo de Nogueira (2010) trata, especificamente, das críticas sofridas por Barreto após publicação do *Recordações*.

sentidos da relação (sociedade-arte), faremos as referências necessárias para que se perceba a importância do outro (arte-sociedade). Com efeito, a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos; a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva, as obras delimitam e organizam o público. Vendo os problemas sob esta dupla perspectiva, percebe-se o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto solidário de influências recíprocas (CANDIDO, 2006, p. 33).

Portanto, se a atividade artística do escritor influencia a diferenciação dos conjuntos, a produção literária acaba por alterar, delimitar e estruturar o público que quer atingir. Chamamos a atenção para a influência do jornal sobre a literatura, produzindo gêneros modernos, como, por exemplo, a crônica, ou ainda, transformando outros já consagrados, como o romance, haja vista a modificação no estilo e na narrativa.

Lima Barreto institui sua linguagem social em função do jornalismo e da transformação coletiva, no sentido indicado por Anuar Aiex: “Não o jornalismo segundo os padrões atuais, mas um jornalismo de reflexões sobre fatos, coisas e homens, escritas em artigos, em crônicas e estudos de crítica literária” (AIEX, 1990, p. 7). Observamos que os clássicos romances de folhetim⁴ continham uma linguagem mais aberta e, com isso, atingiam um público maior, mesmo diante de um alto número de analfabetos. Cabe frisar que, por conta dessa efervescência de temas diferenciados refletindo o cotidiano da cidade, Lima Barreto ficou conhecido como romancista urbano (MOURA, 1981, p. 42-48).

Em “Feiras e Mafuás”, Lima Barreto aprofundou em temas poucos explorados pelos autores da época e absteve-se de escrever sobre assuntos banais que interessavam apenas a classe abastada. Nesse sentido, Antonio Candido conseguiu estabelecer uma ponte ligando o papel social à literatura. O autor afirma que:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. Qual a influência entre eles; como se condicionam mutuamente; que relações humanas pressupõem ou motivam? São questões que o crítico propõe ao sociólogo, ou responde ele próprio colocando-se no ângulo deste. Procuremos falar como ambos, partindo da hipótese que, sob tal ponto de vista, a produção da obra literária deve ser inicialmente encarada com

⁴ Para aprofundamento acerca dos folhetins, ver a obra “Folhetim: uma história”, de Meyer (1996).

referência à posição social do escritor e à formação do público (CANDIDO, 2006, p. 84).

Diante de um público heterogêneo que tem seu processo cultural acelerado, assim também são as obras literárias, já que atuam diretamente sobre esse público. Perante isso, Lima Barreto queria dar soluções às questões rotineiras que o afligiam, ou seja, deve-se ponderar que “não estava preocupado em fornecer sonho ou analgésicos para as dores de seus personagens ou leitores” (SEVCENKO, 1993, p. 193), queria dismantelar a sociedade hipócrita na qual vivia e, como consequência, a população excluída estaria liberta para refletir seu verdadeiro papel social.

Uma vez assinalada, ainda que sucintamente, a expressão militante de Lima Barreto, é necessário agora compreender, de forma panorâmica, a figura do negro no Brasil. Nesse sentido, voltamo-nos para o estudo da linguagem ativa de Lima Barreto sobre a cor, tema muito abordado pelo escritor e jornalista. Segundo a descrição física de Lima Barreto feita por Francisco Barbosa, ele “era, de fato, pronunciadamente mulato, sem disfarces, cabelos ruins, pele azeitonada” (BARBOSA, 1981, p. 89). O autor, assim como a personagem Isaías, era mulato e sofria preconceitos e buscou denunciá-los em suas obras por meio de sua narrativa, apontando a invisibilidade social dos negros e mulatos e os preconceitos dos quais eram alvo sem tréguas.

Nesta direção, Mary Zilda Ferreira Cury joga luz sobre a questão do racismo, o qual, segundo ela, está imbricado, também, no preconceito de ordem classista. Em suas palavras:

O preconceito racial é fenômeno e enquanto tal simultaneamente revela e esconde a realidade. Revela enquanto aponta para a discriminação racial de fato existente no conjunto social. Esconde porque, como elemento catalisador, pode “apagar” a discriminação social, que no caso é também racial, mas não exclusivamente (CURY, 1981, p.151).

Diante disso, entendemos que a vítima do preconceito racial torna-se socialmente congelada, e isto ocorre por meio do isolamento social que lhe é tangenciado. O oprimido se silencia e busca ocultar seus efeitos. O racismo que impregnava os dizeres preconceituosos são comparados por Isaías, no livro *Recordações*, a uma agressão física. Em suas palavras, como uma bofetada, o racismo o machucava, o fazia sentir dor, enfim, deixava marcas:

Pretinho! Mulatinho! Isso doía mais do que uma bofetada! Esta é, pelo menos, a confissão de Isaías: “Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se juntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que

era realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada (BARBOSA, 1981, p. 92).

Na obra *Recordações*, nota-se que a existência da personagem Isaías pode representar uma parcela da população, que em seu ambiente familiar, é tratada com consideração, respeito e atenção, todavia, é humilhada com atos discriminatórios e arbitrários em meio a sociedade. Cabe frisarmos a primeira discriminação sofrida pela personagem, no trecho:

Como demorassem em trazer-me o troco reclamei: ‘Oh! Fez o caixeiro indignado em tom desabrido. Que pressa tem você? Aqui não se rouba, fique sabendo!’. Ao mesmo tempo ao meu lado, um rapazola alourado reclama o dele, que lhe é prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me e, com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti durante segundos uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa [...] (BARRETO, 2010, p. 80).

Observa-se na citação acima que Isaías procura em dados externos a razão do destrato sofrido e, para tanto, busca uma explicação em sua aparência, ou seja, quer descobrir o que há de errado com sua apresentação social, o que pode querer dizer que, em termos de valores internos, de seu valor como um ser social, ele não consegue atinar onde se encontra a diferença, sente-se igual aos demais (ou, ao menos, deveria ser assim). Isso é precisamente o que caracteriza o preconceito: a avaliação por dados externos, pela aparência. A cor de pele, nesse contexto, seria o seu invólucro.

Devido à característica engajada e militante da produção literária barretiana, podemos dizer que a mesma foi utilizada como instrumento para a desobstrução da discriminação racial. Para levar a efeito essa atuação, o autor precisa moldar e criticar ferozmente os problemas morais, sociais e políticos da primeira fase do governo republicano brasileiro, principalmente a questão do negro. Como pontua Compagnon, a literatura possui a sua função social:

Exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo. Um ensaio de Montaigne, uma tragédia de Racine, um poema de Baudelaire, o romance de Proust nos ensinam mais sobre a vida do que longos tratados científicos (COMPAGNON, 2012, p. 31).

Admitido isso, na sua escrita militante, vislumbramos diversos textos que fazem referências ao cotidiano do povo negro e mulato na capital. De forma direta ou indireta, nas entrelinhas e linhas de sua obra o escritor denuncia milhares de fatos preconceituosos. Para

expor tais ocorrências de modo verossímil à realidade social do início do século XX que presenciava, o autor dotou-se de sensibilidade e percepção da vida social tupiniquim daquele período. Maria Zilda Ferreira Cury frisa que:

De fato, Lima foi sensível a essa mudança, incorporando-a à sua linguagem e fez dessa linguagem um instrumento de denúncia e de revelação. De denúncia, enquanto sua produção desnuda e acusa os desmandos daqueles que detêm o poder. De revelação, enquanto se propõe a mostrar para os que “não sabem”, embora sintam, os mecanismos de que se servem os “os donos do poder” para nele se manter. Para eles, para os que carecem de um canal de expressão, dirige-se a despojada palavra barretiana na tentativa de tornar coletivo um bem até então circunscrito ao literário, enquanto norma culta, enquanto canal de expressão dos dominantes (CURY, 1981, p. 193).

Lima Barreto com sua obra objetivou a tornar mais acessível suas informações ao público. Não deve o homem ser conduzido fatalmente à ignorância, sem oportunizá-lo a conhecer de maneira multidimensional a realidade e lutar por modificações que lhe sejam necessárias. A maior riqueza do ser humano é o conhecimento e negá-lo é retroceder às eras primitivas. Nesse sentido, a escrita barretiana de denúncia, através de personagens de fáceis identificações e figuras caricaturadas, possibilitou o autor oferecer uma reflexão sobre uma sociedade preconceituosa.

Observa-se em Francisco de Assis Barbosa uma passagem na qual Lima Barreto confessa as amargas limitações que sofreu por causa da cor:

O complexo da cor agravaria sem dúvida, o “bovarismo” de Lima Barreto. Mas não é tudo. Há também a considerar o preconceito racial, que impunha, como até hoje impõe, tantas restrições aos homens de cor, pretos ou mulatos, em nossa sociedade, desde que não sejam ricos. “É triste não ser branco”, escreveu Lima Barreto no Diário Íntimo, resumindo numa confidência amarga todas as limitações que sofria. Mais do que um complexo, a cor era uma barreira para a sua vocação de escritor. Tinha de transpô-la, mesmo que não conseguisse vencer o complexo. Isto, porém, é outra história (BARBOSA, 1981, p. 141).

É inquestionável o preconceito e limitações sofridas pelos homens de cor, conforme afirma Barbosa, mas o preceito do complexo da cor como barreira parece assimilar entendimentos favoráveis de que o escritor precisava ultrapassar essa condição. Nesse diapasão, a escrita militante de Lima fez várias alusões à questão do racismo na sociedade, na tentativa de oferecer um contraponto ao discurso racista disseminado na época. Segundo Luis Silva Cuti:

O racismo é uma ideologia que necessita da constante disseminação de crenças que reforcem ideias e sentimentos de superioridade de determinado

grupo racial ou étnico. Omitir informações que possam reforçar a autoestima dos grupos dominados e, quando não for possível, manipulá-las a fim de impedir que exerçam tal finalidade é a tarefa mais comum da formação/informação a ser veiculada (CUTI, 2011, p. 15).

Cuti oferece uma interpretação do que seria o racismo, não oferecendo uma definição abrangente sobre o fenômeno, mas uma explanação de um dos engenhos – a omissão de informações – que fomentam a manipulação dos que consideram os negros como seres inferiores, menos capacitados intelectualmente. Devido à ausência de reforço da autoestima dos grupos oprimidos, não seria dada a eles a possibilidade da transformação social através de uma nova compreensão acerca de suas identidades culturais.

Lima Barreto viu na literatura uma forma de questionar esse papel e mudar esse quadro, ele inovou e mostrou não só os benefícios que a escrita militante trouxe como também expandiu essa forma de escrever além de seu tempo. Baseando-se em leituras dos escritores franceses Jean- Marie Guyau, Ferdinand Brunetière e Hippolyte-Adolphe Taine (AIEX, 1990, p. 40), Lima Barreto construiu uma literatura de caráter social.

Consoante ao exposto, compreendemos que cabe à razão do literato estabelecer as realidades, as dificuldades, as indignidades e as vulnerabilidades das pessoas e das sociedades na sua totalidade, ou seja, com a linguagem devemos exprimir os matizes de diversas dessas realidades.

Com apoio na história, duas observações iniciais convêm que sejam feitas sobre o assunto: em primeiro lugar, o preconceito racial está intimamente ligado à própria origem do Brasil desde a época da colonização, resultante da inserção do negro africano para constituir a mão de obra escrava no país. E, em segundo, ao incentivo do governo no que se refere à imigração da população branca e europeia para o território brasileiro, instituindo uma política de branqueamento. A segregação racial, analisada como um processo com contextualização sócio–econômica e cultural, não dispensa também as suas caracterizações demográficas (IANNI, 1972). Nesse sentido, Clóvis Moura relata que o negro brasileiro foi visto como um fragmento braçal na formação da identidade sociocultural do país:

Atingido por um impacto secular que atua negativamente na formação da sua personalidade, da sua economia individual, familiar e/ ou grupal, o negro brasileiro tem sido visto como uma peça subsidiária na nossa formação econômica, social e cultural, mesmo durante o regime do escravismo colonial. Esta visão reificada serve como elemento justificador da sua atual situação de marginalização no conjunto da sociedade brasileira, mesmo levando-se em consideração as nuances diferenciadoras nas nossas diversas regiões (MOURA, 1983, p. 9).

Entendemos que o negro brasileiro foi rotulado, durante séculos, como um objeto, sendo apenas força bruta para operar a máquina estatal e não para usufruir de direitos mínimos intrínsecos ao ser humano. Diante de teorias científicas e de argumentos equivocados sobre a inferioridade da raça⁵, o Brasil alimentava cada vez mais o preconceito com relação ao negro escravo.

O racismo, de acordo com Michel Wieviorka, é inaugurado na Europa no mesmo momento em que começam a surgir as primeiras grandes descobertas, a expansão marítima e as colonizações. O autor reforça que é impossível dissociá-lo da mundialização da modernidade. Para Wieviorka:

O racismo, na medida em que está associado à modernidade, pode ser abordado por duas entradas principais. A primeira, na ordem de seu surgimento histórico, o considera de início um fenômeno ideológico, um conjunto de doutrinas e de idéias mais ou menos elaboradas; a segunda, que se imporá progressivamente no decorrer dessa obra, privilegia o exame de suas modalidades concretas para interessar-se depois, na sequência da precedente, pelos discursos e escritos, mas também e sobretudo pelas formas nas quais ele se exprime na prática: massacres, exploração, discriminação, segregação, por exemplo (WIEVIORKA, 2007, p. 19).

Esse impacto secular negativo influenciou na composição da identidade cultural do negro, já que, conforme Castells:

a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço (CASTELLS, 2000, p. 23).

Quanto à temática da identidade cultural, Stuart Hall (2014) discorre sobre sujeitos de tempos passados: o do Iluminismo, de ego inflado, autossuficiente e egocêntrico; o sociológico, corrompido pelo crescente desenvolvimento do mundo moderno, que entende-se como formado e conformado a partir dos outros e o sujeito pós-moderno, de identidades flexíveis, podendo assumir diferentes identidades, em diferentes momentos ou concomitantemente. Esta “política de identidades”, criada pelos sujeitos da

⁵ Muitas teorias racialistas embasaram, no início do século XX, a construção da identidade nacional. O maior expoente defensor dessas teorias foi Oliveira Vianna, que publicou dois compêndios acerca do tema: “Evolução do povo brasileiro” (1956) e “Raça e Assimilação” (1959). Em suma, as obras defendiam a inferioridade negra e a arianização como forma de se solucionar os problemas étnicos e raciais.

contemporaneidade, reconfigura a maneira como lidamos com as identidades nacionais que, na modernidade, tinham peso para a constituição das identidades individuais e, contemporaneamente, são compostas não apenas de instituições culturais, mas também por símbolos, formas culturais e representações.

É incontestável que, inicialmente, a voz militante foi minoria, apesar disso conseguiu através desse tipo de literatura, mais social e engajada, ganhar espaço, não só nas crônicas e romances, mas também na imprensa, nos jornais. Com isto, a possibilidade de atingir uma camada da população e denunciar a discriminação tornou-se maior. A imprensa foi fundamental para canalizar esse processo de questionamentos em face dessa realidade social. Como exemplos dessa época temos Euclides da Cunha com “Os Sertões”, “Contrastes e Confrontos” e “À margem da história”; Monteiro Lobato, com “Urupês” e “Ideias de Jeca Tatu”; Augusto dos Anjos, com “Saudade”, “Psicologia de um vencido” e “Versos Íntimos” e Graça Aranha, com “Canaã” e “A estética da vida”.

O reconhecimento da militância do romancista veio somente mais tarde e depois de sua morte. Vários autores aplaudiram a audácia do escritor pela sua literatura engajada, descrevendo as formas de discriminação e exclusão existentes no convívio social. Retomar a criação textual barretiana é analisar também a inquietação pessoal do próprio autor. A denúncia da discriminação racial feita por Lima Barreto em suas obras é, certamente, fruto de uma indignação pontual, histórica e contextualizada, mas atinge uma proporção muito maior, porque sua obra, como nos aponta Antoine Compagnon (2012, p. 31) em excerto na página 30 deste trabalho, nos revela, para além dos compêndios de história, a discriminação social existente, em seus vários níveis, no Rio de Janeiro da Primeira República, numa perspectiva de construção identitária racialista que se estendia ao território nacional.

Com sua obra, Lima Barreto demonstrou a possibilidade de superar as circunstâncias racistas. Vale lembrar que a personagem Isaías Caminha, preparando sua transferência para a cidade do Rio de Janeiro, estava cheio de esperanças, sonhando superar as dificuldades: “Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor [...]” (BARRETO, 1956, p. 53).

Lima Barreto construiu uma imagem diferente daquela posta naquele contexto: ao invés de um negro dócil, castigado, submisso e bestial, um negro consciente do preconceito que sofria. Segundo Luis Silva Cuti, na personagem Isaías Caminha observamos:

O “suplício da cor” é como o personagem chama o preconceito racial que o atinge e do qual já é consciente antes de chegar ao Rio. [...] Humilhado, tratado de “mulatinho”, levado à delegacia como suspeito de furto, sem valia

a carta de apresentação que carrega, Isaías Caminha percebe que caiu na armadilha do isolamento (CUTI, 2011, p. 65).

Desse modo, o autor Lima Barreto revela o preconceito das pessoas pelo simples fato de Isaías ser negro e, por isto, suspeito pelo roubo. Um furto, um roubo, crimes sendo perpetrados e as suspeitas não raras vezes recaem sobre homens negros, mulatos e pobres, sem que valha a carta de apresentação, uma situação recorrente do acumulo e das suspeitas que recaem sobre o negro na sociedade carioca da época, retratada, ficcionalmente, pelo autor. Clóvis Moura, referindo-se à influência da escravidão negra na estrutura e comportamento da sociedade brasileira e à diferença que, em tese, existia entre negros forros e escravizados, declara que:

Parece-nos que o mais importante como caráter diferenciador entre as sociedades formadas nos demais países da América do Sul e o Brasil, é a proporcionalidade da escravidão negra, a sua duração, sua distribuição geográfica e as soluções encontradas para a sua extinção. (...) Como produtor básico da nossa economia, o escravo negro era considerado *coisa*, enquanto o mulato livre podia ter trânsito em alguns espaços da sociedade escravista (MOURA, 1983, p. 15-16).

Entre o final do Segundo Império e a Primeira República, a ideia de que o Brasil havia superado ou não teria sido atingido pelo preconceito racial dominou a Academia e parte do senso comum: chamou-se esta ideia de democracia racial (GUIMARÃES, 2001). Nesse contexto, muitos eram os que negavam a existência da discriminação social e racial, mas que limitavam a participação de negros e mulatos em todos os segmentos, num processo cruel e contraditório. Proença Filho (2014, p. 161) lembra que “a presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade”.

Em meados do século XX, observam-se algumas mudanças nessa representação, quando o país vivia uma superficial democratização assegurando a imagem externa de um país mestiço, de tolerância racial e de grandes modificações na organização do Estado Brasileiro. Ainda na concepção de Clóvis Moura:

A força desse símbolo, transformado em ideal tipo, vem, portanto, bloquear as possibilidades do negro, já por si insuficientes em face das limitações estruturais do modelo de capitalismo dependente. A eficiência do símbolo reforça-se no caso: de um lado há a refuncionalização de toda a simbologia da escravidão, e, de outro, criam-se novos estereótipos para impedir que o negro entre, em pé de igualdade, no mercado de trabalho, competindo com outras etnias. Tudo isto para que o símbolo imposto pelo colonizador e reformulado e dinamizado pelas classes dominantes capitalistas, continue como sendo o representativo do homem brasileiro. Essas sociedades

poliétnicas, como a brasileira, de capitalismo dependente, são altamente competitivas nos seus pólos dinâmicos e altamente marginalizadas nas suas grandes áreas gangrenadas. Ao mesmo tempo, recebem o impacto estrangulador do imperialismo e são por ele condicionadas (MOURA, 1983, p. 38).

Clovis Moura (1983, p. 07) diz que o negro, que “já articulava uma linguagem própria, rompe o discurso da cultura oficial e se manifesta como um elemento de resistência à sua marginalização social”. É o que Lima Barreto fazia, utilizando-se de uma linguagem jornalística e de livre expressão, mostrando a presença do negro, registrando o comportamento de uma personagem oprimida e privada de oportunidades: um negro que reconheceu, aos poucos, sua condição social. Assim, entendemos que Lima Barreto relata uma sociedade marcada pelo preconceito racial e pela hipocrisia, os quais combateu através de sua militância. A contradição estava assentada em uma sociedade que buscava tornar-se moderna, mas que, ao mesmo tempo, assegurava privilégios dados à elite econômica pela República Velha.

Na concepção de Luis Silva Cuti, o escritor tratou de uma ferida mal curada, a questão da cor no Brasil:

A agravante é que Lima Barreto pronunciava-se mulato e negro. O autor mexeu na ferida mal-curada. Ainda hoje o nível de representatividade da população negra no poder é reduzido, o movimento negro luta para consolidar míseras cotas para estudantes em cursos universitários, a violência tira a vida principalmente de jovens negros e os índices sociais da população negra equivalem aos dos países mais atrasados do mundo. Casos de discriminação racial, muito vezes silenciados pela grande imprensa, são a todo momento noticiados pelos veículos de comunicação alternativos. (CUTI, 2011, p. 99).

A partir desta passagem é possível compreender que a crítica barretiana permanece viva, porque o problema do preconceito racial não foi solucionado, uma vez que ainda existe muita discriminação e dificuldades de oportunidades para os brasileiros negros, mestiços e pobres.

1.2 O mulato pobre que denuncia: rastros de denúncia na produção barretiana

Um dos expoentes literários do ativismo engajado na Primeira República foi Afonso Henriques de Lima Barreto. Combatente na luta pela igualdade de oportunidades, redigiu vários romances, crônicas, contos e textos jornalísticos sobre tal temática. O marco espacial do autor foi a cidade do Rio de Janeiro, uma capital em incessante construção urbanística. A

reforma urbana empreendida pelo poder público da época tinha como proposta deixar para trás o passado, marcado pela imagem de atraso. Isso se deve, em parte, ao progresso da Revolução Industrial que intensificou os meios de comunicação, possibilitando o intercâmbio entre os povos e uma necessidade de produções textuais interligadas às reflexões histórico-culturais.

Nessa seara fecunda de questionamento de caráter ideológico, Lima Barreto construiu trajetória renovadora na escrita. Observamos que sua vida pessoal e profissional foi influenciada por um contexto propício para a fomentação de uma consciência crítica. Essa percepção questionadora ocorreu devido à sua origem humilde, o jornalista – escritor de “pele azeitonada” e alcoólatra - sofreu em muitas situações com as amarguras incontestáveis do preconceito racial e discriminação financeira, vigentes em sua época. Lima Barreto (1956, p. 68) acreditava que “a literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam”.

Barbosa (2002), um dos maiores estudiosos da vida de Lima Barreto, faz uma releitura histórica sobre o romancista. Teria nascido em 13 de maio de 1881, na cidade do Rio de Janeiro e, conforme os estudos do autor, foi o filho mais velho do tipógrafo João Henriques Barreto e da professora Amália Augusta Barreto, em uma família de quatro filhos. Recebeu uma educação privilegiada, numa época que somente a classe dominante tinha amplo e irrestrito acesso à alfabetização e à ampla formação. Cabe ponderar que os seus estudos foram financiados por seu padrinho, Visconde de Outro Preto, amigo de seu pai. Lima Barreto perdeu a mãe quando criança, antes de completar sete anos de idade.

Um fato ocorrido na infância viria a contribuir com a literatura engajada de Lima Barreto. Presenciou, no Largo do Paço, no dia de seu aniversário de sete anos – 13 de maio de 1888 – a assinatura da abolição da escravatura. O fatídico acontecimento é narrado na crônica “Maio”, que compõe o livro “Feiras e Mafuás”. Vale ressaltar que existem outras produções de Lima Barreto que endossam a crítica do ilusório sentimento de liberdade ocasionado pela lei, em contraponto ao sentimento infantil narrado na crônica. O autor lembra daqueles dias de maio, encharcado de deslumbramento:

Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia [...] Quando fui para o colégio, um colégio público, à Rua do Resende, a alegria entre a criançada era grande. Nós não sabíamos o alcance da lei, mas a alegria ambiente nos tinha tomado. A professora, Dona Tereza Pimentel do Amaral,

uma senhora muito inteligente, a quem muito deve meu espírito, creio que nos explicou a significação da coisa; mas com aquele feitio mental de criança, só uma coisa me ficou: livre! livre! Julgava que podíamos fazer tudo que quiséssemos; que dali em diante não havia mais limitação aos propósitos da nossa fantasia (BARRETO, 1956, p. 77-78).

O autor descreve com entusiasmo a libertação dos negros. O sentimento era de alegria, festa e harmonia. Por ser criança, não tinha a dimensão do poder da aprovação daquela legislação, mas conseguia sentir o poder da liberdade, da ausência de aprisionamento da fantasia. Mais tarde, poderia questionar este sentimento, uma vez que sofreu na pele o preconceito racial e pôde observar que a libertação dos negros estava muito mais no papel que na sociedade elitista branca.

Imagem 03 – Casa onde Lima Barreto viveu por nove anos, na Ilha do Governador, município do Rio de Janeiro



Fonte: Site Desilusões (<https://goo.gl/gtLpqd>)

Estudou no Ginásio Nacional e na Escola Politécnica, entretanto não conseguiu formar-se, pois, em 1902, abandonou o curso para cuidar do pai, que havia enlouquecido. Devido à doença do pai, a família decidiu mudar-se para o subúrbio do Rio de Janeiro em busca de novas oportunidades de emprego e sobrevivência. Em 1903, candidatou-se a uma vaga na Secretaria da Guerra, quando tomou posse para se tornar funcionário público federal. Daí até 1922, residiria no subúrbio de Todos os Santos. Sua trágica morte, aos 41 anos,

aconteceu em decorrência da enfermidade causada pelo alcoolismo no dia 1º de novembro de 1922, poucos meses após a Semana da Arte Moderna. Todos esses acontecimentos na vida pessoal de Lima Barreto, certamente, contribuíram com o seu desenvolvimento intelectual e com a produção de sua vasta obra.

Lima Barreto foi um escritor com conteúdo político e visionário que não se traduziu por uma literatura purista, predominante no final do século XIX e no início do século XX, mas por uma linguagem ativa, viva e atual. Sendo um observador do contexto da jovem república, desenvolveu uma literatura engajada e objetiva, focada na denúncia dos problemas sociais. Como conta Candido:

Para Lima Barreto, a literatura deveria ter alguns requisitos indispensáveis. Antes de mais nada, ser sincera, isto é, transmitir diretamente os sentimentos e ideias do escritor, da maneira mais clara possível. Devia também dar destaque aos problemas humanos em geral e aos sociais em particular, focalizando os que são fermento de drama, desajustamento e incompreensão. Isso, porque no seu modo de entender ela tem a missão de contribuir para libertar o homem e melhorar a sua convivência (CANDIDO, 2006, p. 04).

O destino reservou para ele uma jornada árdua para que pudesse obter o reconhecimento de suas obras, que só ganharam lugar e importância após 30 anos de sua morte (SANTOS, 2011). Era discriminado pelos brancos das classes abastadas, que o taxavam de incapaz por causa da cor de sua pele. Contudo, sofria, também, com a falta de reconhecimento por parte das pessoas pobres da periferia, que não respeitavam a sua “superioridade intelectual”. Em seu diário íntimo, observamos tal deslocamento:

Eu tenho muita simpatia pela gente pobre do Brasil, especialmente pelos de cor, mas não me é possível transformar essa simpatia literária, artística, por assim dizer em vida comum com eles, pelo menos com os que vivo, que sem reconhecerem a minha superioridade, absolutamente não têm por mim nenhum respeito que lhes fizesse obedecer cegamente (BARRETO, 1993, p. 44).

Não foram apenas os pobres da periferia, os “homens de cor”, que discriminaram e não reconheceram a intelectualidade de Lima Barreto. A Academia Brasileira de Letras também o expurgou por duas vezes (ver anexo I). O que conseguiu do elitizado grupo de notáveis foi uma menção honrosa, em 1922. Nota-se que Lima Barreto é um escritor à frente de seu tempo, não apenas pela coragem em romper os alicerces nas tradições da literatura, mas também por ter produzido uma escrita engajada, delineada por respingos autobiográficos.

Imagem 04 – Foto de entrada de Lima Barreto no Hospital Nacional dos Alienados, em 1914



Fonte: Blog “Prosa”, de “O Globo”, (<https://goo.gl/8o98bS>)

É inquestionável o caráter engajado e militante da produção literária de Lima Barreto, que denunciava questões polêmicas da sociedade da época. Como aponta Cuti (2011, p. 11):

Além da prosa de ficção (romances e contos), Lima Barreto escreveu artigos e crônicas, publicados em jornais e revistas, abordando temas intrigantes e polêmicos, tais como: racismo, corrupção na política, militares e a violência contra civis, violência contra a mulher, ostentação social, parcialidade da imprensa, literatos esnobes e hermetismo, feminismo, futebol e violência, depressão e loucura, transformações arquitetônicas no Rio de Janeiro e muitos outros. Desses tantos há que são gritantes ainda em nossos dias (CUTI, 2011, p. 11).

Existem razões suficientes que justificam as abordagens sobre os temas acima, assim, deve-se mencionar que Lima Barreto trazia consigo uma inquietação constante direcionada para a sociedade excludente e para uma população marginalizada. Para que tivesse condições de pleitear a defesa dessa classe vilipendiada no período da República Velha, foi necessário identificar os vários problemas da capital – racismo, nepotismo, relações políticas, violência contra civis, luxo social da *Belle Époque*, reforma urbanística, entre outros – e expô-los ao mundo através das letras. Em suma, a militância do autor fez uma releitura do universo urbano, chamando a atenção para a realidade da periferia.

Osman Lins em análise de “Os Bruzudangas”, de Lima Barreto, afirma que o autor nunca utiliza de sutilezas em suas ironias e parábolas, para ele:

A parábola, quando existe, é grotesca e as suas alusões, facilmente reconhecíveis, tornam o modelo ainda mais lastimável. Como não identificar, nos literatos Samoiedas, “de bons vestuários e ademanes de encomenda”, escritores do seu tempo que desconheciam nossa realidade e contra os quais clama seguidamente? Quando fala do ensino na Bruzundanga, das riquezas da Bruzundanga, da sua política e dos seus políticos, das eleições, da sociedade, da força armada, da organização do entusiasmo nesse país imaginário e impossível, vemos claramente o Brasil e suas instituições (LINS, 1976, p. 26).

A obra citada acima traz uma perspectiva crítica do autor que satiriza a fictícia nação onde ele, o narrador, teria residido, ressaltando que não há personagens, apenas um narrador personagem. Como sublinha Alfredo Bosi (2002), em “Os Bruzudangas” Lima Barreto “empresta” um expediente utilizado por Montesquieu nas *Cartas Persas*, nas quais a crítica sobre a sociedade francesa é feita pelos olhos de um estrangeiro, que descreve em cartas que envia regularmente ao seu país, os hábitos corruptos do ocidente. A história está focada em retratar a diplomacia, as transações e propinas do mundo político. Nessa circunstância, o romancista utiliza com propriedade a sátira, porque traduz uma nação imaginária para revelar as condições reais de uma sociedade e país existentes. De modo geral, os textos barretianos tinham como objetivo avaliar a sociedade vigente para avivar alternativas revolucionárias de costumes e quebras de privilégios pessoais, corruptos e políticos, além de combater a discriminação.

O mesmo efeito de crítica existe em um trecho de “Clara dos Anjos”:

- Sabe o que nos matou?
 - Não. – respondeu com simplicidade o paciente esculápio.
 - Foi o negro.
- O médico pareceu não se admirar muito do segredo e com alguma ironia retrucou:
- Pois olhe, doutor. Eu julgava o contrário. Eles fizeram o Brasil. Lavraram as minas; plantaram a cana; guerrearam; e hoje colhem o café e cavam estradas. Chegava a pensar que fizeram a nossa unidade. Veja como são as coisas, doutor Alfredo.
 - De fato, fizeram alguma coisa disso, mas são inferiores, incapazes pra civilização. Não são árias, doutor Gomensoro, não são árias.
 - Que diabo é isso?
 - Oh! Doutor não conhece a teoria dos árias? – interrogou espantando o moço advogado (BARRETO, 2011, p. 85).

Infere-se do trecho acima uma análise precisa da existência de preconceito em detrimento do cidadão negro, o trecho está impregnado de referências discriminatórias, por exemplo, como pensar que o negro era inferior, incapaz de ser civilizado, e ainda, que negro não era gente. Deste modo, a literatura aglutina em seu interior a ideologia do escritor, o conteúdo social das obras e a sua influência na sociedade. Lima Barreto escreveu sobre o homem de sua época e refletiu, de forma particular, por meio de uma linguagem irônica ácida. Dentro desse ambiente intelectual, produziu o conteúdo político-social que conseguiu ultrapassar seu tempo.

Ainda em “Clara dos Anjos”, um romance cujo cenário é disposto no subúrbio do Rio de Janeiro, apresenta uma áspera crítica contra o preconceito racial e social. Segundo Francisco de Assis Barbosa: “Foi talvez pensando um pouco no seu próprio caso que escreveu em Clara dos Anjos [...]” (BARBOSA, 1981, p. 137). Mulata, pobre, suburbana, filha de carteiro e dona de casa, Clara talvez diferisse de Lima Barreto por causa de seu conformismo com a vida de miséria. Mesmo com essa descrença quanto à mobilidade social, a obra nos revela traços autobiográficos do autor. A seguir, dois excertos: o primeiro, apresenta a ambientação onde mora a menina; no segundo, o compadre de seu pai prevê o futuro triste de Clara:

Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro (BARRETO, 1990, p. 21).

Na sua vida, tão agitada e tão variada, ele [Marramaque] sempre observou a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da cor de sua afilhada; e também o mau conceito em que se têm as suas virtudes de mulher. A priori, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social (BARRETO, 1990, p. 45).

Assim como Clara dos Anjos, Lima Barreto viveu boa parte de sua vida no subúrbio, no labirinto de ruas e bibocas. Precisou lidar com muita discriminação por causa de sua cor e origem social: eram inúmeros os que condenavam os seus esforços e faziam diminuir a sua autoestima

No que tange o romance, “Numa e a Ninfa”, segundo Barbosa, o autor volta-se para o enfrentamento da crise das instituições políticas no país. Vejamos um trecho da obra que exemplifica as sátiras e ironias do escritor:

‘O despeito dos políticos com a candidatura de Xisto (Davi Campista) foi ao encontro da apocalipse militar; e Bentes (Hermes da Fonseca) pesou na

escolha do sucessor presidencial com uma revolução na retaguarda.’ [...] Ninguém se entendia. Além disso, não se sabe inspirada por quem, surgiu uma campanha sistemática de desmoralização das instituições democráticas (BARBOSA, 1981, p. 192-193).

O romance dispõe também sobre a ascensão social pelo casamento, sobre o apadrinhamento tanto na seara social como na política, o que culminou em sátiras clássicas dos arranjos que eram existentes e notórios na sociedade do Brasil. Além disso, o autor denuncia a ausência de assistência à população excluída. A finalidade do romance foi revelar ao público as falsas convicções republicanas, analisar a organização política e social, constatar preconceito racial. Por fim, criar no leitor uma possível reflexão e questionamento de certa realidade opressora.

Entendemos que Lima Barreto conquista uma posição de vanguarda por tornar visíveis os personagens vitimados por uma elite excludente, da mesma forma que visou a tornar mais verossímeis os seus personagens a partir da recusa das exigências normativas da linguagem. Para ele, a literatura deve questionar o papel do homem, do Estado e da sociedade em que se vive.

Deve-se mencionar também que o romance “Triste fim de Policarpo Quaresma” merece destaque, por causa da crítica intensa ao nacionalismo. Segundo Maria Zilda Ferreira Cury:

Lima Barreto denuncia a ideia de pátria como mascaradora dos problemas de classe, também posiciona-se “patrioticamente” contra o capital estrangeiro. Mas é no Triste fim de Policarpo Quaresma que mais se adensa a crítica ao nacionalismo exagerado, à noção acrítica de pátria e seus desdobramentos nocivos, mesmo quando embasam empreendimentos sinceros (CURY, 1981, p. 176).

O livro foi publicado em 1911, através de folhetins no “Jornal do Comércio”, mas somente depois de cinco anos que a obra foi publicada em livro. Diferente do primeiro romance, *Recordações*, a crítica reconheceu a obra. Com uma linguagem clara e acessível que visava aproximar autor-público, a obra trouxe como personagem principal o major Policarpo Quaresma, que se tornou o ponto de referência de análise e de críticas ao regime republicano.

Nota-se que o título já enuncia uma história infeliz. Major Policarpo Quaresma era um conhecedor da pátria que sonhava em colocar em prática tudo o que havia aprendido nos livros. Quaresma valorizava o que de mais brasileiro havia na nossa nação e, em suas aventuras, tentou colocar em ação ideias patrióticas, mas percebeu que tudo não passou de uma ilusão. Decepção pior viria depois, por ser acusado de traição e morrer na prisão. Em

uma das passagens do livro é possível observar a tentativa de Policarpo de colocar em prática uma descabida ideia patriótica, ou seja, oficializar o tupi-guarani como língua do Brasil:

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma - usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro. O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênias para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática (BARRETO, 1998, p. 63).

Mais uma vez observamos que o autor critica de modo cômico o cenário nacional, os costumes, tradições e a decadente República. Dessa maneira, a consciência crítica de manter a criação de uma literatura que se pautava em descrever sarcasticamente os problemas morais, intelectuais e sociais do país continua a fazer parte do repertório de Lima Barreto.

Maria Zilda Ferreira Cury cita um trecho revelador do livro, que corrobora com o supramencionado:

[...] É expressa, também, na crítica de se considerar popular como sinônimo de extravagante ou como um depósito reificado da cultura do passado: A modinha era pouca; os seus espíritos pediam coisa mais plebeia, mais característica e extravagante...“Quaresma vinha desanimado. Como é que o povo não guardava as tradições de trinta anos passados? Com que rapidez corriam assim da sua lembrança os seus folgares e suas canções? (II – TF, p. 30 e 39) (CURY, 1981, p. 176).

Lima Barreto continuou em outras crônicas e contos surpreendendo o público por fazer uma narrativa que diz respeito à nação dos excluídos; seus textos continuaram retratando o dia-a-dia do subúrbio a partir dessa crítica cultural. Assim, o observador e intelectual consciente não parou de denunciar o que considerava injusto e absurdo no meio social em que vivia. Vamos ao encontro de uma literatura social e de um autor que acreditava em uma arte literária que fosse capaz de promover a união entre as pessoas, como explica Lúcia Maria de Assis:

Entre as manifestações artísticas, aquela que mais fortemente traduz a vida social, sem dúvida, é a literatura. Por isso, não se pode pensar em literatura divorciada das condições do meio e do tempo. Assim, torna-se mister

analisar uma obra literária vislumbrando o meio social e a época a que ela pertence e representa. Uma análise desse tipo revela os costumes, as crenças, os valores de determinada sociedade e, mais, mostra a intenção de consolidá-los ou refutá-los. Lima Barreto acreditava numa arte literária que unisse as pessoas [...] (ASSIS, 2008, p. 43).

Devemos entender que a obra de Lima Barreto é reconhecida como engajada por unir a literatura com as condições do seu meio e de seu tempo, por denunciar o desequilíbrio existente entre as classes. Com sua percepção apurada, o escritor centralizou-se como artista em um universo dinâmico e contraditório, utilizando a escrita militante sistematicamente adequada a essa realidade.

Como explica Lúcia Maria de Assis:

A posição de Lima Barreto sobre a importância da linguagem e sua função na literatura é encontrada em vários momentos de sua carreira, assunto que o literato sempre abordou de maneira bastante crítica: “Os homens só dominam os outros, animais conseguem em seu proveito ir captando as forças naturais porque são inteligentes. A sua verdadeira força é a inteligência; e o progresso e o desenvolvimento desta decorrem do fato de sermos nós animais sociáveis, dispondo de um meio quase perfeito de comunicação, que é a linguagem, com a qual nos é permitido somar e multiplicar a força de pensamento do indivíduo, da família, das nações e das raças, e, até mesmo, das gerações passadas, graças à escrita e a tradição oral que guardam as cogitações e conquistas mentais delas e as ligam às subsequentes” (ASSIS, 2008, p. 44).

Diante do exposto, entendemos que o autor, em diversos momentos, faz uso da linguagem como uma mola propulsora para expandir seus anseios na militância. Com isto, observa a linguagem como ‘meio quase perfeito de comunicação’, capaz de ultrapassar gerações, já que por seu intermédio podemos ampliar, reunir e transformar os pensamentos.

Naquela época, o Brasil era uma nação de analfabetos. Por isso, poucos detinham o conhecimento, poucos eram os que tinham direito à educação, e esse pequeno percentual frequentava o ambiente acadêmico que era constituído, na sua maioria, pela classe dominante. Assim, a literatura não estava acessível a todos os leitores, a todas as classes. Corroborando com esse entendimento, Maria Zilda Ferreira Cury afirma que a obra de Lima é a expressão de uma totalidade:

[...] ao mesmo tempo que dela participa. Como o todo social não é estático, mas encontra-se em processo, traz em si mesmo os germes de sua própria superação. Como partícipe e expressão do todo, então a obra de Lima apreende e promove essas mudanças em gestação, significando, no seu próprio universo de linguagem, a mudança ainda em germe no conjunto social. [...] Lima Barreto é um exemplo vivo dessa totalidade concreta. Pobre, morador do subúrbio, conseguiu no entanto estudar e ilustrar-se. Funcionário público, tendo conseguido o emprego por “apadrinhamento”, revolta-se constantemente contra a estrutura do aparelho do Estado, a ele não

poupando críticas. Mulato, rebela-se contra o preconceito racial que sofrem os negros, mas muitas vezes defende os valores do branco. A própria cor já é marca de indefinição: nem branco, nem negro. Assume o ideário anarquista mas, contraditoriamente, muitas vezes depõe nas mãos do Estado a solução dos problemas. Ataca a Academia, mas não esconde a revolta de nela se ver preterido por três vezes (CURY, 1981, p. 152).

De fato, conforme nos lembra Cury, o todo social não é estático, está em constante processo de mudanças, de adaptações, porque faz parte dos indivíduos e do corpo social essa dinamicidade. O autor enquadra-se nesse cenário porque vive essa adaptabilidade e superações de momentos complexos. Com isso, e sem exaurir a questão, entendemos que a literatura barretiana é dinâmica como o corpo social que a acolhe porque comporta cenários, personagens e questões que a *Belle Époque* pretendia ignorar e promove mudanças significativas na maneira de abordar as questões sociais.

1.3 Ecos da *Belle Époque* no Brasil e no Rio de Janeiro

O governo republicano iniciou-se em 1889. Nele, as políticas refletiram compromissos de interesses econômicos e governamentais que pouco tinham a ver com os ideais de liberdade, fraternidade e igualdade, cem anos anteriores da famosa Revolução Francesa, de 1789. Todavia a Proclamação da República é um episódio da modernização à brasileira. Segundo Lúcia Oliveira Lippi, no que se refere à nova forma de governo:

A República implicou a criação de um poder soberano diferente do existente no Império, comprometido não só por seu fundamento hereditário, mas também por ter uma elite dirigente herdeira da colonização portuguesa. O processo de construção de uma República envolveu a construção de uma nova soberania. A teoria da soberania- a ideia de um poder que constitui a comunidade política- pressupõe o poder do Estado além e acima de qualquer outro poder. Os indivíduos, ainda que congregados geograficamente, não são por si só um corpo político: é necessária uma instância que os coordene e os unifique (LIPPI, 1990, p. 88).

A edificação de uma nova república foi estruturada para inovação na ordem política. O Brasil republicano foi fracionado em cinco fases históricas, a saber: República Velha, Era Vargas, República Populista, Ditadura Militar e Nova República. A proclamação da república foi comandada por Marechal Deodoro da Fonseca, e é a partir deste período que iniciamos a nossa discussão.

A República Velha, também denominada como Primeira República, tem por características o fato de ser precedida por dois marechais do exército como presidentes e,

ainda, por ter garantido o poder da oligarquia agrária paulista e mineira em âmbito federal, durante certo período, que foi intitulado por historiadores como República das Oligarquias.

A capital da República Velha, a cidade do Rio de Janeiro, símbolo da contemporaneidade da época, foi retratada de forma esmiuçada pelo escritor e jornalista Lima Barreto. Ele era um apaixonado pela cidade e buscou descrevê-la em todas as suas particularidades. Em relato no diário *Íntimo* a 1º de Janeiro de 1905, nos deparamos com essa descrição apaixonada que ele faz da cidade:

Pleno Leme. O dia é meigo. O sol, ora espreitando através de nuvem, ora todo aberto, não caustica. Nos dous abarracamentos cheios de gente, espoucam garrafas de cerveja que se abrem. A praia se estende graduada, harmônica, desde o monte do Leme à Igreja [....] Por detrás, a lombada de morros pintalga de verde-esmeralda, verde-garrafa, verde-mar, variando cambiantes aqui, ali, consoante as dobras do terreno e a incidência da luz, pintada de azulado opalino do dia. As ondas verde-claro rebentam antes da praia em franjas de espuma. Pelo ar havia meiguice, e blandícias tinha o vento a sussurrar (BARRETO, 1993, p. 41).

As peculiaridades que o fenômeno urbano impõe aos seus habitantes são temas instigantes aos homens das letras. Walter Benjamin, em seus estudos sobre Baudelaire, trata a literatura como um importante meio de expressão das particularidades da vida moderna (BENJAMIN, 1989). Lima sempre fora um admirador da capital e buscou retratá-la com suas discrepâncias sociais e intelectuais, bem como mostrar as desobrigações do Estado com as necessidades do povo.

A análise de uma cidade nos revela muito mais que uma construção física, neste sentido, deve-se considerar as lições do sociólogo Robert Erza Park, que afirma que: “[...] a cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais,” e completa: “[...] a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. [...] é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana” (PARK, 1967, p. 26).

Nas ruas e praças da capital realizaram-se grandes transformações político-sociais, uma vez que a população fervilhante estava intimamente ligada àquele espaço de concreto. Em 1880, a cidade estava marcada pela politização da sociedade e o seu principal palco era a rua. Isso significa afirmar que a rua constituiu-se como a verdadeira representação popular.

Park completa o estudo sobre o tema, explicando a estrutura organizacional das cidades, e considera que:

[...] estamos em débito principalmente com os escritores de ficção em nosso conhecimento mais íntimo da vida urbana contemporânea. [...] A verdade, entretanto, é que a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas

que a habitam. A consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma a outra. É a estrutura da cidade que primeiro nos impressiona por sua vastidão e complexidade visíveis. Mas, não obstante, essa estrutura tem suas bases na natureza humana, de que é uma expressão. Por outro lado, essa enorme organização que se erigiu em resposta às necessidades de seus habitantes, uma vez formada, impõe-se a eles como um fato externo bruto, e por seu turno os forma de acordo com o projeto e interesses nela incorporados. Estrutura e tradição são os aspectos apenas diferentes de um complexo cultural comum que determina o que é característico e peculiar na cidade, em contraste com a vida em aldeia, e a vida nos campos abertos (PARK, 1967, p. 26).

A formação física de uma cidade se faz com a construção moral de seu cidadão, não convém dissociar essa abstração, já que compreendemos que existe uma interação entre esses dois contextos. Deve-se entender que as cidades são uma resposta às urgências de seus conterrâneos, assim, uma vez estruturada, firma-se aos indivíduos como um “fato externo bruto”, como bem salientou Robert Pack.

Pontes esclarece sobre a relação entre Lima Barreto e a interpretação da cidade:

O escritor propõe um modo alternativo de compreensão do Rio de Janeiro, indo buscá-lo a partir de seus costumes populares. Maria Alice Rezende de Carvalho (1994) caracteriza Lima Barreto como um tipo de intelectual que se interessava em analisar a dinâmica da capital no contexto de suas ruas, e não de suas instituições. Emerge a figura de Barreto como um cronista da vida cotidiana da cidade, interpretando-a longe do controle das elites econômica ou política, o que conferia ao Rio uma distinção das demais cidades brasileiras. O subúrbio vem contrapor-se ao espaço opressivo e ostentador dos prédios republicanos; nele as ruas não se formavam segundo traçados retilíneos e suas casas não tinham como padrão a arquitetura estrangeira. As relações humanas ainda pautam-se na solidariedade e na generosidade. O subúrbio, com sua aparente desordem revela-se, pois, dono de uma lógica não-racional de organização, oposta àquela estranha sociedade carioca que a República parecia representar. É neste espaço recôndito na cidade que se encontram as origens de uma cultura distintamente brasileira (PONTES, 2009, p. 06).

Francisco Assis Guimarães, no que se refere ao Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX, explica que a cidade atravessou um processo de industrialização e saneamento com medidas drásticas de “melhoramentos urbanos” (GUIMARÃES, 2011, p. 17). Lima Barreto utiliza essa distribuição espacial – industrialização, embelezamento sem par, com medidas drásticas de ‘melhoramentos urbanos’ – para indagar acerca da sociedade brasileira. Há um conjunto descritivo da cidade em sua obra e as riquezas de detalhes fazem referências aos aspectos materiais, sociais, econômicos, políticos e culturais.

Para uma maior compreensão desse período, cabe analisar alguns fatores referentes à classe média, à educação, à imigração e à questão das letras na Primeira República.

A capital tinha um vasto contingente de classe média que se formou a partir da transferência da população dos campos para a cidade, o que movimentou os centros comerciais, tornando o Rio de Janeiro o entreposto comercial mais importante do país. Devido a essa perspectiva de crescimento econômico e ampliação urbanística, a identidade social e a identidade urbana estavam sendo moldadas.

A educação, tanto sob a ótica quantitativa como qualitativa, não atingiu grandes feitos no Brasil República, haja vista a ausência de uma legislação constitucional sobre o tema, de órgãos específicos para tratar da questão, de um plano nacional de educação, dentre outras necessidades. Entendemos, portanto, que inúmeros foram os obstáculos na tentativa de se desenvolver um plano educacional eficaz durante a Primeira República. Além disso, era uma época de pouca produção e análise na área de educação, conforme evidencia Jorge Nagle (NAGLE, 1997, p. 287-290). Ademais, as pessoas que tinham acesso à educação eram, em sua grande maioria, provenientes da elite, ou seja, as classes privilegiadas estavam a milhas de distância da periferia que se formava no entorno dos centros urbanos e dos campos rurais. Apenas um número ínfimo de estudantes conseguia galgar êxito não pertencendo à alta sociedade. Lima Barreto foi um exemplo de indivíduo dessa classe menos afortunada, mas com uma educação diferenciada.

O período republicano foi marcado também pela imigração que era composta em sua maioria por italianos, alemães ou espanhóis, que abandonaram a vida agrária para se estabelecerem em cidades brasileiras em busca de melhores condições de vida. Vale ressaltar que tais imigrações eram apoiadas pelo governo. Por ser a capital federal, o Rio atraía muitos imigrantes, que colocavam no centro do debate questões relacionadas à etnicidade e à diplomacia. Alfredo Bosi afirma que muitos imigrantes começaram a chegar ao país e transformar o cenário republicano já no final do século XIX, “mas só pouco a pouco a sua existência se foi impondo como fenômeno embutido de significação para a vida nacional” (BOSI, 1997, p. 295).

Ainda sobre o tema da imigração, Maria Tereza Schorer Petrone (1997, p. 133) complementa que “além das alterações na estrutura social, o imigrante é responsável pelas mudanças de valores e atitudes frente ao trabalho”. No entanto, muitos imigrantes logo perceberam a precariedade a que estavam submetidos e vários fracassaram no núcleo social, aumentando as filas de desempregados e insatisfeitos com o regime.

Na síntese sobre os diversos aspectos que formavam a nascente gestão republicana, especialmente no Rio de Janeiro, recorreremos a Caio Prado Júnior, no que se refere às questões de ordem econômica e ao progresso material que altera, em grande escala, as condições sociais da época. Segundo o autor, a República rompeu com os quadros conservadores existentes na época do Império, e isto resultou em uma grande prosperidade material na qual o país se engajara, o nível organizacional de produção entrava, com isso, em franca expansão (PRADO JÚNIOR, 1981, p. 207-209).

Outro aspecto relevante sobre a cidade do Rio de Janeiro foi a importância das letras na Primeira República. Alfredo Bosi observa que as primeiras obras vivas no início do século escolheram por tema a distância entre as diversas faixas do país. Nesse sentido, obras como “Cannaã”, de Graça Aranha, “Triste fim de Policarpo Quaresma” e “Numa e a Ninfá”, de Lima Barreto, “Madama Pommery”, de Hilário Tácito configuraram-se como constelações quando agrupadas pelo tema geral dos contrastes” (BOSI, 1997, p. 296). Segundo o autor, a extensão entre as várias faixas compreenderia desde questões políticas às desigualdades sociais e às contradições existentes no país. A produção de uma literatura refletida pelo contexto estava sendo esculpida pelos poetas e escritores brasileiros. Alfredo Bosi relata que:

Com Lima Barreto, Hilário Tácito e, em outro plano, com o anticabocismo do Jeca lobatiano, as letras da República Velha pareciam ter alcançado um alto grau de força contestadora. Afrontam-se os conteúdos da cultura dominante, criticam-se os seus valores, faz-se pasticho do seu estilo (BOSI, 1997, p. 311).

Esses são apenas alguns literatos que se encaixam nesse período, rompendo com o conservadorismo nos costumes e nas letras. Estes autores começam a pensar sobre a realidade brasileira, criticando valores nacionais. Inauguram uma literatura que se incomodava com os problemas morais e sociais do país. Tais obras literárias representaram as complexidades da sociedade, a ascensão republicana e seu declínio, as discriminações sociais, entre outras tantas disparidades do país.

As narrações acerca da cidade aumentaram ainda mais na escrita ficcional, tendo em vista as mudanças na parte organizacional da capital. Além do mais, os espaços simbólicos serviam de inspirações para os escritores que, por meio de um esboço descritivo, mapeavam toda a capital. Nesse sentido, é possível identificar a partir da leitura da obra barretiana uma construção subjetiva sobre a cidade. O autor se torna um projetista crítico que relata a existência das profundas desigualdades que convivem em uma só cidade. Cartografa a centralidade rica e afrancesada dos jornais, cafés e praças, mas também o acinzentado

subúrbio, para onde iam os trabalhadores humildes, os indivíduos realocados pelas reformas urbanas (ver anexo II) e os recém chegados no Rio em busca de melhores condições de vida. Na crônica “As enchentes”, que compõe o livro “Vida Urbana”, Lima Barreto nos descreve um Rio de Janeiro que sofre com as enchentes:

O Rio de Janeiro, da avenida, dos squares, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral. [...]Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social (BARRETO, 1956, p. 45).

A distribuição espacial do Rio de Janeiro retratada na obra *Recordações*, contempla várias passagens relacionadas aos espaços físicos, culturais e sociais da cidade à luz da narrativa da personagem principal. Alfredo Bosi afirma que a história de Isaías é:

Fonte rica de dados para a história social e cultural do Rio de Janeiro no começo do século XX. A condição do mestiço humilde, interiorano, depois suburbano, e os seus percalços para integrar-se na vida da capital que se modernizava a passos largos; a rotina do jornal onde achou emprego, com toda a sua galeria de tipos beirando a caricatura; enfim, o clima da fatuidade e subserviência que se respirava na imprensa e nos círculos literários da *belle époque* carioca- tudo são índices de valor documental que interessam de perto ao historiador das mentalidades de nossa República Velha (BOSI, 2002, p. 187).

O autor situa a personagem Isaías naquele espaço não aleatório, trazendo ricos detalhes do contraste político, econômico e social do Brasil. Esse posicionamento inovador na época criticava as mazelas vividas pela população desafortunada. Na narração de Isaías sobre o Rio de Janeiro não é difícil perceber que a cidade se entrelaça aos pensamentos dinâmicos da personagem; assim, à medida que ele penetra nesse reduto, suas reflexões acompanham simultaneamente esse processo.

Ao analisar o enredo percebe-se que a personagem vivia em um espaço aconchegante, confortável e familiar. Contudo, a partir do momento que ele muda para a cidade do Rio de Janeiro, notam-se as dificuldades iniciais de adaptação, os olhares preconceituosos, os tratamentos e as indiferenças. A colocação de Francisco de Assis Guimarães sobre as impressões de Isaías acerca da cidade explica que:

A cidade capitular da narrativa do escrivão Isaías Caminha é no princípio um lugar imaginado e inusitado, em seguida assombroso, ora decepcionante ora surpreendente, próprio de uma percepção de quem migra de um lugar situado no campo – este um lugar gravitacional em relação à cidade principal, carente e subjogado aos caprichos de chefes políticos –, e que busca na

cidade grande, cheio de esperanças, uma vida melhor, mais satisfatória, com o intuito de um dia, amealhado ganhos por méritos, ajudar aos entes queridos que ficaram e quem sabe até voltar àquele lugar de origem – como de fato, ao final, decepcionado, como milhares de outros da realidade nacional objetiva ao longo de décadas, volta. Trata-se de uma cidade misteriosa, desafiadora, idealizada, por desvendar e, por isso mesmo, reconstruída na dura realidade da experiência cotidiana quando dela tenta se apoderar (GUIMARÃES, 2011, p. 56).

Tratava-se de um mundo completamente diferente daquele ao qual estava acostumado, e isso influenciou sobremaneira as perspectivas, os anseios e as decisões de Isaías: a personagem teve que adaptar-se. A idealização da cidade bem projetada e acolhedora foi desmanchada aos poucos diante daquele olhar de frustração. No trecho abaixo, nota-se esse desapontamento:

Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquela praça inesperadamente feia, fechada em frente por edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa. Nas ruas, havia muito pouca gente e, do bonde em que as ia atravessando, pareciam-me feias, estreitas, lamacentas, marginadas de casas cujas e sem beleza alguma (BARRETO, 2010, p. 82-83).

Esse choque diante da realidade teve grande impacto sobre a personagem, pois as diferenças entre os espaços vividos por ele eram nítidas. Observa-se que existe um duelo entre o que a personagem idealizou e aquilo que realmente encontrou na capital. Apontou as mazelas dos poderosos, despiu-os, mas também soube elogiar e enaltecer as belezas naturais de sua cidade em inúmeras obras. Isaías Caminha enamorou-se do Rio.

A narrativa das *Recordações* nos mostra o ambiente social descrito pelas exposições de ruas e bondes da capital, o proletariado e a política sempre em desacordo e ainda o preconceito e a miséria sofrida por mulatos, ou seja, pelas contradições e hipocrisias de uma cidade em expansão. Nesse sentido, ao estudar sobre os aspectos espaciais presentes na obra, vê-se que Isaías Caminha escolhe a capital da República para viver e realizar suas ambições pessoais.

A princípio, a cidade descrita por ele é um lugar idealizado, cheio de mistérios e desafios a serem enfrentados. Um local diferente de seu cotidiano, o qual ele julga ser o melhor, mas que, ao mesmo tempo, lhe causa medo e espanto. Esse lugar é definido por Michel de Certeau como o lugar da ordem, “segundo o qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (1998, p. 201), ou seja, um lugar estriado, aquele que está organizado, “lugar que é, portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma

indicação de estabilidade” (CERTEAU, 1998, p. 201). Na visão de Isaías, o Rio de Janeiro era organizado e estável.

Observam-se as impressões de Isaías sobre a cidade do Rio de Janeiro, conforme a passagem:

Então, durante horas, através de minhas ocupações quotidianas, punha-me a medir as dificuldades, a considerar que o Rio era uma cidade grande, cheia de riquezas, abarrotada de egoísmo, onde eu não tinha conhecimentos, relações, protetores que me pudessem valer (BARRETO, 2010, p. 69).

A personagem tinha plena consciência que sua vida na capital não seria fácil, mas sabia que sua partida era a única maneira de realizar seus sonhos e alcançar o reconhecimento desejado.

Apesar do choque primeiro, no espaço descrito, encontra-se com uma desigualdade social exacerbada, com a elitização, com os apadrinhamentos, com a corrupção. Isaías sofre e descreve o que vê, e, cada vez que conhece mais profundamente a cidade. O ideal de cidade criado por ele enquanto ainda vivia no interior vai sendo reformulado desde que desembarca na praça para onde dava a estação. Isaías descreve o ambiente:

Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquela praça inesperadamente feia, fechada em frente por um edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa (BARRETO, 2010, p. 82).

O choque e o sentimento de engano, porém, são deixados de lado e a personagem coloca-se, no decorrer do enredo, a percorrer a cidade: da Tijuca ao Andaraí, do Andaraí à Vila Isabel, dali até a Biblioteca Nacional:

Da Tijuca ia ao Andaraí e daí a Vila Isabel; e assim, passando de um bairro para outro, procurando travessas despovoadas e sem calçamento, conheci a cidade – tal qual os bondes a fizeram alternativamente povoada e despovoada, com grandes hiatos entre ruas de população condensada e, toda, ela, agitada, dividida, convulsionada pelas colinas e contrafortes da montanha em cujas vertentes crescera (...) Descobri a Biblioteca Nacional, para onde muitas vezes fui, cheio de fome, ler Maupassant e Daudet (BARRETO, 2010, p. 150).

Nem a clássica paisagem boêmia da Lapa foi poupada do percorrer de Isaías, que percebia mulheres públicas em meio a sobrados enquanto caminhava em direção ao Passeio Público da cidade:

Olhei um instante a seda azul do mar levemente enrugada e sorvi um pouco da viração que soprava da barra; depois perdemo-la de vista e a viração deixou de açoitar-nos com força e fomos descendo a rua da Lapa, transitada, ladeada de sobrados, donde pendiam mulheres públicas em *peignoir*, como descoradas orquídeas de milionário europeu, cujo brilho natural o ambiente de estufa lhes tirou ou não soube dar. Nós olhamo-las com um pouco da nossa mocidade e com um pouco das preocupações que trazíamos; e caminhamos para o Passeio Público, aonde íamos esquecer que não jantávamos, olhando a turba resignada que aproveitava o domingo (BARRETO, 2010, p. 161).

Após agregarmos essas considerações acerca da capital da Velha República sob a ótica da personagem, não podemos ignorar que Isaías Caminha conclui estar diante de uma sociedade intolerante, discriminatória e hostil. Igualmente, o país que ignorava inclusões sociais inibia a ascensão de um grande número de indivíduos. Assim, entendemos que o Brasil republicano destacava um ambiente desigual para o cidadão. A proclamação da república, que fora sinônimo de democracia e modernidade, para muitos não engendrou no país um viés igualitário.

Na análise da identidade urbana e social do Rio de Janeiro no início do século XX ficou claro que a distribuição espacial selecionada pelo escritor como palco de sua ficção não foi aleatória, muito pelo contrário, traduziu a capital de forma crítica e descritiva. O autor consegue, por meio da personagem Isaías Caminha, fazer uma releitura dos aspectos sociais, econômicos e culturais da cidade. Os contornos, as imperfeições, as discriminações sociais e intelectuais da cidade são refletidas em *Recordações*. Por isto, a obra barretiana é fundamental para compreender a identidade urbana e social do Rio de Janeiro, enquanto capital da República.

A capital republicana tornou-se um palco onde os protagonistas reproduziram com afinco o estilo dos parisienses. A sociedade do Rio de Janeiro neste momento histórico voltou-se à representação da reforma urbanística *à la francesa*. A *Belle Époque* compreende um período que começa por volta de 1880 e prolonga-se até a Primeira Guerra, em 1914. No ano de 1889, a França inaugurava a Torre Eiffel – símbolo de sua potência – e vivia uma prosperidade econômica e cultural, celebrada pelos avanços da indústria.

Identificamos uma cidade em permanente construção. As obras que cortavam as antigas galerias coloniais transformavam aquele ar provinciano num cenário mais afrancesado. O governo queria a todo custo civilizar a capital ao estilo europeu e, para tanto, era necessário emoldurar as ruas, praças, confeitarias, edificações e a própria população. Como disse Gustavo Boaventura, o novo *boulevard* tropical modificou-se no espaço principal

para o consumo de artigos importados em lojas suntuosas e elegantes (BOAVENTURA, 2011, p. 117).

Os habitantes que moravam no centro do Rio de Janeiro e andavam por Botafogo e pela Rua do Ouvidor exibiam-se com roupas, cabelos, linguagens e outros hábitos sociais replicados a partir dos moldes parisienses. O universo da *Belle Époque* traduzia a intenção de transformar a capital republicana em um lugar mais branco e europeizado. O afrancesamento revelado na arquitetura, por exemplo, das edificações da Avenida Central simbolizava para essa alta sociedade a “reabilitação do país e de um futuro civilizado” (BOAVENTURA, 2011, p. 117).

A literatura brasileira também sofreu a influência estrangeira no que se refere às criações textuais. Uma das características da influência da *Belle Époque* foram as variedades de tendências científicas, filosóficas e literárias que afloraram com o realismo e o naturalismo. Nas palavras de Francisco de Assis Duarte Guimarães, o nascimento de uma classe de intelectuais e trabalhadores contrastou com esse visual camuflado da *Belle Époque*:

Ambas, RJ e SP, assim, na virada do século XIX para o XX, traziam a sensação nacional de sintonia com o progresso e a evolução mundial. Nelas, a classe dominante lutava por manter seus privilégios e ao mesmo tempo seguir à risca a moda européia através de um consumo exclusivo e por vezes espetaculoso e exacerbado. Com efeito, nasce, paradoxalmente, em particular nesse novo ambiente citadino do Rio de Janeiro e de São Paulo, uma nova classe social, composta por pessoas dotadas de conhecimentos, um certo capital financeiro e habilidades específicas, necessárias ao funcionamento e aprofundamento do processo urbano, com força suficiente para intervir conforme seus interesses pessoais e de grupos. São os intelectuais e trabalhadores especializados, como advogados e jornalistas [...] (GUIMARÃES, 2011, p. 18).

Nesse sentido, alguns poucos lúcidos, como Lima Barreto “não deixaram de assinalar o ridículo, e mesmo a vergonha, dessa macaquice” (SANTOS, 2012, p. 144-145). Essa cidade esteticamente modificada atrasava um futuro patriótico, haja vista a existência de vários setores da sociedade brasileira retrógrados, em comparação aos padrões europeus, e, sendo, por isso mesmo, influenciados por esse espírito. Santos apresenta seu posicionamento sobre Lima Barreto e a sociedade afrancesada, ao afirmar que: “Das páginas de *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha* emerge uma França claudicante, replicada em miniatura – imagem literária da reforma à francesa conduzida no Rio de Janeiro, um microcosmo do próprio Brasil” (SANTOS, 2012, p. 143).

Diante disso, observamos que o autor denuncia essa transgressão da cultura nacional, exibindo a valorização tosca e exacerbada do que era criado fora do país em detrimento do

que era aqui produzido. Os hábitos sociais franceses não eram, entretanto, imitados apenas pelos brasileiros, mas por vários países do ocidente, pois a França inspirava um estilo de vida fielmente reproduzido pelas altas classes nos diversos salões do mundo.

Por outro lado, em descompasso com esse cenário da *Belle Époque*, encontramos uma população marginalizada e enxotada do grande centro urbano, a verdadeira imagem da cidade, o cartão postal da Primeira República. O Rio de Janeiro sofreu uma reforma urbanística às pressas para moldar e reproduzir o modelo parisiense, o que fez com que a maioria das ruas, bondes e avenidas fossem remodeladas, de modo a se adequarem às novas influências.

O impacto dessa reforma na capital não tardaria a se manifestar, uma vez que transportou os habitantes pobres e desprivilegiados para os morros e periferias da região central e formou, em consonância com a geografia da capital, as primeiras favelas. Além dos pobres, que foram deslocados de outras áreas da cidade, as favelas também eram constituídas por aqueles que estavam dispostos a iniciar uma nova vida na cidade. O deslocamento dessa população vinha sendo aplaudida de pé pela sociedade, o povo era figurante nesse ambiente de segregação e sujeito passivo de uma política de exclusão.

A República perpetuou a existência desse espírito cosmopolita identificado com a vida parisiense e a segmentação social tornou-se mais clara. As classes dominantes propagaram um branqueamento e europeização, além de manterem os privilégios. A massa marginalizada não participou de nenhum processo de inclusão e, até hoje, observamos o distanciamento espacial e social entre as duas classes. De acordo com Guimarães, as favelas são “[...] os primeiros conglomerados de habitações degradantes para uma população crescente e paupérrima – o proletariado urbano. São os cortiços e as favelas, edificados espontaneamente em espaços onde a capital não tinha tanto interesse [...]” (GUIMARÃES, 2011, p. 19). A população nos subúrbios da Central aumentava gradativamente e, com isso, agravava-se a pobreza e as condições inadequadas de moradia. Havia uma total falta de política pública e saneamento básico mínimo. As engenharias de planejamento urbano da capital não alcançavam tais áreas. E foi exatamente isto, que Lima Barreto também buscou manifestar em suas obras e em seus textos produzidos nos jornais.

Em várias passagens no livro *Recordações* notam-se as denúncias do (des)equilíbrio de oportunidades que aumentava o contingente de desafortunados. Ao enfatizar a pobreza, a miséria, a falta de recursos, o descaso de uma organização urbana excludente, o autor pretendia, por certo, chocar a sociedade descrevendo um país republicano real, diferente daquele espírito *Belle Époque* que circulava na capital, o que é corroborado por sua obra não ficcional. Estava claro que a República desigual e preconceituosa não amparava os mais

necessitados. Segundo Gustavo Freire Boaventura, a ausência de políticas públicas de saneamento agravou ainda mais a situação da população:

De sua fundação ao início do século XX, o Rio de Janeiro cresceu organicamente ao redor da área portuária, nas redondezas do morro do Castelo. Isso porque os negócios sempre se concentraram nessa região da cidade. [...] A urbanização da cidade era desigual e incompleta. Havia terrenos alagadiços e sujos, problemas de falta de água e saneamento, lixos nas ruas. A população aumentava e, com isso, agravava-se a pobreza e as condições inadequadas de moradia. Com a falta de uma política de higiene social e de sanitização da cidade, o Rio de Janeiro do século XIX se transformara em foco disseminador de doenças e epidemias, como a febre amarela, a varíola, a malária e a tuberculose, por exemplo [...]. (BOAVENTURA, 2011, p. 115).

Se de um lado tínhamos a pobreza exacerbada e as condições de penúria nos subúrbios, de outro, eram edificações, bondes, decorações, músicas, roupas, conversas requintadas, literatura estrangeira e hábitos parisienses, desfilando nas ruas da capital. Nesse sentido, a Rua do Ouvidor tornou-se um símbolo da *belle époque* tendo em vista seu comércio apurado e o fluxo intenso de pedestres. Lima Barreto, na obra *Recordações*, descreveu a rua sob a ótica de Isaías:

Ao chegar à rua Ouvidor, a rua dos lentos passeios elegantes, havia uma agitação de mercado. Cestos de verduras, de peixes, de carnes, passavam à cabeça de mulheres e homens; os quitandeiros ambulantes corriam por ela acima; pequenas carroças e hotéis caros davam-se ao luxo de atravessá-la em toda a extensão; e pelas soleiras das portas imensas moles de jornais diários eram subdivididas pelos vendedores de todos os pontos da cidade. (...) Os cafés já estavam abertos e ainda iluminados (BARRETO, 2010, p. 142).

Deve-se destacar que as confeitarias e cafés desta rua tornaram-se redutos replicados de um tropicalismo afrancesado, que reproduziam o estilo europeu com produtos de luxo e importados. Era lugar de encontro para as conversas intelectuais e a ostentação consumista.

Imagem 05 – Rio de Janeiro durante a Reforma Pereira Passos (1902-1906)



Fonte: Galeria UOL (<https://goo.gl/BVPh7x>)

Francisco Pereira Passos (1836–1913)⁶ nomeado pelo presidente do Brasil, Rodrigues Alves, foi o responsável pela reforma urbana da capital federal. Nesse período, recomendava-se uma metrópole centralizada e a contenção desenfreada da população nas áreas centrais da capital e, ainda, a elitização das ruas com ares civilizáveis. Envaideciam-se de poderem tornar a cidade mais urbanizada e menos rural, sem ocorrer-lhes que poderiam acrescentar uma melhora significativa também nas periferias. Eram ricos de intenções elitistas, mas pobres de espírito solidário.

⁶ Marly Motta e Ângela Santos afirmam que: “Todo esse esforço convergia para o objetivo de tornar a capital republicana uma “cidade civilizada”, condição indispensável para a inserção do Brasil no mundo do progresso, bem ao gosto do século que se iniciava. A chamada Reforma Pereira Passos foi um marco na urbanização carioca” (SANTOS; MOTTA, 2003).

Imagem 06 – Rua do Ouvidor, centro do Rio, em 1899



Fonte: Galeria UOL (<https://goo.gl/BVPh7x>)

Imagem 07 – Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, em 1941



Fonte: Blog "Foi um Rio que passou", disponível em: <https://goo.gl/tQWK3c>

Imagem 08 – Avenida Rio Branco, no centro do Rio, em 1908



Avenida Central em 1908

Fonte: Blog Bota Abaixo (<https://goo.gl/uP1pr7>)

A *Belle Époque* sob a ótica de Lima Barreto é apresentada de forma crítica e irônica e, por isso, foi reconhecido anos depois como a personalidade que exibiu “pelo avesso a imagem fútil da *Belle Époque* carioca” (VELOZO; MADEIRA, 1999, p. 5). Outros autores também debateram essa temática e auxiliaram no fortalecimento da reflexão das questões sociais, oriundas da desmedida aproximação com a cultura francesa. A esse respeito, Alice Áurea Penteado afirma que o romancista tinha consciência de sua literatura social:

[...] nunca esmoreceu em combate ou tornou-se agregado deste ou daquele grupo literário, com vistas a uma aceitação por parte da crítica e, por extensão, do público [...] A produção limeriana, quer literária, jornalística ou crítica, subverte os padrões dominantes, inserindo-se nas contradições de seu tempo, preocupada em refletir o real com maior verossimilhança para, a partir daí, conscientizar e propor mudanças a essa realidade (PENTEADO, 2016).

Diante disso, Barbosa afirma ainda que os escritos de Lima Barreto possuíam um “sentimento humano e uma compreensão admirável do fenômeno social” (BARBOSA, 2010, p.44). E, para ele, não é possível compreender a história republicana “sem recorrer aos romances, contos, crônicas e artigos de Lima Barreto” (BARBOSA, 2010, p.44).

O Rio de Janeiro, uma capital tão contraditória, tinha que ser questionado e, ao trazer para sua literatura um engajamento social, o autor descreve uma parte do povo, que também representava a nação brasileira: os marginalizados, os desafortunados, enfim, os esquecidos pelo governo republicano e pela literatura da *Belle Époque*. Isabel Lustosa afirma que na obra *Recordações*: “a perspectiva que escolheu foi a de Isaías, um jovem mulato, de origem modesta, inteligente, culto e cheio de sonhos de glórias e de reconhecimento intelectual, como o próprio autor fora um dia” (LUSTOSA, 2010, p. 53-54). O autor do romance, assim como Isaías, era mulato e sofria com o preconceito. Ansiava por uma identidade significativa, contestando, por meio de sua narrativa, a invisibilidade e o preconceito que negros e mulatos sofriam na capital. Aqui, é notável o imbricamento de autor, literatura e contexto.

Lima Barreto promoveu através de suas obras um novo olhar literário pautado na expansão e na função social da leitura para a população em distintos seguimentos econômicos e sociais, como uma forma de democratizar a literatura. Sem afastar o zelo crítico de seu pensamento, rompeu o conservadorismo da alta classe ao primar por uma escrita de denúncia das mazelas sociais, a fim de fomentar a valorização de um povo oprimido.

Capítulo 2
REALIDADE E FICÇÃO, VIDA E OBRA

2.1 *Recordações*: literatura e engajamento

A educação de Lima Barreto foi exercida em uma escola tradicional e foi patrocinada por seu padrinho Visconde de Ouro Preto. Com isso, teve amplo acesso à vasta literatura europeia e contato com periódicos como “*Le Figaro*”, “*Révue Bleu*”, “*Mercure de France*”, “*Nouvelle Révue Française*”, “*Journal de Débats*” e “*Révue des Deux Mondes*” (FERREIRA, 2011). Em seu profundo desejo de adquirir conhecimentos, destacamos que também aprendeu a ler em francês e inglês, o que o auxiliou nas leituras de Dostoievski e outros. O contato de Lima Barreto com uma educação formal que era, em grande parte, voltada para uma elite, não o isentou dos danos sofridos por ser um mulato culto inserido em uma sociedade para a qual o negro ainda era visto apenas como mão de obra. Ao contrário, o fato de ter adquirido uma formação acima da média de sua origem humilde o colocou a mercê dos ataques oriundos de prejulgamentos baseados na cor de sua pele. Essa, de certo modo, é também a experiência de Isaías, cuja trajetória em muitos pontos se assemelha à do autor e talvez seja esse um motivo da narrativa da obra em primeira pessoa, como assinala Osman Lins:

[...] é o único livro de Lima Barreto em que a personagem principal narra a história. Isaías, escrivão de coletoria no interior do Espírito Santo, para onde se retirou a fim de preservar, no anonimato de uma vida sem brilho, sua dignidade, desgastada nos anos em que o Rio de Janeiro massacra o então jovem provinciano e aos poucos recompensa-o em troca de miúdas concessões (ou então ao azar das circunstâncias, nunca pelos seus merecimentos), decide registrar suas lembranças (LINS, 1976, p. 33).

A obra destaca-se das demais por colocar a personagem Isaías Caminha muito próximo da narrativa pessoal do próprio Lima Barreto. Por isso, em alguns momentos, parece existir uma semelhança entre experiências do autor e narrativa ficcional. O autor publicou *Recordações* em Portugal, inicialmente, quando o mesmo tinha apenas 28 anos, e começou a dar seus primeiros passos nos campos fecundos da Literatura Brasileira. A literatura militante e engajada incomodou a sociedade intelectual, não apenas pelo conteúdo, mas também pelos desvios acentuados da gramática normativa e das práticas literárias de sua época, como assinalamos no primeiro capítulo, que estava acostumada com o purismo linguístico, técnica e formalismo nas obras. A intenção seria romper esse viés e traçar uma linguagem que refletisse a realidade da época.

Nessa questão, o mérito de Lima Barreto consiste em abrir mão da língua culta padrão em benefício de uma narrativa denunciativa, sem a técnica exacerbada no seu mais alto grau, adotando uma linguagem mais realista para o âmbito da ficção, pois o autor queria desconcertar as elites no campo intelectual e refletir questões intrincadas de uma realidade

social de desequilíbrios e desigualdades. Assim, o uso da primeira pessoa marca os males sofridos e apontados pela personagem, mas não deixa de refletir uma visão social do autor.

A linguagem militante no livro pode ser vislumbrada em várias situações experimentadas pela personagem principal Isaías Caminha. No romance observamos que ele sofre discriminações por motivos de etnia e condições sociais, sendo marginalizado e depreciado até em circunstâncias rotineiras como procurar um emprego. Segundo Isaías, o trabalho lhe era negado “em nome de sentimentos injustificáveis” (BARRETO, 2010, p. 144). A última seção do segundo capítulo dessa pesquisa veicula, pelo menos, cinco excertos nos quais fica evidente enorme discriminação, desrespeito e intolerância sofridos por Caminha desde o princípio do enredo.

O autor demonstra, portanto, e de forma crítica, um exemplo de discriminação em face da personagem e, ainda, denuncia que fatos como estes eram comuns à época. A sociedade excludente acabava por exonerar os sonhos, os futuros promissores, a esperança, as oportunidades por motivos indefensáveis como a cor e condição econômica.

Segundo dispõe Lima Barreto em “Impressões de Leitura”, o autor direciona-se ao povo brasileiro, asseverando a união que deveriam ter, ao invés de propagarem uma cultura de ‘atacado’:

Nós nos precisamos ligar; precisamos nos compreender uns aos outros; precisamos dizer as qualidades que cada um de nós tem, para bem suportarmos o fardo da vida e dos nossos destinos. Em vez de estarmos aí a cantar cavalheiros de fidalguia suspeita e damas de uma aristocracia de armazém por atacado, porque moram em Botafogo ou Laranjeiras, devemos mostrar nas nossas obras que um negro, um índio, um português ou um italiano se podem entender e se podem amar, no interesse comum de todos nós (BARRETO, 1956, p.72-73).

A compreensão de que os seres humanos precisam se ligar uns aos outros, percebendo qualidades e peculiaridades, independentemente de onde se mora, do sobrenome que se possui, deve-se ao entendimento que Lima Barreto tinha acerca da missão da literatura. Segundo ele “a missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana (BARRETO, 1956, p. 190). Lima Barreto talvez não pudesse supor que, tantas décadas passadas, a situação de discriminação ainda continuaria a ser um cancro social, como vemos nos dias de hoje.

O romance está repleto de situações preconceituosas vivenciadas, observadas e descritas pelo narrador. Através da personagem principal, Lima Barreto quis manifestar a realidade da sociedade da capital, tecendo ora com críticas, ora com ironias, as privações e

macerações sofridas pelo pobre mulato Isaías. No que tange ao romance *Recordações*, Francisco Barbosa afirma que:

Para dizer tudo o que sentia, colocou a máscara do seu personagem. Isaías Caminha, a sua própria consciência, ferida e humilhada, mas reagindo sempre contra o meio que a tentava sufocar, podia falar sem reboços, sem censuras, nem convencionalismo, com liberdade de extravasar todos os seus recalques e ressentimentos. Com aquele mesmo acento patético, e pela voz do mesmo Isaías Caminha, o romancista continuava a destilar toda a sua revolta (BARBOSA, 1981, p. 188).

Com efeito, os problemas existentes na sociedade são descritos pela personagem Isaías Caminha no romance e esses conflitos são marcados pela origem humilde e negra da personagem. Conforme Izabel Lustosa (2010, p. 53), “Lima Barreto acreditava que o papel da literatura era ser útil à sociedade, denunciando as injustiças sociais e, por isso, quis retratá-la da forma mais crua”. O maior objetivo do autor era passar uma mensagem ao povo, com a finalidade de fazer com que sua escrita pudesse levar os leitores a refletirem acerca da situação vivida. Em suas palavras, “a obra de arte tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem. Eles estão aí, a mão, para nós fazermos grandes obras de arte” (BARRETO, 1956, p. 73).

No sentido de ter para si uma missão, um dever de denunciar, de mostrar o que havia a ser corrigido, reformulado, que Assis Barbosa acresce que Lima Barreto “não podia, pois, recuar, e não recuaria”. Na concepção barretiana, a literatura tinha que ser militante, visando um objetivo certo e definido e, não, uma “literatura contemplativa”, “cheia de ênfase e arrebiques, falsa e sem finalidade” (BARBOSA, 1981, p. 181).

A personagem Isaías é jogada às misérias e humilhações de toda sorte. Sabemos que o autor também sofreu com as discriminações e que, segundo Francisco de Assis Barbosa, o mesmo “haveria de encontrar sempre quem o advertisse: é proibida a entrada de homens de cor” (BARBOSA, 2010, p. 43).

Essa forma de militância em *Recordações* está intimamente ligada à origem negra e pobre do próprio autor. A inteligência com que desenvolveu sua obra fez com que sua escrita se tornasse diferenciada e influenciadora, pois evitou curvar-se aos preciosismos da língua. Com efeito, essa interação entre o meio social e a literatura avançou nos caminhos para a luta contra o preconceito e desequilíbrio social.

2.2 Duplo provável: literatura e subjetividade

Lima Barreto, por meio da voz da personagem Isaías Caminha, colocou a descoberto todo o preconceito e a intolerância de um Brasil que havia se tornado república naquela ocasião. O romance só poderia ter sido inspirado na realidade d’alguma vida, já que contou com a publicação capitular na revista “Floreal”, fundada por Lima Barreto. Era este tipo de literatura que cativava o povo daqueles tempos. O jornalismo daquela época, como se sabe, estava atrelado muito diretamente ao contexto da Primeira República e da denúncia das mazelas tupiniquins. A crítica, a princípio, considerou *Recordações* como um romance pessoal demais. A denúncia que empreendia Lima Barreto acabou por ser considerada lamentação individual pelos críticos e seus conchavos, acostumados a uma literatura à moda da *belle époque*. A linguagem retórica e militante do romance soou escandalosa em um contexto de recato, bom gosto e afrancesamento dos modos, da ética e do *ethos*. Nas palavras de Bosi:

Entretanto, foram justamente essa aderência ao dado biográfico e o excesso de fatos de crônica jornalística que prejudicaram a fortuna crítica da obra, desde a leitura simpática mas severa que lhe fez José Veríssimo em carta ao autor. O romance, logo classificado como *à clef*, padeceria de um número demasiado de referências pessoais, que o teriam impedido de ascender ao nível da ficção e de realizar a passagem da observação empírica à forjadura da obra literária (BOSI, 2010, p. 10).

A resistência da crítica em considerar o romance como ficção deveu-se aos traços autobiográficos da obra, que possui diversas referências pessoais do autor em sua criação. De certo modo, a recepção da obra acentuou o “excesso de crônica”, como sublinha Bosi (2010), pelo incômodo causado por um romance demasiado realista, desconforto salientado em detrimento do valor literário da obra.

Em 1917 era publicada a primeira edição de *Recordações*. Entre o final do século XIX e início do século XX, despontava no horizonte médico e científico a psicanálise. A disciplina ensinou-nos muito sobre a relação entre o indivíduo e a sua estrutura psíquica: emergem as noções e estudos sobre o inconsciente, mais tarde assimilados pela Análise de Discurso de vertente francesa. O (in)consciente então, afirmaram Freud e Lacan, atravessaria o discurso, a palavra dita. O nosso discurso, portanto, estaria no interior de uma teia ideológica, manifestada através da maneira, da tonalidade, das escolhas lexicais, dentre outros aspectos, associados a uma maneira de dizer. A personagem criada por Lima Barreto, partindo desta perspectiva, poderia facilmente ser porta-voz de seus sentimentos, aflições, emoções e afetos.

Trabalhos recentes relacionam literatura e subjetividade, como os de Junot de Oliveira Maia (2009), Michel Pollak (1989), Leonardo Ponto de Almeida (2008) e Monica Veloso (1988). Tais investigações debatem, respectivamente, a afinidade entre linguagem e inconsciente; memória, esquecimento e silêncio; a linguagem e o exercício da liberdade; subjetividade, literatura e cidade; e a literatura como espelho da nação. Esses autores serão aqui tratados porque abordam a importância de se considerar a subjetividade quando analisamos obras literárias como *Recordações*.

Maia (2009) coloca em debate a diferença entre os sujeitos cartesiano, das teorias desenvolvimentistas, e o sujeito do equívoco, próprio das teorias psicanalíticas. Observa-se a compreensão de dois tipos de sujeito: o transparente, instrumento da racionalidade e da objetividade, e o fragmentado, encharcado das obscuridades do inconsciente. Quando tratamos de Lima Barreto, podemos dizer que estamos diante de um sujeito subjugado pelo (in)consciente ou, como prefere a teoria lacaniana, um sujeito que enuncia. Estamos falando, então daquele sujeito que

advém pela linguagem mas, perde-se nela, por sempre estar aí apenas representado. Mas, ao mesmo tempo, a verdade do sujeito só advém na articulação da linguagem, em sua enunciação. O sujeito do desejo deve ser situado ao nível do sujeito da enunciação (CHNAIDERMAN, 1998, p. 53).

O sujeito complexo, constituído por intensos processos de representação e identificação, que deseja algo, intrinsecamente, enuncia. Enunciar, por sua vez, quer dizer expor, exprimir, declarar, por escrito ou oralmente, pensamentos e ideias. O ato enunciativo, ato de falar, configura-se como verdadeiro exercício articulador de memórias, que cumpre a função de situar o sujeito de modo particular na estrutura que o envolve. Nas palavras de Maia:

Nessa linha, pensar na fala em relação ao sujeito do equívoco é reconhecer que o ato de falar envolve contar lembranças e esquecimentos e, assim, enunciar, produzir efeito de sentido que é subjetivo e, portanto, singular a cada um a partir do desejo que o constitui. A função da fala é, pois, instaurar o sujeito em sua singularidade que é própria de sua estrutura, é perseguir este impossível objeto do desejo (que o completaria) por meio da linguagem, carregada de seus sonhos, lapsos e atos falhos (MAIA, 2009, p. 381).

Intentando a situar-se em uma sociedade inaugurada pela nova república, na qual gritava a desigualdade econômica, social e cultural, governada por uma hegemonia branca, cristã e oligárquica, Lima Barreto torna a personagem Isaías Caminha um de seus sujeitos enunciadore. É como se a voz, o ato enunciativo que, em princípio, lhe pertenceria, partisse

de uma personagem de ficção objetivando ultradimensionar as denúncias feitas por ela. Essa decisão de deslocamento do discurso literário – do plano do real para o da ficção – oferece autonomia para que autor possa, através da voz do narrador, dissimular-se, apregoando uma narrativa engajada e militante de um universo mais real do que imaginário.

Por um lado, enunciar significa anunciar, manifestar, indicar, dar sinais. Por outro, dissimular quer dizer tornar invisível ou pouco perceptível, disfarçar. É como se Isaías Caminha, por ser personagem de ficção, servisse como uma máscara à Lima Barreto. Enunciando retoricamente e dissimulando literariamente, Caminha e Barreto encontram-se em um discurso literário histórico, social e culturalmente situado. Esbarrando-se ao longo do romance, autor e narrador entrecruzam informações que possuem como referência o cotidiano de Lima Barreto e o ímpeto denunciativo de Isaías Caminha, deixando a descoberto o entrecruzamento entre vida e obra, realidade e ficção. Alfredo Bosi, em introdução à obra analisada, tenta compreender como o narrador executa a reconstrução das imagens de seu eu em sua literatura. No quadro abaixo, estão as aproximações entre autor e narrador elencadas por Bosi (2010, p. 11-36):

Quadro 1 – Aproximações entre Lima Barreto e Isaías Caminha segundo Alfredo Bosi

Luz paterna e sombra materna	Mãe de Lima e Isaías Caminha como encarnação da zona de conforto, do não questionamento sobre as suas condições sociais e econômicas (trevas, sombra, obscuridade). Padrinhos de Lima e Isaías como as representações de figuras paternas responsáveis pela manutenção da casa, pelo sustento, pelo financiamento dos estudos (luz, branquitude);
A educação pelo desencanto	Ao chegar no Rio de Janeiro, autor e narrador vêm-se desprotegidos dos afetos e da segurança propiciada por suas famílias. Se antes eram elogiados e exaltados no ambiente escolar, agora tornaram-se alvos de discriminações pela sociedade da Primeira República. Lima Barreto e Isaías Caminha conhecem o Brasil real e se desencantam com as mazelas que o afligem;
O jornal: narração ou descrição?	Lima Barreto e Isaías Caminha passam a vida rebeldes, resignados, desencantados, autoiludidos, tocando o cotidiano entre o jornalismo, a boemia e o subúrbio carioca, sem enraizamento em nenhum grupo militante definido. Parece ser justamente o ambiente de trabalho (redação do jornal) a força motriz dos paradoxos os quais viveram autor e narrador;

Distância e empatia

Tanto um como outro colocam-se distantes, mas empáticos, à consideração dos meios de comunicação como disseminadores de determinada ideologia. Distantes por causa do caráter humanitário e socialista de suas reflexões. Empáticos porque se encantam, em certa medida, com o poder da instituição jornal.

Elaborado pela autora

As aproximações entre autor e narrador, ao que tudo indica, são fruto da indissociabilidade entre literatura e subjetividade. É nesse sentido que aponta o trabalho de Pollak (1989), onde são abordados os temas memória, esquecimento e silêncio. Segundo o autor, a memória está em disputa e, por diversas vezes, é negociada. O pensamento contemporâneo sobre memória vislumbra o embate entre as memórias oficiais (coletivas) e as memórias individuais. É consabido que os discursos oficiais nem sempre evidenciam a complexidade das ocorrências históricas, já que visam a construir um discurso progressivo, único e elogioso tendo como agentes legitimadores as instituições políticas e sociais. O discurso oficial sobre a questão étnica na Primeira República, por exemplo, legitimado pelo Estado e pelos órgãos que o circundavam, afirmava que o Brasil era uma democracia racial, onde não se discriminariam os indivíduos pela sua condição classista ou pela cor de sua pele. Todavia, sabemos bem – inclusive, caso tomemos como alusão a produção literária pré-modernista – que negros e mulatos eram rechaçados e humilhados.

Compreender a memória a partir de uma perspectiva construtivista é

se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade (POLLAK, 1989, p 02).

É correto salientar que Lima Barreto, utilizando de sua produção literária e jornalística, interessa-se pelos processos e atores intervenientes na dinâmica constitutiva e legitimadora das memórias. Olhando para a sociedade com os olhos das minorias, dos excluídos e marginalizados, o autor faz emergir memórias de humilhação, subterrâneas, próprias das culturas minoritárias e dominadas. Memórias que outrora poderiam ser silenciadas ou esquecidas por um poder hegemônico. A produção literária barretiana, é bom sublinhar, colabora para a tessitura de uma memória coletiva subterrânea ao invés de uma

memória coletiva organizada que obedece aos desejos dos donos do poder. Nas palavras de Michel Pollak:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa (...) uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989, p. 06).

O dizível e o confessável, caso obedeçam ao regramento do engajamento e da militância, revelam-se poderoso instrumento de combate aos preconceitos e discriminações. Já o indizível e o inconfessável, ao contrário, são movimentos silenciadores de uma cruel e desigual realidade. O silêncio abre brechas para construções abstratas e imaginativas de sociedades não reais, ambiente fértil para o aparecimento de discursos políticos autoritários e totalitários, pois passam por um processo de esvaziamento da política em sua essência (debate de ideias para o bem comum).

Quanto ao artigo de Almeida (2008), o mesmo nos alerta para a perigosa visão utilitarista da literatura. Entendemos que a literatura barretiana é engajada e militante a partir de seu conteúdo retórico denunciador do preconceito racial e, numa mesma direção, a partir de sua forma, pois, como explica Roland Barthes:

Entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela vejo portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. (...) As forças da liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um “senhor” entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinário de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua (BARTHES, 2000, s. p.).

Almeida concorda com Barthes e acrescenta à sua visão o poder transformador da leitura, que pode ocasionar uma mudança no estado das coisas. O que o autor empreende é dar destaque não ao que pode possibilitar à produção literária uma linguagem acessível para cumprir determinada função social, mas o entrar em contato, a leitura do que foi escrito. Em seus termos:

Esta forma de resistência aos interstícios das regras e das fórmulas linguageiras indica que a literatura seria uma escrita que não serve à dinastia da representação e da utilidade, já que ela seria um ato que tem seu fim no próprio escrever. Esta caracterização nos ajudará a compreender como a leitura, seguindo o potencial criativo da literatura, pode possibilitar um

encontro que cause a mudança do estado de coisas, sendo assim uma atividade política de resistência e um acontecimento que produz singularidades, ao colocar em xeque as convicções e os hábitos, não só linguageiros, mas relacionados aos modos de existir. Na leitura literária, algo de desmedido nos aparece, proporcionando uma experiência que torna possível a saída dos impasses repetitivos que atravessam o sujeito contemporâneo hodiernamente (ALMEIDA, 2008, p. 02).

Como diz a parte final da citação de Almeida, teria a literatura barretiana a capacidade de proporcionar uma experiência que torne possível a saída dos impasses repetitivos que atravessam o sujeito contemporâneo na atualidade? Parece-nos que sim. Basta observar que na seção posterior deste capítulo conseguimos relacionar as discriminações sofridas pela personagem Isaías Caminha no *Recordações* com ocorrências atuais de ofensa com motivação racial. Existiriam pontos convergentes entre a República Velha e a contemporaneidade?

Velloso (1988) discute a literatura como espelho da nação. A autora não parte de uma visão simplista, que toma a literatura como fotografia do real, mas a considera como meio de intervir, negar e questionar o real. Enxergando a produção literária como um fenômeno social, Velloso acrescenta o potencial da literatura em levantar as imagens subterrâneas da sociedade:

A produção literária é um fenômeno social, na medida em que resulta de convicções, crenças, códigos e costumes sociais (ver Oliveira, 1984). Enquanto tal exprime a sociedade, não *ipsis litteris* mas modificando-a e até mesmo negando-a. Se a literatura emerge de uma determinada realidade histórica, isso não implica que deva ser o seu registro fiel, ou a sua fotografia. Ao contrário: a literatura tende freqüentemente a insurgir-se contra este real, apresentando dele uma imagem em que a própria sociedade muitas vezes se recusa a reconhecer-se. Trata-se, portanto, de uma relação necessária, contraditória e imprevisível (VELLOSO, 1988, p. 240).

Recordações é uma insurgência contra o real preconceituoso, intolerante e discriminatório característico da Primeira República no Brasil. É uma maneira de se debater as questões subterrâneas, não presentes nos discursos oficiais mas estampadas no cotidiano dos pobres e pretos brasileiros. A seguir, relacionamos literatura e subjetividade com noções sobre o conceito “autor” e escrita de si, uma vez que detectamos a fluidez entre autor e personagem no caso de Lima Barreto e Isaías Caminha.

Em célebre conferência realizada em 1969 sobre “O que é um autor”, Foucault (2006) interessa-se em examinar a relação do texto com o autor, a maneira com que o texto aponta para a sua figura exterior e anterior que é a do autor. Ele compreende que, na contemporaneidade, a escrita ganha dois princípios éticos (éticos porque dizem respeito a uma maneira de agir): o primeiro marca a escrita como prática e, não, como resultado; o segundo diz respeito à relação da escrita com a morte, uma vez que a escrita pode ser entendida não

como meio para a imortalização do autor, mas como um ente que o assassina, que exige dele a sua ausência no texto produzido. Outros importantes autores como Barthes e Agamben desenvolveram noções complementares a estas em seus textos “A morte do autor” e “Profanações”, respectivamente. Ver Azevedo Neto (2014).

Para que serviria a assinatura de alguém abaixo do que, literariamente, produziu? Por que a necessidade de se demarcar com um nome o que foi grafado? Buscando responder a estes questionamentos, Michel Foucault afirma que:

Enfim, o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer "isso foi escrito por tal pessoa", ou "tal pessoa é o autor disso", indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status (...) A função-autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade (FOUCAULT, 2006, s. p.).

Demarcando-se a partir de um discurso denunciante, é certo que Lima Barreto não lançaria a sua literatura engajada forjando-se em algum heterônimo ou nome fictício. A sua assinatura, o seu nome posto como autor, atribui a seu texto a história de sua vida e elementos de sua subjetividade. Compreendendo que *Recordações* possui indícios autobiográficos nítidos de Lima Barreto e a partir do que considerou Foucault (2006) sobre o que é um autor, vale salientar o que disse Lejeune quando discute a exigência de uma relação de identidade entre autor, narrador e personagem:

Um autor não é uma pessoa. É uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles. O autor se define como sendo simultaneamente uma pessoa real socialmente responsável e o produtor de um discurso. Para o leitor, que não conhece a pessoa real, embora creia em sua existência, o autor se define como a pessoa capaz de produzir aquele discurso e vai imaginá-lo, então, a partir do que ele produz (LEJEUNE, 2014, p. 23).

Lendo a citação acima é possível constatar que é enorme o peso do autor em uma obra publicada, uma vez que é o seu nome o responsável por atribuir sentido completo à narrativa da personagem. Seria o autor um grande produtor de discursos que transbordam de sua existência pois, em última instância, seria a sua vida o substrato que dá origem à sua produção por meio da imaginação (SOARES, 2012). O caráter autobiográfico é, então, desvelado pelos leitores por um processo de identificação, como explica Lejeune:

Um relato de vida isolado, se for suficientemente desenvolvido, se a voz e a perspectiva do modelo forem transcritas de maneira sugestiva, se permitir imaginar concretamente as situações e mentalidades, se enfatizar o interesse dramático que cada um tem pela própria vida, acaba provocando no leitor um efeito imaginário e afetivo de *identificação* (LEJEUNE, 2014, p. 183).

Na próxima seção deste capítulo exploraremos as situações e mentalidades que aproximam autor e narrador em *Recordações*. A obra ganhará centralidade na discussão, assim como serão relacionados trechos do Diário Íntimo de Lima Barreto, que revelam que Isaías Caminha possui muito de Lima Barreto, e vice-versa.

2.3 Aproximações entre autor e narrador em *Recordações*

A questão da autobiografia nas obras de Lima Barreto já foi intensamente trabalhada por vários autores, podemos citar Maria Salete Magnoni (2003), Walter Mendes dos Santos (2012), Alfredo Bosi (2002), dentre outros. O estudioso Philippe Lejeune, fonte teórica fundamental para entendermos a autobiografia, nos traz considerável definição. Segundo o autor trata-se da “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p.16). E, ainda, destaca que os textos de ficção nos quais o leitor suspeita de algumas características pessoais de quem escreveu, são provenientes de identidades da personagem, fundamentadas nas do próprio autor. Essa propriedade, portanto, denomina-se “romance autobiográfico”, como Lejeune define:

Esses textos entrariam na categoria do “romance autobiográfico”. Chamo assim todos os textos de ficção em que o leitor pode ter razões de suspeitar, a partir das semelhanças que acredita ver, que haja identidade entre autor e *personagem* (LEJEUNE, 2014, p. 29).

Conforme Gabriel Moreira Faulhaber (2012), é Lejeune quem insere a autobiografia no campo literário. O seu texto sobre romance autobiográfico é publicado, a princípio, em 1975, e conta com duas futuras revisitas, em 1986 e 2001. Considerado texto normativo e dogmático, desloca o entendimento acerca da autobiografia, que deixa de ser um mero conjunto de documentos para a interpretação da obra do autor e passa a configurar-se como gênero discursivo e objeto analítico.

No que diz respeito às relações entre autor e personagem em uma obra, Lejeune explica que três são as maneiras pelas quais pode se desenvolver a autobiografia. As duas

primeiras tomam como condição o pacto autobiográfico, que é quando o autor assume-se como a personagem, configurando-se como sujeito enunciativo das ocorrências de sua vida materializadas na personagem, enquanto a última exige apenas que o autor dê pistas de que a sua personagem reflita narrativas de sua vida, caracterizando o que Lejeune chamou de romance autobiográfico. Em suma, “na autobiografia o autor se expõe ao afirmar dizer a verdade sobre si mesmo, ao passo que no romance autobiográfico não temos essa afirmação” (FAULBERT, 2012, p. 07). Nas palavras de Faulhaber:

A primeira, e mais óbvia, é quando narrador e personagem possuem o mesmo nome, remetendo a uma pessoa existente, registrada em cartório, que seria o autor da obra. Outra forma de afirmar a identificação é quando o personagem não tem nome na narrativa, mas o autor dá indícios de identificação com narrador-personagem, através de títulos, preâmbulos e prefácios que remetem ao nome desse autor assinado na capa. Existe uma terceira forma de constatar essa identificação que não é diretamente explicitada como nas formas citadas anteriormente. É quando o autor deixa pistas, ao longo de sua narrativa, como títulos de suas obras anteriores, menção à sua profissão, nome do pai e da mãe ou até mesmo uma passagem rápida, na qual seu nome próprio aparece. Tais pistas permitem ao leitor associar o narrador-personagem ao nome do autor, assinado na capa. Por outro lado, segundo Lejeune, não haveria pacto, logo não haveria autobiografia, quando o nome do narrador-personagem difere do nome do autor, impossibilitando qualquer forma de identificação. Para Lejeune, a assinatura do autor, seu nome, sustenta o pacto autobiográfico (FAULHABER, 2012, p. 03).

Nesse sentido, diante de tantas pesquisas e obras, o objetivo não é esgotar essa temática, mas racionalizar a ideia de aproximação entre Lima Barreto e Isaías Caminha através do viés da escrita. Isso se justifica porque a vida íntima de Barreto aproxima-se em vários pontos da vida de frustrações e realizações de seu personagem. Talvez fosse possível dizer que houve uma relação de “quase” espelhamento entre as duas personalidades. Contudo, deve-se enfatizar que a personagem não seria uma representação do autor. Com efeito, conduzimos a um entendimento de que Isaías seja uma caricatura da fusão dos descontentamentos de Lima Barreto diante de uma população negra e marginalizada por uma sociedade amplamente preconceituosa.

Ademais, Alfredo Bosi afirma que: “Lima Barreto, em sua obra de estreia, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, adota os recursos da escrita realista autobiográfica” (BOSI, 2010, p.10). O romance é uma narrativa escrita em primeira pessoa, uma obra literária engajada contra a segregação racial em que há coincidências entre autor e personagem, no que diz respeito aos problemas que ambos enfrentaram em seus cotidianos por serem mulatos. A obra traz uma linha de tensão entre a autobiografia e a ficção, pois,

tanto Lima como a personagem, buscavam através da escrita mencionar o descontentamento em face dos problemas morais, sociais e políticos.

Com efeito, quando examinarmos a escrita - no caso de Lima Barreto, escrita que provocava e estampava engajamento e militância - devemos compreendê-la na sua totalidade, pois:

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo” (*quicquid lectione collectum est, stilus redigat in corpus*). E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim- de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão - como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” (*in vires, in sanguinem*). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de acção racional” (FOUCAULT, 1992, p. 05).

É forte a linha de argumentação que afirma que a obra seria uma autobiografia, devido às relações intersociais de ambos, autor e personagem. Todavia, outros autores introduzem um pensamento de que o romance seria na verdade uma ficção autobiográfica. Segundo Santos (2012, p.15), *Recordações* “é uma ficção autobiográfica, pois o trabalho do autor sinaliza certo descontentamento sobre a crítica e os intelectuais de sua época”.

É certo que a vida encharcada por discriminações étnicas e classistas de um mulato pobre na Primeira República, como foi a de Lima Barreto, propiciará a construção de uma literatura engajada, militante e de denúncia. Como afirma Campato Jr (2013, p. 25), “Lima Barreto possui, de maneira aguda, o que Dante Tringali (1988, p. 194) chama de espírito retórico, que é um estado de alma que se caracteriza, em primeiro lugar, por tendência a discutir os mais diversos assuntos”. Ainda segundo o autor, torna-se evidente, observando a produção de Lima Barreto na imprensa, “a figura do debatedor, do sujeito que não abdica de opinar sobre qualquer assunto, buscando sempre convencer o leitor da razoabilidade do seu pensamento e da inviabilidade do ponto de vista contrário” (CAMPATO JR, 2013, p. 25).

Discurso literário engajado e militante, com aproximações entre autor e narrador, possui em sua centralidade, conforme explica Campato Jr, a persuasão:

Quanto à persuasão, o discurso retórico especifica-se justamente por esse aspecto. Persuade-se alguém convencendo, comovendo ou agradando. Na origem do discurso de Isaías, torna-se possível identificar intuito dessa espécie: ele quer fazer crer ao auditório que a causa do fracasso dos mulatos encontra-se na sociedade, e não na sua natureza (CAMPATO JR, 2013, p. 30).

As recordações são justificadas, no início da obra (ver anexo III), como instrumento de combate ao pensamento preconceituoso de um articulista de revista, que afirmava que

indivíduos com a origem de Lima Barreto eram uma fraude: apresentar-se-iam inteligentes na infância mas, ao longo da vida, seriam as suas aparentes habilidades desmentidas. Assume-se, então, que a razão para a escrita da obra é dar resposta a estereótipos discriminatórios. Explica Isaiás Caminha:

Eu me lembrei de escrever estas recordações, há dois anos, quando, um dia, por acaso, agarrei um fascículo de uma revista nacional, esquecida sobre o sofá de minha sala humilde, pelo promotor público da comarca. Nela, um dos seus colaboradores fazia multiplicadas considerações desfavoráveis à natureza da inteligência das pessoas do meu nascimento, notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentida mais tarde, na madureza, com a fraqueza dos produtos, quando os havia, ou em regra geral, pela ausência deles (...) Com essa reflexão, que animo a chamar de bom conselho e excelente inteligência, vieram-me recordações de minha vida, de toda ela, do meu nascimento, infância, puerícia e mocidade (...) E foram tantos os casos dos quais essa minha conclusão ressaltava, que resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem perífrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão belos começos (BARRETO, 2010, p. 63-64).

Recordações não se estabelece, portanto, como uma autobiografia, pois o autor não assume e não pactua tratar da narrativa de sua própria vida no livro. Pelo contrário, Barreto parece querer confundir-se com Isaiás Caminha por meio de um discurso constituído por fragmentos de memórias de injustiça e discriminação. Em seu Diário Íntimo, reclamando do descompasso entre ele e a sua casa, o autor deixa nítido que nunca pretendeu escrever uma autobiografia:

Se essas notas forem algum dia lidas, o que não espero, há de ser difícil explicar esse sentimento doloroso que eu tenho de minha casa, do desacordo profundo entre mim e ela; é de tal forma nuançoso a razão de ser disso, que para bem ser compreendido exigiria uma autobiografia, que nunca farei (BARRETO, 1993, p. 44).

É perceptível no decorrer de *Recordações* uma tensão entre indivíduo e sociedade, problemática contemporânea das ciências humanas e sociais. De acordo com Alexander (1987), as investigações das ciências humanas e sociais ou debruçam-se sobre a ação (indivíduo) ou sobre a estrutura (sociedade), produzindo oscilações que acompanham a dinâmica social, histórica, política e cultural. Em outras palavras, existem momentos em que as pesquisas se voltam mais para a ação do que para a estrutura, e vice-versa. Todavia, o autor apresenta como saída para tal polarização uma concepção robusta do conceito de cultura e a

elaboração de teorias gerais que joguem luz sobre as perspectivas macro e microssociológicas, como é o caso da fenomenologia e da etnometodologia.

Seria o indivíduo o culpado de suas mazelas? Indivíduos seriam acometidos por uma estrutura desigual de poder ou possuidores de autonomia para transformar o social? A sociedade (estrutura) atravessaria os sonhos e ideais individuais? A estrutura limaria com a sensibilidade e com a humanidade devido à sua dinâmica de (re)formulações de jogos de poder? Afinal, quais seriam os limites e as possibilidades do agir individual frente a uma estrutura rígida, oligárquica e autoritária de poder? A obra analisada deixa a descoberto que a “essência explicadora” das querelas individuais pode ser encontrada no social e, não, no individual, caracterizado pelo autor como gente isolada, desprovida de dinheiro, afetos e simpatias. Vale salientar que tal posicionamento não seria o avesso de uma militância, ou de uma literatura militante, mas o reconhecimento da fragilidade do indivíduo diante de uma teia de relações de poderes construída no Brasil desde a colonização:

Não é meu propósito também fazer uma obra de ódio; de revolta enfim; mas uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no indivíduo, desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno (BARRETO, 2010, p. 65).

Apesar de reconhecer o poder implacável da estrutura (sociedade) sobre a ação (indivíduo), Lima Barreto oferece à personagem Isaías Caminha um enredo de coragem e audácia. Ainda moço, o mesmo decide tentar a vida no Rio de Janeiro, capital da república na ocasião da escrita do livro. Após prenúncio e projeções de futuro, Isaías Caminha almeja ganhar a capital objetivando estudar para retirar o seu título de doutor. Até ali, resignado ao interior do estado, amava o seu tio, pois foi ele quem deu a Isaías Caminha e à sua mãe apoio após a morte de seu pai, estimulando-o a estudar, presenteando-o com roupas e livros. A personagem do Tio Valentim assemelha-se, em partes, com o padrinho de Lima Barreto, Visconde de Ouro Preto, que teria sido o responsável por financiar os seus estudos.

Eu já sabia do caso, estava mesmo convencido de sua exatidão; entretanto, apesar das minhas idiotas exigências de moral inflexível, não me envergonhava de estimá-lo [o tio de Isaías], amava-o até, sem mescla de terror, já pela decisão de seu caráter, já pelo apoio certo que nos dera, a mim e a minha mãe, quando veio a morrer meu pai (...) Animara a continuar os meus estudos, fizera sacrifícios para me dar vestuário e livros, desenvolvendo assim uma atividade acima dos seus recursos e forças (BARRETO, 2010, p. 72).

Isaías Caminha conta que sempre fora bom aluno e recebera o respeito e os elogios de suas professoras. Indivíduos como ele – mulato, pobre, mas que estudava – eram a exceção em um contexto no qual negros antes escravizados foram lançados à sorte de uma sociedade inspirada por valores higienistas e racistas. Para a personagem, tonar-se doutor seria estimada vitória. No desenrolar da trama, observa-se o modo enfadonho, mas também irônico, com que Isaías Caminha tratava o título de doutor: apresentava-o como sendo a resolução de todos os seus problemas étnicos e econômicos. Tamanho seria o poder e respeito imposto pelo título que ele aliviaria o suplício da pobreza e a discriminação pela cor. Podemos inferir que o título de doutor, tanto para Isaías Caminha quanto para Lima Barreto, apontaria para uma nova vida, de mais respeito e consideração:

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro (...) Ah! Doutor! Doutor! De posse dela [título de doutor], as gotas da chuva afastar-se-iam transidas do meu corpo, não se animariam a tocar-me nas roupas, no calçado sequer (BARRETO, 2010, p. 75).

O enfado e a ironia permanecem no discurso literário da personagem, que se fascinava com as coisas caras vendidas no centro da capital Rio. O título de doutor, muito provavelmente, combinaria com elas. Não se tratava, todavia, de uma admiração inocente por botinas, chapéus e roupas de linho branco, mas de uma denúncia ao valor que a sociedade da época oferecia à estética, à forma: eram “a civilização, a honestidade, a consideração, a beleza e o saber”, não os seres humanos, mas as coisas, os objetos que poderiam ser adquiridos. A dinâmica social, em outras palavras, estaria entranhada por uma ideia de embelezamento, na qual sobressai-se a “embalagem” em detrimento da essência:

Parava diante de uma e de outra, fascinado por aquelas coisas frágeis e caras. As botinas, os chapéus petulantes, o linho das roupas brancas, as gravatas ligeiras, pareciam dizer-me: “Veste-me, ó idiota! Nós somos a civilização, a honestidade, a consideração, a beleza e o saber. Sem nós, não há nada disso; nós somos, além de tudo, a majestade e o domínio!” (BARRETO, 2010, p. 103).

Isaías Caminha é discriminado, humilhado e rejeitado de modo veemente no desenvolver-se de *Recordações*. Como modo de trazer à tona o racismo de seu tempo, Lima Barreto descreve diversas situações nas quais a personagem é agredida pelo ímpeto discriminatório de atores sociais os mais variados da época da República Velha. Seja o

caixeiro do trem, um sujeito que passeia de bonde, um capitão da polícia ou um provável empregador, todos indicam a Isaías Caminha a sua diferença por ser negro e pobre. Seriam situações estas já vividas por Barreto? Seria a obra um compêndio de denúncias acerca do racismo sofrido por Barreto nos primeiros anos de sua vida adulta? Teria sido a vida de Barreto o substrato utilizado para a produção de uma literatura que toca de modo objetivo na questão da discriminação racial?

No primeiro caso de discriminação relatado pela personagem em suas recordações figura o caixeiro do trem no qual viajava Isaías Caminha em direção ao Rio, que não entrega o troco em tempo à Isaías Caminha, mas o faz de modo prazenteiro ao rapaz loiro. O episódio deixa a personagem indignada, possuída de uma muda raiva:

O trem parara e eu abstinha-me de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão onde havia café e bolos. Encontravam-se lá muitos passageiros. Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: “Oh!”, fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. “Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo?”. Ao mesmo tempo ao meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti durante segundos uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos (BARRETO, 2010, p. 80).

Já o segundo caso de discriminação racial vivido por Isaías Caminha carrega menos detalhes, referindo-se a um grande safanão que levou no bonde de um sujeito. Uma atitude que pode parecer simplória aos olhos daqueles que não sofrem preconceito devido às cores de suas peles, mas que prova que ocorrências banais, episódios aparentemente insignificantes, podem configurar-se como força motriz de um “desejo feroz de reivindicação”. A ocorrência relatada por Isaías Caminha fez vir à tona em minha memória uma lembrança que aponta para a atualidade da obra de Lima Barreto: em formatura dos cursos de Engenharia Civil e Engenharia Ambiental da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), uma mulher negra teve o seu turbante (símbolo de sua cultura) arrancado por um convidado no final da festa, de acordo com o portal de notícias G1. O caso ganhou os meios de comunicação e as pessoas chocaram-se com o desrespeito sofrido por Dandara Castro⁷. É certo que na atualidade as intolerâncias são mais facilmente expostas e punidas, mas vê-se que o preconceito racial ainda permanece assolando a sociedade brasileira, desrespeitando negros e pobres, tratando-os

⁷ Veja notícia sobre o caso de discriminação racial sofrido por Dandara Castro: <http://migre.me/wLPq9>.

como indivíduos inferiores. A humilhação, sentimento esmagador, jogava na cara de Isaías Caminha que, mesmo estudando, serviria de joguete aos poderosos por ser preto e pobre:

Um sujeito entrou no bonde, deu-me um grande safanão, atirando-me o jornal ao colo, e não se desculpou. Esse incidente fez-me voltar de novo aos meus pensamentos amargos, ao ódio já sopitado, ao sentimento de opressão da sociedade inteira... Até hoje não me esqueci desse episódio insignificante que veio reacender na minha alma o desejo feroz de reivindicação. Senti-me humilhado, esmagado, enfraquecido por uma vida de estudo, a servir de joguete, de irrisão a esses poderosos todos por aí (BARRETO, 2010, p. 122).

No que tange o terceiro episódio discriminatório ocorrido com Isaías Caminha, este refere-se a xingamento com ar depreciativo feito por um capitão da polícia a ele: “mulatinho”. O tratamento o fere como uma bofetada e, ademais, lhe causa espanto, já que veio de uma autoridade pública, alguém que deveria zelar por um tratamento digno e respeitoso aos cidadãos. Ouvir, no ambiente de uma delegacia, um insulto racial deixou Isaías Caminha choroso. Está presente no trecho abaixo e torna-se observável por toda a obra que o Rio de Janeiro massacrara todo o ambiente de afeto, consideração, respeito e atenções em que vivia a personagem outrora. Obtendo desempenho satisfatório na escola, tendo os seus estudos e as suas necessidades básicas financiadas pelo tio e ouvindo palavras confortantes e doces de sua mãe, não havia, ainda, se atentado para a maneira rude como a sociedade da época tratava os negros e os pobres. Em 2016, uma pedagoga foi presa na Praia do Recreio, no Rio de Janeiro, por insultar uma mulher negra, Sulamita Mermier, afirmando que “mulata” era sub-raça, que ela possuía cabelo duro e era complexada. A discriminação foi gravada em vídeo, que foi acessado mais de sete milhões de vezes nas redes sociais⁸. O racismo, é óbvio, continua ocorrendo em nosso país, com a diferença de que em tempos contemporâneos é crime e pode ser divulgado e debatido amplamente pela sociedade:

- Raposo, vou sair: há alguma coisa?

- Nada, capitão Viveiros.

- E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal “mulatinho”?

Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se juntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que era na realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada (BARRETO, 2010, p. 127-128).

⁸ Veja reportagem publicada pelo jornal O Globo sobre o caso: <http://migre.me/wLX64>.

Quanto à quarta discriminação sofrida por Isaías Caminha em *Recordações*, a mesma evidencia desconfiança por parte do capitão da polícia com o fato da personagem ser estudante. O capitão não conseguia aceitar o fato de que um mulato e pobre, diarista de um simples hotel, pudesse ser estudante. Era como se o estereótipo de Isaías Caminha o privasse de uma vida de produção intelectual. No excerto abaixo fica nítido que, de imediato, a personagem não percebeu que estava sendo humilhada por causa de sua cor. Precisou de um questionamento segundo por parte da autoridade para que compreendesse o ímpeto preconceituoso do capitão. Em 2014, Mônica Gonçalves, aluna do curso de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) foi impedida de adentrar o prédio de sua faculdade, enquanto alunos brancos entravam sem qualquer constrangimento, porque os seguranças afirmavam que Mônica não era aluna do curso⁹, conforme o portal Pragmatismo Político. Seria o racismo da República Velha uma permanência? Parece-nos que sim:

- Qual é a sua profissão?

- Estudante.

Estudante?!

Sim, senhor, estudante – repeti com firmeza.

- Qual estudante, qual nada!

A sua surpresa deixara-me atônito. Que havia nisso de extraordinário, de impossível? Se havia tanta gente besta e bronca que o era, por que não o podia ser eu? Donde lhe vinha a admiração duvidosa? Quis-lhe dar uma resposta mas as interrogações a mim mesmo me enleavam. Ele, por sua vez, tomou o meu embaraço como prova de que mentia. Com ar escarinho, perguntou:

- Então, você é estudante?

Dessa vez tinha-o compreendido, cheio de ódio, cheio de um santo ódio que nunca mais vi chegar em mim. Era mais uma variante daquelas tolas humilhações que eu já sofrera; era o sentimento geral da minha inferioridade, decretada, *a priori*, que eu adivinhei na sua pergunta. E afirmei com a voz transtornada:

- Sou, sim, senhor! (BARRETO, 2010, p. 133).

A quinta discriminação constante no livro e denunciada por Isaías Caminha trata-se de um empregador que o dispensou da função de acompanhar um cesto de pão devido, podemos inferir, à sua cor de pele. Um trabalho simples como acompanhar um cesto de pão foi negado à personagem por desconfiança. Na ocasião, a mesma estava desempregada e lhe faltava o mínimo, o que a levou a decidir que trabalharia em serviços que não exigissem alta escolaridade afim de juntar dinheiro para conseguir realizar os seus planos e sonhos. O preconceito com a cor da pele de Isaías Caminha estava presente por toda a parte: as pessoas

⁹ Acesse reportagem sobre o racismo sofrido pela aluna da USP em: <http://migre.me/wLQjF>.

que dividiam o trem ou o bonde expurgavam-lhe; a autoridade da polícia lhe xingava de “mulatinho”; o empregador que anunciara a vaga nos “classificados” do jornal dizia que ele não lhe servia. Por meio de Isaías Caminha, Lima Barreto gritava a intolerância e o preconceito exacerbado de uma sociedade que havia abolido a escravatura apenas legalmente e, não, social e culturalmente. Atitudes de preconceito descarado não ocorrem com constância nos dias de hoje, uma vez que o racismo tornou-se crime, entretanto, é fato que a presença negra nas empresas ainda é um desafio e incomoda, como indica reportagem da Carta Capital¹⁰, publicada em 2016:

- Foi o senhor que anunciou um rapaz para [acompanhar um cesto de pão]...
 - Foi; é o senhor? – respondeu-me logo sem me dar tempo de acabar.
 - Sou, pois não.
- O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse, por fim, voltando-me as coisas com mau humor:
- Não me serve.
 - Por quê? – atrevi-me eu.
 - Porque não me serve (BARRETO, 2010, p. 144).

Recordações coloca, por algumas vezes, Isaías Caminha diante de situações extremamente discriminatórias. A vida, por sua vez, põe Lima Barreto defronte para o racismo: primeiro, é desafiado por um outro a arranjar mulher refinada; depois, vê-se envolto em uma teia de desconfiança por parte de um soldado acerca de sua profissão; em seguida, é comparado a um macaco em cartão postal que o desqualifica. Vê-se, portanto, que a vida de Lima Barreto, assim como a da personagem Isaías Caminha, é constituída por episódios que desvelam as relações de poder engendradas a partir da cor da pele do indivíduo. Tais episódios causavam indignação e eram, também, força motriz para reafirmação do oprimido:

Na estação, passeava como que me desafiando o C. J. (puto ladrão e burro) com a esposa do lado. O idiota tocou-me na tecla sensível, não há negá-lo. Ele dizia com certeza: - Vê, “seu” negro, você me pode vencer nos concursos, mas nas mulheres, não. Poderás arranjar uma, mesmo branca como a minha, mas não desse talhe aristocrático. Suportei o desafio e mirei-lhe a mulher de alto a baixo e, dentro de alguns anos, espero encontrar-me com ela em alguma casa de alugar cômodos por hora (BARRETO, 1993, p. 22).

Hoje, comigo, deu-se um caso que, por repetido, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a cousa feriu-me

¹⁰ Reportagem da Carta Capital afirma que dimensão racial é a que mais suscita resistências no ambiente corporativo, atravancando mudanças no cenário étnico brasileiro, ainda desigual: <http://migre.me/wLXGL>.

um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. Eles, variada gente simples, insistem em tomar-me como tal, e nisso creio ver um formal desmentido ao professor Broca (de memória). Parece-me que esse homem afirma que a educação embeleza, dá, enfim, outro ar à fisionomia. Por que então essa gente continua a me querer contínuo, por quê? Porque... O que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-à grande (BARRETO, 1993, p. 26-27).

Hoje, à noite, recebi um cartão-postal. Há nele um macaco com uma alusão a mim e, embaixo, com falta de sintaxe, há o seguinte: “Néscios e burlescos serão aqueles que *procuram* acercar-se de prerrogativas que não *têm*. M.”. O curioso é que o cartão em si mesmo não me aborrece; o que me aborrece é lobrigar se, de qualquer maneira, o imbecil que tal escreveu tem razão. “Prerrogativas que não tenho”... Ah! Afonso! Não te dizia... Desgosto! Desgosto que me fará grande (BARRETO, 1993, p. 53).

No início do século XX já gritava Lima Barreto por meio da voz de Isaías Caminha em favor de Dandara, Sulamita e Mônica? Os casos de discriminação relatados de modo retórico e enfático na obra analisada são legítima denúncia de uma sociedade marcada de modo significativo pela divisão classista, na qual existe verdadeira hegemonia branca que comanda o poderio nacional, em detrimento dos negros recentemente libertos lançados à mercê da própria sorte. Após duas discriminações violentas sofridas na delegacia e de ter sido preso por horas, o delegado propõe um diálogo pacífico à Isaías Caminha, que cita o nome de seu culto amigo jornalista Gregoróvitch e vê-se livre devido à influência deste último. Após lamentáveis ocorrências, depara-se com duas raparigas que foram parar na delegacia por causa de ovos de uma galinha. O trecho abaixo é uma confissão do teor militante de Lima Barreto através de pensamentos de Isaías Caminha. Nele, Isaías divaga acerca dos “sofrimentos milenares” de uma vida desigual dos seus. Ademais, sente-se comunicado pela emoção da mulher, tanto que percebe-se despertando as suas células contra sofrimentos de intolerância e discriminação:

A rapariga falava desigualmente: ora alongava as sílabas, ora fazia desaparecer outras; mas sempre possuía das palavras, com um forte acento de paixão, superposto ao choro. As palavras saíam-lhe animadas, cheias de uma grande dor, bem distante da pueril querela que as provocara. Vinham das profundezas do seu ser, das longínquas partes que guardam uma inconsciente memória do passado, para manifestarem o desespero daquela vida, os sofrimentos milenares que a natureza lhe fazia sofrer e os homens conseguiram aumentar. Senti-me comunicado de sua imensa emoção; ela penetrava-me tão fundo que despertava nas minhas células já esquecidas a memória enfraquecida desses sofrimentos contínuos que me pareciam eternos; e achando-os por debaixo da noções livrescas, por debaixo da palavra articulada, no fundo da minha organização, espantei-me, aterrei-me,

tive desesperos e cristalicei uma angústia que me andava esparsa (BARRETO, 2010, p. 131).

Lima Barreto, assim como Isaías Caminha, se angustiava com uma gente que sofria. Em seu Diário Íntimo, mostrava-se consciente da ideia crescente da eugenia que tomava conta do início do século XX e fora responsável por tantos “sofrimentos milenares”. As ideias eugênicas defendiam uma seleção na diversidade humana, baseada nas leis genéticas. É o mesmo que defender que ao mundo viriam os bem e os mal-nascidos, e que os primeiros deveriam ter garantida a sua vida enquanto que os segundos deveriam ser eliminados por aspectos que os caracterizariam como inferiores – em um exercício de discriminação de pessoas por categorias:

Vai se estendendo, pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça. Diz-se ainda mais: que as misturas entre essas raças são um vício social, uma praga e não sei que cousa feia mais. Tudo isto se diz em nome da ciência e a coberto da autoridade de sábios alemães (BARRETO, 1993, p. 71).

Como qualquer ser humano – mesmo os engajados e militantes – Isaías Caminha reproduz o preconceito que sofre. Parece-nos que Lima Barreto não intentava a construção de uma personagem que esbanjasse linearidade ou unicidade. Isaías Caminha levanta a sua voz contra as injustiças sociais mas, por vezes, mostra-se acomodado a um sistema que o engole. Contaminado com a desumanidade desse sistema, tende a, de modo quase automático, reproduzir as injustiças e as desigualdades. Pega-se olhando com ares de superioridade para uma “mulata” que estava no Passeio Público, ignorando-a, respondendo-a com desdém. A mulher, por sua vez, murmura e o questiona sobre a sua petulância e sobre o título que não possui:

Fui ao Passeio Público (...) Num dado momento, virei-me e dei com uma rapariga de cor, de olhos tristes e feições agradáveis. Tinha uma bolsinha na mão, um chapéu de sol de alpaca e o vestuário era pobre. Considerei-a um instante e continuei a ler o livro, cheio de uma natural indiferença pela vizinha. A rapariga começou a murmurar, perguntou-me qualquer coisa que respondi sem me voltar. Subitamente, depois de fazer estalar um desprezível muxoxo, disse-me ela à queima-roupa: - Que tipo! Pensa mesmo que é doutor? (BARRETO, 2010, p. 148).

Lima Barreto conta duas historietas parecidas com esta em seu Diário Íntimo. Nelas, como Isaías Caminha, demonstra o que pensa sobre a sua família: critica o pai pela instabilidade de sua profissão, delata o irmão que vive do roubo de pequenos objetos, aponta a falta de refinamento alheio, escancara as relações afetivas tecidas pela irmã e vizinhas, enfim, considera-se superior à sua gente, classificada por ele como dotada de tendência baixa, vulgar

e sórdida. Em outros termos, Lima Barreto não se reconhecia como alguém pobre, marginalizado e trabalhador, mas como alguém que escapava daquela realidade:

Dolorosa vida a minha! Empreguei-me e há três meses que vou exercendo as minhas funções. A minha casa ainda é aquela dolorosa geena pra minh'alma. É um mosaico tétrico de dor e de tolice. Meu pai, ambulante, leva a vida imerso na sua insânia. Meu irmão, C..., furta livros e pequenos objetos para vender. Oh! Meu Deus! Que fatal inclinação a desse menino! Como me tem sido difícil reprimir a explosão. Seja tudo que Deus quiser! A Prisciliana e filhos, aquilo de sempre. Sem a distinção da cultura nossa, sem o refinamento que já conhecíamos, veio em parte prender o desenvolvimento superior dos meus. Só eu escapo! (BARRETO, 1993, p. 17).

Ontem, eram onze horas, e eu estava no meu quarto, escrevendo, passou um pequeno da vizinhança. Chegando em frente à nossa casa, deu boas-noites. Pelo jeito, pareceu-me que o dera para a minha irmã ou para a tal Paulina, que é uma vulgar mulatinha, muito estúpida, cheia de farofas de beleza e de presunção, que é ou que pode ser namorada (...) Há em minha gente toda uma tendência baixa, vulgar, sórdida. Minha irmã, esquecida que, como mulata que se quer salvar, deve ter um certo recato, uma certa timidez, se atira ou se quer atirar a toda a espécie de namoros, mais ou menos mal intencionados que lhe aparecem (BARRETO, 1993, p. 43-44).

Reproduzindo condutas discriminatórias e trabalhando como contínuo em um jornal, Isaías Caminha, ao final da obra, perde a força de sua voz que se levantava veementemente e denunciava o descaso com os excluídos. Apesar da caracterização negativa dos jornais, encontra-se deslumbrado com o poder daquele meio de comunicação: são empresas que dão aos seus donos o domínio das massas, segundo ele, mas são, também, de um poder inigualável que faz e desfaz altos cargos públicos e privados. Fato do enredo que salienta que Isaías Caminha teria se corrompido ao perverso sistema econômico, social e cultural de sua época é a promoção a repórter que consegue graças à indireta chantagem que ensaiava com Ricardo Loberant, o seu patrão, descoberto com sua amante em um bordel por Isaías Caminha:

São grandes empresas, propriedade de venturosos donos, destinadas a lhes dar o domínio sobre as massas, em cuja linguagem falam, e a cuja inferioridade mental vão ao encontro, conduzindo os governos, os caracteres para os seus desejos inferiores, para o seus atrozes lucros burgueses (BARRETO, 2010, p. 164).

De tal maneira é forte o poder de nos iludirmos, que um ano depois cheguei a ter orgulho da minha posição. Senti-me muito mais que um contínuo qualquer, mesmo mais que um contínuo de ministro. As conversas da redação tinham-me dado a convicção de que o doutor Loberant era o homem mais poderoso do Brasil; fazia e desfazia ministros, demitia diretores, julgava juizes e o presidente, logo ao amanhecer lia o seu jornal, para saber se tal ou qual ato seu tinha tido o *placet* desejado do doutor Ricardo. Participar de uma redação de jornal era algo extraordinário, superior, acima

das forças comuns dos mortais; e eu tive a confirmação disso quando, certa vez, na casa de cômodos em que morava (...) vi o pobre homem esbugalhar muito os olhos, olhar-me de alto a baixo, tomar-se de grande espanto como se tivesse diante de um ente extraordinário. As raparigas que residiam junto a mim, lavadeiras e costureiras, criadas de servir apelidaram-me “o jornalista”, e mesmo quando vieram a ter exato conhecimento da minha real situação no jornal, continuei a ser por esse apelido conhecido, respeitado e debochado. Comecei a admirar as sentenças literárias do Floc, as pilhérias do Losque, a decorar a gramática homeopática do Lobo e a não suportar uma leitura mais difícil, mais densa de ideias, mais logicamente arquitetada, mesmo quando vinha em jornal (BARRETO, 2010, p. 196-197).

É válido pontuar, ao final desta seção, a razão do discurso engajado e militante – por isso, retórico – que Lima Barreto faz materializar em Isaías Caminha: mudar a opinião do povo, levá-lo a pensar de um modo diferente, a não discriminar rapazes mulatos e pobres. Esta quiçá seja a aproximação maior existente entre o autor e o narrador de *Recordações*. Ambos, Barreto e Caminha, são seres humanos indignados com um sistema econômico, político, social e cultural que discrimina, trazendo uns para o centro e relegando outros às margens:

Mas, não é a ambição literária que me move ao procurar esse dom misterioso para animar e fazer viver estas pálidas *Recordações*. Com elas, queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo, a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados (BARRETO, 2010, p. 137).

Nesta parte do capítulo caracterizamos *Recordações* como um romance que é um imbricamento entre ficção e indícios biográficos de Lima Barreto. Colocamos à luz das análises trechos da obra que são representativos de uma aproximação entre autor (Lima Barreto) e narrador/personagem (Isaías Caminha), compreendendo este como extensão das angústias, lamentações, insatisfações, alegrias e sofrimentos daquele. Cinco ocorrências discriminatórias com Isaías Caminha foram enumeradas e analisadas, apresentando-se como fértil material de denúncia contra o racismo presente na Primeira República. A análise ainda abaliza a atualidade da literatura barretiana, que desperta *insights* sobre questões de etnia e classe que permanecem no hodierno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Recordações* apontou, antes mesmo do Modernismo à brasileira se constituir, o que viria a ser uma das tendências do gênero na contemporaneidade, a saber a característica autobiográfica. Adriano Schwartz (2013, p. 84) afirma que a mistura entre ficção e autobiografia marca o romance contemporâneo e, para legitimar a sua afirmação, cita mais de uma dezena de exemplos de autores: “Primo Levi, Thomas Bernhard, W.G. Sebald, Georges Perec, Giuseppe Bertolucci, Saul Bellow, Imre Kertész, Claudio Magris, Ernesto Vila-Matas, António Lobo Antunes, Julian Barnes, Art Spiegelman, Paul Auster, Bernardo Carvalho, Michel Laub, Ricardo Lísias”. O autor menciona Bernardo Carvalho (2010, p. 03), para quem a “contaminação” entre os universos real e ficcional indicaria uma reação:

O que mais me interessava, em parte como provocação, em um mundo que reduzia paulatinamente a literatura à expressão direta da experiência e do passado do autor, era inventar ficcionalmente minha própria experiência. (apud SCHWARTZ, 2013, p. 85).

Em outras palavras, o que Carvalho (2010) quer dizer é que, em tempos hodiernos, torna-se mais instigante para o escritor recriar com criatividade fatos vivenciados em seu cotidiano impregnados em sua memória do que, objetivamente, utilizar a escrita como meio de confissão, de expressão objetiva de sua existência. O romance autobiográfico, como já explicado, não conta com o pacto autobiográfico, momento em que o autor revela que determinada obra trata-se de sua história de vida. Pelo contrário, remonta memórias pessoais acrescentando a elas aspectos ficcionais: ao invés de obedecer a um enredo pré-estruturado que legitime acontecimentos de sua própria vivência, cria, a partir de suas referências, um enredo novo, com personagens, tempo e espaço ficcionais.

Mesmo que não tenha sido escrito contemporaneamente, *Recordações* pode ser classificado como um romance autobiográfico, uma vez que mescla elementos próprios da vida do autor Lima Barreto (realidade) com outros, atribuídos à natureza da personagem Isaías Caminha (ficção). É daí que se origina a problemática dessa pesquisa: sendo *Recordações* um romance autobiográfico, como deu-se nele a aproximação entre o autor e a personagem principal? A partir desta questão, partimos da hipótese de que a personagem Isaías Caminha seria o seu “duplo”. Não um duplo afirmativo, que se expressa como cópia fiel, mas um duplo “provável”, uma personagem que, provavelmente, encarnaria muitas características e situações de seu criador.

Como aproximações entre Barreto e Caminha, temos: a relação com os pais, na qual as mães de ambos são a encarnação da zona de conforto, do não questionamento sobre as suas condições econômicas e sociais e, os padrinhos, as representações da figura paterna,

responsáveis pela manutenção da casa, sustento da família e financiamento dos estudos; a frustração com o sistema educacional, uma vez que tanto Barreto quanto Caminha não conseguem concluir os estudos na capital; o jornalismo como meio de vida para os dois, já que tanto um quanto o outro estabelecem-se no Rio como jornalistas envolvidos em complexas relações de poder; o distanciamento e a empatia, sentimentos paradoxais, que possuíam com o os meios de comunicação, entendendo-os como importantes disseminadores de ideologias e modos de se ver o mundo e, por último; as discriminações e intolerâncias que ambos sofreram por serem mulatos e pobres.

Como distanciamentos entre o enredo da personagem Isaías Caminha e a história de vida de Barreto, trazemos: a intenção distinta da escrita entre Barreto e Caminha, pois o primeiro utilizava-a com interesses militantes, enquanto o segundo, despreziosamente, colocou-se a escrever, de modo nostálgico, as suas recordações; a visão diferente sobre a importância do título de doutor, já que enquanto Caminha sonhava com o título compreendendo-o como instrumento de mobilidade social, Barreto criticava vorazmente os diplomados em algumas de suas produções literárias e, por fim; a postura de cada um no final dos enredos, uma vez que Caminha passa a legitimar o sistema sem questioná-lo (seja em sua função de repórter do jornal ou quando decide investir na política), enquanto Barreto colocava-se em tensão com o sistema econômico até o fim de sua vida.

São as aproximações e os distanciamentos, as conexões e as desconexões, os elos e as rupturas que consagram *Recordações* como um romance de caráter autobiográfico complexo, capaz de aglutinar vida real e aspectos ficcionais atribuídos a esta vida com a intenção de se criar um enredo novo, que não seja, puramente, autobiografia e, genuinamente, ficção. Pode-se inferir que a opção por tal gênero discursivo específico coloca para o autor questões como a não necessidade de que o enredo da obra seja fiel à sua vida, a possibilidade de não se expor nitidamente questões particulares em uma obra pública e a alternativa de narrar ocorrências do cotidiano real sem se comprometer com os envolvidos ou com a exposição de suas identidades. Já para os leitores, um romance autobiográfico como *Recordações* pode instigar um olhar literário atento, que empreenda no texto uma análise compreensiva acerca do enredo da personagem e da vida do escritor.

O duplo Barreto-Caminha nunca será provado, afirmado, pois diz respeito a um duplo provável, como explicado. As contribuições oferecidas por esta pesquisa posicionam-se, justamente, na linha tênue da probabilidade: provavelmente, Isaías Caminha possui muito de Lima, e vice-versa. E é apropriado dizer que nem toda personagem revela muito de seu autor, e o oposto também é válido. Aquelas obras que deixam a descoberto a semelhança entre autor

e narrador foram, possivelmente, escolhidas para tal. Lima Barreto, cabe dizer, não pretendia ganhar dinheiro com a venda de *Recordações*, tanto que abdicara dos direitos autorais da obra; o que desejava era o impacto que ela poderia causar – e não causou, devido ao apagamento causado pelos críticos.

Certamente, não conseguimos esgotar a temática pesquisada, e nem era esse o nosso propósito. Lacunas sempre por aí estão para serem preenchidas. Nesta pesquisa, existem mais questionamentos que conclusões, mais perguntas que respostas, mais desenvolvimento de debates do que as suas próprias sínteses, mais problematizações que concretudes, mais esclarecimentos que certezas. O desejo é de que esta investigação colabore com o debate literário sobre a relação autor-personagem na produção de um romance autobiográfico.

REFERÊNCIAS

- AIEX, Anoar. **As idéias literárias de Lima Barreto**. São Paulo: Vértice, 1990.
- ALEXANDER, J. O Novo Movimento Teórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.02, n. 04, p.05-28, jun. 1987.
- ALMEIDA, Leonardo Pinto. Literatura e Subjetividade: reflexões sobre a linguagem e o exercício da liberdade. In: **IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2008, Salvador - BA. Anais/Cd Rom do IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador - BA: Cult/Pós-Cultura (UFBA), 2008.
- ASSIS, Lúcia Maria de. **Lima Barreto- Língua, Identidade e Cidadania**. 166 f. Tese (Doutorado em Filosofia, Letras e Ciências Humanas) Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- AZEVEDO NETO, Joachin. A noção de autor em Barthes, Foucault e Agamben. **Floema**, v. 10, p. 153-164, 2014.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio: INL-MEC. (1961). Vida Urbana. São Paulo: Brasiliense, 1981.
_____. **A vida de Lima Barreto**. José Olympio, RJ, 2002.
- BARRETO, Lima. **Obras Completas**. Brasiliense, São Paulo, 1956.
_____. **Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas**. Rio de Janeiro: Graphia, 1993.
_____. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 1995.
_____. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2010.
_____. **Clara dos Anjos**. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- BARTHES, Roland. **Aula**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.
- BEZERRA, Jane Mary Cunha. **Lima Barreto: anarquismo, antipatriotismo e forma literária**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará), 2010. Disponível em: < <http://migre.me/wwQZr>>. Acesso em 29 de abr. de 2017.
- BOAVENTURA, Gustavo Freire. A narrativa de beleza em anúncios da *Belle Époque* tropical. **Revista Contemporânea**, ed. 18, vol.9, n ° 2, 2011.
- BOSI, Alfredo. As Letras na Primeira República. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio. **O Brasil Republicano, tomo III: Sociedades e instituições (1889 – 1930)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
_____. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire – Um Lírico no Auge do Capitalismo**. Obras Escolhidas Volume III. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CAMPATO JR, João Adalberto. **Lima Barreto: Retórica e Literatura Militante nas Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2013.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHNAIDERMAN, M. “Língua(s)-linguagem(ns)-identidade(s)-movimento(s): uma abordagem psicanalítica”. In: **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado das Letras, FAEP/UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1998, pp. 47-67.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2012.

CURY, Maria Zilda Ferreira. **Um mulato no reino de Jambom: as classes sociais na obra de Lima Barreto**. São Paulo: Editora Cortez, 1981.

CUTI, Luis Silva. **Lima Barreto**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

FAULHABER, Gabriel Moreira. A autobiografia e o romance autobiográfico. In: VI Simpósio Internacional em Literatura Crítica e Cultura, 2012, Juiz de Fora. **Anais do VI Simpósio Internacional em Literatura, Crítica e Cultura - Disciplina, Cânone: Continuidades e Rupturas**, 2012.

FERREIRA, Luciana da Costa. Os percursos literários do leitor Lima Barreto. **Rev. Garrafa 24** - Vol. 25 maio-agosto de 2011. Disponível em: <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa/garrafa24/volii/ospercursoslit_lucianadacosta.pdf> Acesso em: 10 de agosto de 2016.

FIGUEIREDO, Carmen Lúcia Negreiros de. **Trincheiras e Sonhos: ficção e cultura em Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Tempo Perdido, 1998.

FLOREAL, Revista. Número 01. **Arquivo da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <https://goo.gl/XJy7np>. Acesso em 31 de julho de 2017.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992.

_____. O que é um autor? (1969) In: **Ditos e Escritos – Estética: literatura e pintura; música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. **Estudos Sociológicos**, São Paulo, v. XX, n.61, p. 147-162, 2001.

GUIMARÃES, Francisco de Assis Duarte. **Comunicação e literatura**: vozes de uma cidade e seus personagens em Lima Barreto. EDUFRN: Natal, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

IANNI, Otacvio. **Raças e classes sociais no Brasil**. Revista e modificada, 2 ed, Rio de Janeiro, 1972.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet**/Philippe Lejeune; organização Jovita Maria Gerhein Noronha; tradução Jovita Maria Gerhein Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. – 2.ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

LIPPI, Lúcia Oliveira. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LOPES, Silvana Fernandes. A contribuição de Lima Barreto para o entendimento da crítica educacional brasileira do início do século XX. **Saeculum (UFPB)**, v. 22, p. 69-84, 2010.

LÖWY, M. **Ideologia e ciência social**. São Paulo: Cortez, 2000.

LUSTOSA, Isabel. Lima Barreto em seu tempo. In: BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Penguin Classics. Companhia das Letras, 2010.

MAGNONI, Maria Salete. Literatura, Historia e Cultura em Recordações do Escrivão Isaías Caminha e El Juguete Rabioso. **Diálogos Latinoamericanos**, Dinamarca, v. 8, p. 118-131, 2003.

MAIA, Junot Oliveira. A relação entre linguagem e inconsciente: do sujeito 'equivocado' ao sujeito do equívoco. **Língua, Literatura e Ensino (UNICAMP)**, v. 4, p. 1, 2009.

MEYER, M. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOURA, Clóvis. Lima Barreto e a militância literária. **Revista Princípios** nº 02, junho de 1981, p. 42 - 48. Disponível em:<<https://www.marxists.org/portugues/moura/1981/06/lima.htm#topp>> Acesso em 10 de agosto de 2016.

_____. **Brasil: raízes do protesto negro**. São Paulo: Global Editora, São Paulo, 1983.

MOURA, Samara Loureiro de. **Lima Barreto, um mulato intelectual na bruzundanga**: um estudo do projeto de literatura militante de Lima Barreto. Trabalho de Conclusão de Curso de Letras (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), 2010. Disponível em: <<http://migre.me/wwR2E>>. Acesso em 29 de abr. de 2017.

NAGLE, Jorge. A Educação na Primeira República. In: In: PINHEIRO, Paulo Sérgio. **O Brasil Republicano, tomo III: Sociedades e instituições (1889 – 1930)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

NOGUEIRA, Clara Miguel Asperti. Lima Barreto e a crítica: a publicação de Recordações do escrivão Isaías Caminha. **Línguas & Letras (UNIOESTE)**, v. 11, p. 1-11, 2010.

NORONHA, Carlos Alberto Machado. **Lima Barreto entre lutas de representação: uma análise da modernização do Rio de Janeiro no início do século XX**. Dissertação de Mestrado em História (Universidade Estadual de Feira de Santana), 2013. Disponível em: <<http://migre.me/wwR57>>. Acesso em 29 de abr. de 2017.

PARK, Robert Ezra. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

PENTEADO, Alice Áurea. **Lima Barreto e a crítica (1900 a 1922) – a conspiração do silêncio**. Disponível em: <<http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero16/lbarreto.html>>. Acesso em 21 de julho de 2016.

PETRONE, Maria Tereza Schorer. Imigração. In: In: PINHEIRO, Paulo Sérgio. **O Brasil Republicano, tomo III: Sociedades e instituições (1889 – 1930)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PRADO, Antônio Arnoni (Org.). **Lima Barreto: uma autobiografia literária**. São Paulo: Editora 34, 2012.

PROENÇA FILHO, Domício. Trajetória do negro na literatura brasileira. **Revista de Estudos Avançado**, nº 18, 2014.

PONTES, Ludmila Alves. **A visão de um Brasil urbano: o Rio de Janeiro na obra de Lima Barreto**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora), 2009. Disponível em: <<http://migre.me/wwRhB>>. Acesso em 29 de abr. de 2017.

SANT'ANNA, Cristina Nunes de. **O cronista político Afonso Henrique Lima Barreto**. Dissertação de Mestrado em Ciência Política (Universidade Federal Fluminense), 2008. Disponível em: <<http://migre.me/wwR9G>>. Acesso em 29 de abr. de 2017.

SANTOS, Ângela; MOTTA, Marly Bota. O Executivo municipal e as reformas urbanas no Rio de Janeiro (1903-2003), In: **Revista Rio de Janeiro**, nº10, Maio – Agosto. Laboratório de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. Modelos de engajamento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n.54, p. 391-427, 2005.

SANTOS, Nadia Maria Weber. Lima Barreto muito além dos cânones. *Artelogie (Online)*, v. 1, p. 1-15, 2011.

SANTOS, W. **O intertexto balzaquiano em Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. Tese de Doutorado em Letras - Língua e Literatura Francesa (Universidade de São Paulo), 2012.

SARTRE, Jean Paul. **As palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Que é a literatura?**. São Paulo: Ática, 1999.

SCHWARTZ, Adriano. A tendência autobiográfica do romance contemporâneo, Coetzee, Roth e Piglia. *Novos Estudos CEBRAP* (Impresso), v. 95, p. 82-95, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na 1ª República**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SCHWARZ, Roberto (org.). **Os pobres da literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOARES, Enaldo Pereira. A Literatura Autobiográfica na Teoria Literária. *Revista Eletrônica das Faculdades de Santos Dumont*, v. 1, p. 1-8, 2012.

VELLOSO, Monica Pimenta. A literatura como espelho da Nação: a crítica literária no Estado Novo. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 239-263, 1988.

VELOSO, C. **Velô**. Polygram, 1984. Faixa 7.

VELOZO, Marisa; MADEIRA, Angélica. Século XIX: paisagens do Brasil. In: **Leituras brasileiras: Itinerários no pensamento social e na Literatura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

VIANNA, Oliveira. **Evolução do povo brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1956.

_____. **Raça e Assimilação**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1959.

WIEVIORKA, M. **O Racismo, uma introdução**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Anexos

Anexo I

Carta de Lima Barreto à Academia Brasileira de Letras quando candidatou-se pela primeira vez, “Minha candidatura”

Vou escrever um artigo perfeitamente pessoal; e é preciso. Sou candidato à Academia de Letras, na vaga do Sr. Paulo Barreto. Não há nada mais justo e justificável. Além de produções avulsas em jornais e revistas, sou autor de cinco volumes, muito bem recebidos pelos maiores homens de inteligência de meu país. Nunca lhes solicitei semelhantes favores; nunca mendiguei elogios. Portanto, creio que a minha candidatura é perfeitamente legítima, não tem nada de indecente. Mas... chegam certos sujeitos absolutamente desleais, que não confiam nos seus próprios méritos, que têm títulos literários equívocos e vão para os jornais e abrem uma subscrição em favor de suas pretensões acadêmicas. Que eles sejam candidatos, é muito justo; mas que procurem desmerecer os seus concorrentes, é coisa contra a qual eu protesto. Se não disponho do Correio da Manhã ou do O Jornal, para me estamparem o nome e o retrato, sou alguma coisa nas letras brasileiras e ocultarem o meu nome ou o desmerecerem, é uma injustiça contra a qual eu me levanto com todas as armas ao meu alcance. Eu sou escritor e, seja grande ou pequeno, tenho direito a pleitear as recompensas que o Brasil dá aos que se distinguem na sua literatura. Apesar de não ser menino, não estou disposto a sofrer injúrias nem a me deixar aniquilar pelas gritarias de jornais. Eu não temo abaixo-assinados em matéria de Letras.

Anexo II

Crônica de Lima Barreto “Demolição do Morro do Castelo”, publicada no Correio da Manhã em 02 de maio de 1905

Alegrem-se os que acreditam na existência de fabulosas riquezas na galeria do morro do Castelo.

Se o ouro ainda não refulgiu ao golpe explorador da picareta, um modesto som metálico já se fez ouvir, eriçando os cabelos dos novos bandeirantes e dando-lhes à espinha o frio solene das grandes ocasiões; som feio e inarmônico de ferro velho, contudo som animador que faz pregoar orquestrações de barras de ouro, cruzados do tempo do D. João VI, pedrarias policrômicas, raras baixelas de repastos régios, tudo isto desmoronando-se, rolando vertiginosamente como o cascalho humilde pelo talude escarpado da montanha predestinada.

Por agora contentemo-nos com o ferro velho; ferro cujo passado destino, ao que se diz, honra pouco a doçura de costumes dos discípulos de Loiola, ferro em cuja superfície oxidada a Academia de Medicina ainda poderá achar resquícius do sangue dos cristãos novos.

Ainda bem que hoje em dia nem mais para os museus poderão servir as carcomidas correntes levantadas pelas mãos dos buscadores de ouro. Agora que tanto se fala na candidatura do Sr. Bernardino de Campos seria assaz de temer que as golilhas e polés encontradas no Castelo ainda estivessem capazes de uso.

O Sr. Presidente da República lá esteve, na galeria dos jesuítas, galeria em que, diga-se a verdade, sente-se bem a sua angélica pessoa.

Foi isto ontem pela manhã, depois do café e antes da segunda inauguração do primeiro decímetro de cães.

S. Exa ., acompanhado da casa civil e militar, do Dr. Frontin e de outras pessoas gratas (gratas, sr. revisor!), enveredou pelo buraco, iluminado por um foco de acetileno, que dava à galeria o tom macabro da furna de Ali Babá.

Entrou, olhou e nada disse; se o chefe de polícia estivesse presente teria exclamado como de outra vez (e desta com alguma razão): —Senhores, estamos com um vulcão por cima da cabeça.

A frase não seria de toda absurda, desde que por uma ficção poética se concedessem por um momento ao inofensivo Castelo as honras vulcânicas.

Mas, em suma, nem o Sr. Bulhões nem o Sr. Frontin, nem mesmo o Presidente da República tiveram a dita de encontrar os apóstolos de ouro de olhos esmeraldinos; e como S. Tomé, que também era apóstolo, ficam aprovisionando entusiasmo para quando os seus dedos assépticos conseguirem tocar as imagens que nos vão salvar da crise econômica.

E contem conosco para a inauguração do curso metálico.

Anexo III

Breve Notícia (BARRETO, 2010, p. 61)

Quando comecei a publicar, na Floreal, uma pequena revista que editei, pelos fins de 1907, as Recordações de meu amigo, Isaías Caminha, escrivão da Coletoria Federal de Caxambí, Estado do Espírito Santo, publiquei-as com um pequeno prefácio do autor. Mais tarde, graças ao encorajamento que mereceu a modesta obra do escrivão, tratei de publicá-la em volume.

O meu amigo e camarada Antônio Noronha Santos, indo à Europa, ofereceu-se para arranjar, em Portugal, um editor.

João Pereira Barreto recomendou-me aos Senhores A. M. Teixeira & Cia, livreiros em Lisboa, com a Livraria Clássica de lá; e elas foram impressas sob as vistas dedicadas do Senhor Albino Forjaz de Sampaio, a quem muito devem, em correção, as Recorações.

A todos três, não posso, em nome do meu querido Isaías, deixar de agradecer-lhes mais uma vez o serviço que prestaram à obra.

Eu, porém, como tinha plena autorização do autor, por ocasião de mandar o manuscrito para o prelo, suprimi o prefácio, a donnée, que agora epigrafa estas linhas, e algumas coisas mais.

O meu intuito era lançar o livro do meu amigo, sem escoras ou pára-balas.

Assim foi. Hoje, porém, que faço uma segunda edição dele, restabeleço o original tal e qual o Caminha me enviou, pois não havia motivo para supressão de tanta coisa interessante que muito concorre para a boa compreensão do livro.

E faço isso, porque julgo que foram elas um tanto que levaram aquele espírito firme e independente, aquele sagaz crítico, com o seu nobre amor pelos grandes ideais nas letras, que se chamou José Veríssimo, a dizer na sua Revista Literária, às segundas-feiras, no Jornal do Comércio, de 9 de dezembro de 1907, o seguinte, a respeito do que lhe pareceu uma novela:

"Ai de mim, se fosse a 'revistar' aqui quanta revistinha por aí aparece com presunção de literária, artística e científica.

Não teria mãos a medir e descontentaria a quase todos; pois a máxima parte delas me parecem sem o menor valor, por qualquer lado que as encaremos. Abro uma justa exceção,

que não desejo fique como precedente, para uma magra brochurazinha que com o nome esperançoso de Floreal veio ultimamente a público, e onde li um artigo "Spencerismo e Anarquia", do Senhor M. Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela Recordações do Escrivão Isaías Caminha, pelo Senhor Lima Barreto, nos quais creio descobrir alguma cousa. E escritos com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento de estilo que corroboram essa impressão."

Como vêem, José Veríssimo disse estas palavras, logo ao aparecerem os primeiros capítulos; e, pensando serem verdadeiras as razões que expus, restabeleço o manuscrito, como me foi confiado, passando a transcrever o prefácio inteiramente como saiu na inditosa Floreal.

Ei-lo:

"Eu me lembrei de escrever estas recordações, há dois anos, quando, um dia, por acaso, agarrei um fascículo de uma revista nacional, esquecida sobre o sofá de minha sala humilde, pelo promotor público da comarca.

Nela um dos seus colaboradores fazia multiplicadas considerações desfavoráveis à natureza da inteligência das pessoas do meu nascimento, notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentida mais tarde, na madureza, com a fraqueza dos produtos, quando os havia, ou em regra geral, pela ausência deles.

Li-o a primeira vez com ódio, tive desejos de rasgar as páginas e escrever algumas verrinas contra o autor.

Considerarei melhor e vi que verrinas nada adiantam, não destroem; se, acaso, conseguem afugentar, magoar o adversário, os argumentos deste ficam vivos, de pé.

O melhor, pensei, seria opor argumentos a argumentos, pois se uns não destruíssem os outros, ficariam ambos face a face, à mão de adeptos de um e de outro partido.

Com essa reflexão, que me animo a chamar de bom conselho e excelente inteligência, vieram-me recordações de minha vida, de toda ela, do meu nascimento, infância, puerícia e mocidade.

Mentalmente comparei os meus extraordinários inícios nos mistérios das letras e das ciências e os prognósticos dos meus professores de então, com este meu triste e bastardo fim de escrivão de coletoria de uma localidade esquecida.

Por instantes, dei razão ao autor do escrito.

Cheio de melancolia, daquela melancolia nativa que me ensombra nas horas de alegria e mais me deprime nas de desalento, acendi nervosamente um cigarro, fui à janela, olhei um momento o rio a correr e me pus a analisar detidamente os fatos de meu passado, que me acabavam de passar pelos olhos.

Verifiquei, que, até ao curso secundário as minhas manifestações, quaisquer, de inteligência e trabalho, de desejos e ambições, tinham sido recebidas, senão com aplauso ou aprovação, ao menos como coisa justa e do meu direito; e que daí por diante, dêis que me dispus a tomar na vida o lugar que parecia ser de meu dever ocupar, não sei que hostilidade encontrei, não sei que estúpida má vontade me veio ao encontro, que me fui abatendo, decaindo de mim mesmo, sentindo fugir-me toda aquela soma de idéias e crenças que me alentaram na minha adolescência e puerícia.

Cri-me fora de minha sociedade, fora do agrupamento a que tacitamente eu concedia alguma coisa e que em troca me dava também alguma coisa.

Não sei bem o que cri; mas achei tão cerrado o cipoal, tão intrincada a trama contra a qual me fui debater, que a representação da minha personalidade na minha consciência, se fez outra, ou antes esfacelou-se a que tinha construído.

Fiquei como um grande pacote moderno cujos tubos da caldeira se houvessem rompido e deixado fugir o vapor que movia suas máquinas.

E foram tantos os casos dos quais essa minha conclusão ressaltava, que resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem perífrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão belos começos.

Com isso, não foi minha tenção fazer obra d'arte, romance, embora aquele Taine que, certa vez, o doutor Graciliano, o promotor público, me deu a ler, dissesse que a obra d'arte tem por fim dizer aquilo que os simples fatos não dizem.

Não é meu propósito também fazer uma obra de ódio; de revolta enfim; mas uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno.

Perdoem-me os leitores a pobreza da minha narração.

Não sou propriamente um literato, não me inscrevi nos registros da Livraria Garnier, do Rio, nunca vesti casaca e os grandes jornais da Capital ainda não me aclamaram como tal - o que de sobra, me parece, são motivos bastante sérios, para desculparem a minha falta de estilo e capacidade literária.

Caxambí, Espírito Santo, 12 de julho de 1905.

Isaias Caminha, escrivão da Coletoria.